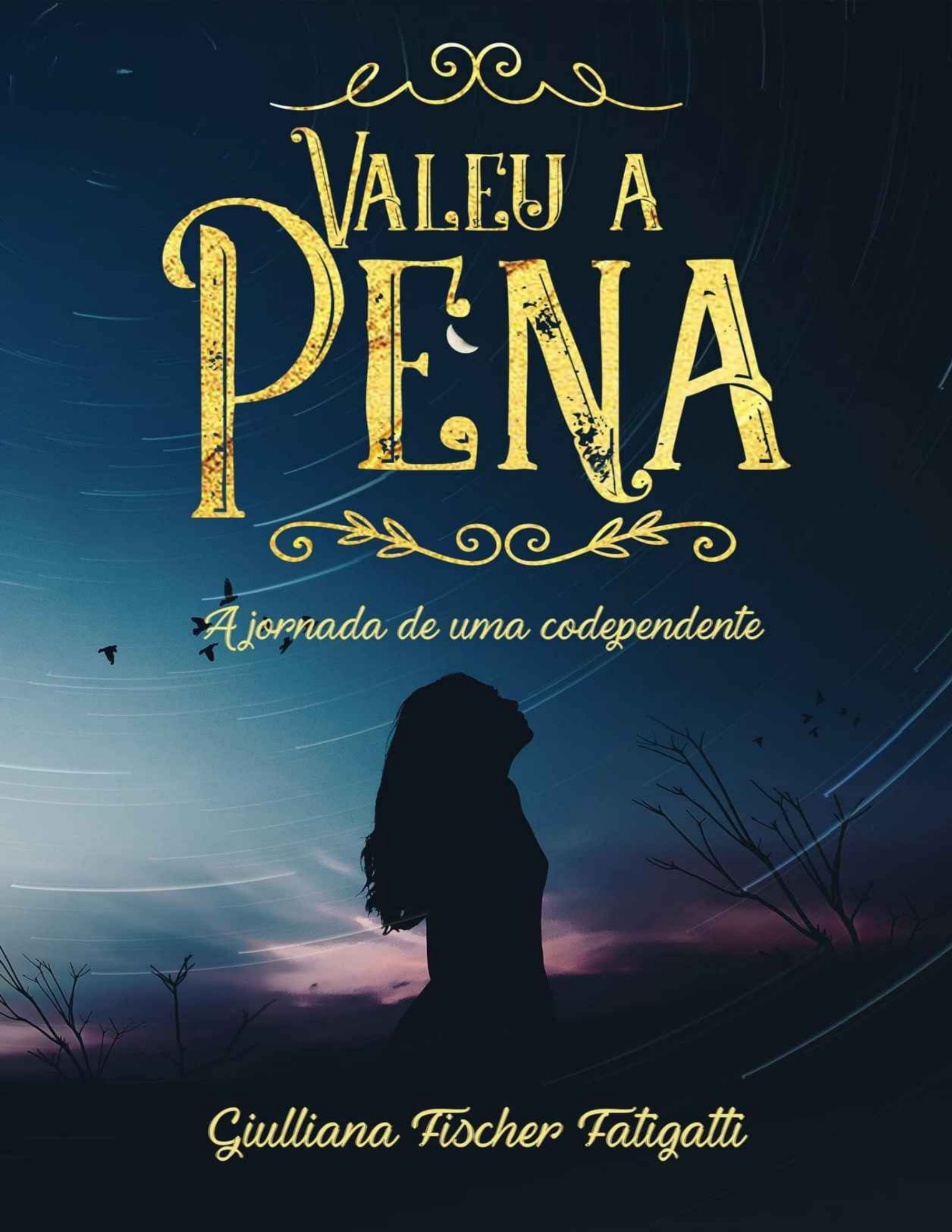


The background of the book cover is a dark, deep blue sky filled with numerous white, curved light trails that create a sense of motion and depth. In the lower center, the silhouette of a woman with long, dark hair is shown from the chest up, her head tilted back and looking towards the sky. To the right of the woman, the dark, bare branches of a tree or shrub are visible against the sky. The overall mood is contemplative and serene.

VALEU A PENA

A jornada de uma codependente

Giulliana Fischer Fatigatti





VALEU A PENA

A jornada de uma codependente

Giulliana Fischer Fatigatti

Valeu a pena
A Jornada de uma Codependente

Giulliana Fischer Fatigatti

Copyright 2019 Giulliana Fischer Fatigatti

Capa: Sara Vertuan

Todos os direitos reservados a autora.

Contents

[Valeu a pena](#)
[Dedicatória](#)
[Agradecimentos](#)
[Eu conheci um ANJO](#)
[PRÓLOGO](#)
[FOI ASSIM](#)
[E OS DIAS FORAM SE PASSANDO](#)
[A DESCOBERTA](#)
[SURPRESAS](#)
[DESESPERO](#)
[NÃO CHORE ESTA NOITE](#)
[A FUGA](#)
[A VERDADE](#)
[O REENCONTRO](#)
[O LAR TEMPORÁRIO](#)
[O PESADELO](#)
[A CLÍNICA](#)
[A QUEDA](#)
[A CRISE](#)
[OVERDOSE](#)
[OUTRA CLÍNICA](#)
[A DOR](#)
[A TENTATIVA DE UM RECOMEÇO](#)
[A VISITA](#)
[CODEPENDÊNCIA](#)
[ANJOS](#)
[A DESPEDIDA](#)
[VIDA QUE SEGUE](#)
[VALEU A PENA](#)
[SOBRE O LIVRO](#)
[E O QUE VEIO DEPOIS?](#)

VOE EM PAZ, ANJO GABRIEL
SOBRE A AUTORA



Dedicatória

Esse livro é dedicado integralmente à minha amada mãe.
Ela, que é guerreira e determinada.
Ela, que é o meu espelho, a quem eu devo tudo o que sou hoje.
Ela, quem me ensinou a ter fé, me ensinou a não desistir, me ensinou a lutar.
Ela, que lutou bravamente a sua vida toda.
Ela, que merece toda a minha gratidão.
Ela, que foi muito além do que qualquer mãe iria.
Ela, minha mãe, que me ensinou a ser mãe.
Esse livro foi escrito com a intenção de homenageá-la pelo seu aniversário que se aproxima.
Mãe, é o melhor que posso fazer como forma de gratidão.

Fevereiro/2011



Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a Deus por nunca ter me abandonado.

Agradeço a minha mãe por ter feito tudo o que fez, sem ela, eu jamais conseguiria.

Agradeço ao meu irmão Rodrigo, ter o apoio dele foi fundamental nessa jornada, ele abraçou a causa conosco e sem o apoio dele, não conseguiríamos.

Agradeço a minha amiga, a minha amiga iluminada Fabiana, foi ela quem me levantou quando eu estava caindo e me trouxe de volta à vida.

Agradeço a todos os “anjos” que Deus teve o cuidado de colocar em minha vida, sei que houve um propósito para cada uma dessas pessoas que passou pela minha vida nessa minha jornada.

Serei eternamente grata ao meu marido Roberto, por todas as vezes

que ele esteve ao meu lado, por toda a alegria que ele trouxe para a minha vida, por todo sonho que ele tornou realidade, por tudo o que estava errado e ele transformou em certo, por todo o amor que encontrei nele, pela paciência que teve comigo por causa dos estragos emocionais que ainda estavam latentes em mim quando nos conhecemos. Ele me amou desde o início, quando eu ainda não me amava, ele me deu a oportunidade de amar e ser amada sem sentir medo. Ele esteve e está ao meu lado, me segurando, me dando forças, ele enxergou o que há de melhor em mim, nunca me deixou cair, ele acreditou em mim quando eu mesma não acreditava.

Agradeço a ele por estar ao meu lado nesses anos todos e por ter me dado a minha filha, Victória, a nossa vitória. A minha vitória, vitória sobre meus traumas, meus medos, minha codependência.



Eu conheci um ANJO

Um anjo vindo do céu com alguma missão ainda desconhecida.

Durante o seu percurso de descida do Céu à Terra, esse anjo passou a ficar cada vez mais próximo e ter conhecimento acerca das experiências humanas, a cada nível em que ele descia, algo novo era descoberto e lhe era mostrado, paulatinamente ele descobriu o amor, a bondade, a generosidade, descobriu a beleza, aprendeu a sorrir e a fazer os outros sorrirem, descobriu a alegria na forma mais pura que há e quanto mais ele se aproximava da Terra, mais intensas eram suas emoções e mais próximo das emoções humanas ele ficava, entretanto pouco antes de tocar seus pés na Terra, ele descobriu a dor, a inveja, a angústia, descobriu a fraqueza e suas consequências, conheceu a solidão sem nem ao menos tê-la vivenciado, descobriu que havia pessoas ruins, energias ruins e momentos ruins, descobriu os vícios e seus malefícios, conheceu a sensação vazia que uma decisão errada pode causar, vivenciou o

lado mais obscuro do ser humano. Então, finalmente quando esse anjo chegou, ele já era muito mais humano do que anjo, pois, durante o seu percurso de descida, ele havia se familiarizado com as experiências humanas tornando-o praticamente um humano como nós.

Só quem ao seu lado esteve é que fora capaz de reconhecer a sua origem, porque mesmo tendo vivenciado e praticado as situações e atitudes mais horripilantes, ele ainda tinha dentro de si a alma de um anjo, a bondade de um anjo e a inocência de um anjo. Esse anjo vivenciou o terror na Terra, mas aprendi que deveria haver uma explicação para isso e que enquanto a sua alma for a alma de um anjo, haverá sempre uma saída, haverá sempre a possibilidade de um resgate, haverá a possibilidade da nova vida sobre a luz.

É só uma questão de tempo, eu sei que esse anjo encontrará o seu caminho, seguindo a luz que vem do Céu, seguindo a ordem Divina de que ele veio à Terra para ser feliz e não para sofrer.

Eu conheci um anjo e por tudo que vivi, digo que valeu à Pena.



PRÓLOGO

Comecei a escrever essa história quando tinha ainda 12 anos de idade e mal sabia eu, que anos mais tarde, a história se tornaria realidade, pode parecer coincidência, pode até ser a tal da lei da atração que diz que atraímos para as nossas vidas tudo aquilo que desejamos e também o que não desejamos, somente pelo fato de pensar sobre, não sei ao certo, acontece que de certa forma, eu atraí para a minha realidade aquilo que eu havia escrito, com a diferença de que aos 12 anos eu não sabia ao certo o que era o chamado mundo das drogas, o que eu havia escrito, ainda com uma péssima caligrafia, não chegou nem perto da realidade que eu vim a vivenciar anos depois.

Na minha história, escrita para passar o tempo, dois jovens se apaixonam e tempo depois, o jovem começa a usar drogas e a namorada passa a fazer de tudo para ajudá-lo. Até aí, ficção e realidade caminham lado

a lado, mas, a história que vou contar daqui por diante, deixa de ser ficção e vocês passarão a ler a minha realidade e não a de um personagem.

Espero que vocês entrem em meu mundo e passem a enxergar através dos meus olhos como é dura e penosa a vida de um dependente químico e por sua vez, a de um codependente. Quero tentar expor com a maior clareza possível, um mundo onde a dor e o sofrimento prevalece quase que vinte e quatro horas por dia, um mundo de constantes batalhas internas entre o certo e o errado, o bem e o mal, um mundo ainda desconhecido por muitos e que por sua vez, julgam de maneira impetuosa o adicto, rotulando-o injustamente como sem-vergonha, covarde, fraco, entre outros adjetivos, sem nem ao menos tentar enxergá-los como seres humanos, seres humanos que estão adoecidos e precisam desesperadamente de ajuda antes que sejam consumidos pela própria doença.

Foi inserida nesse mundo que, descobri o significado da codependência, onde parei de viver a minha vida para ajudar o meu então namorado, achando que estava fazendo o certo.

Tudo mudou rápido demais sem que eu percebesse o que estava fazendo, minha vida não era mais minha vida, minha respiração não era mais pela minha sobrevivência, eu respirava por ele, eu vivia por ele, eu me anulei em nome de algo maior, eu deixei de existir, eu era somente a sombra de mim mesma e mais nada e assim fui durante quase um ano de minha vida. Eu deixei de existir convicta de que tudo o que eu estava fazendo era para o bem dele, quando que na verdade, muito do que fiz não o ajudou em nada, apenas postergou algo que poderia ter acontecido antes. Mas, ainda assim, digo que valeu a pena fazer o que fiz, porque conheci o outro lado também, um lado que aqueles que estão com seus olhos encobertos pelo sentimento de julgamento são incapazes de enxergar.

Não vou contar uma história de amor que começa com o “Era uma vez” e termina com o final clichê “E eles viveram felizes para sempre”, nesse mundo, isso não existe, vou contar tudo o que passei tudo o que aprendi e espero que a minha história possa ajudar alguém, talvez um parente, talvez uma namorada (o), talvez um codependente. Espero que o meu sofrimento possa ajudar a acalmar o coração aflito de uma mãe que nesse exato momento possa estar sangrando ao ver seu filho (a) se afundar cada vez mais e não ter mais forças para ajudá-lo; espero que minhas palavras possam diminuir o desapontamento de um pai que viu ir em por água abaixo todas as expectativas que depositou em seu filho(a); espero conseguir acalmar e

diminuir o sentimento de impotência de uma namorada(o), que não sabe mais o que fazer para ajudar o seu amado(a) e que não consegue mais enxergar a tão sonhada luz no fim do túnel.

Quando decidi escrever esse livro, decidi que contaria tudo minuciosamente sobre o que vivi em relação às drogas, mas decidi que não iria expor a minha relação vivida com o meu ex, até porque, o meu intuito não é de escrever um romance, embora, seja sim, uma linda e triste história. Tentarei seguir a ordem cronológica dos fatos, embora, alguns acontecimentos, eu fiz questão de esquecer, enterrando-os no lado direito do meu cérebro e por isso, é um esforço grandioso para eu trazer todas essas recordações de sofrimento à tona.

Por respeito, o nome dele será preservado, o chamarei por um nome fictício de Gabriel e mais tarde entenderão o porquê. Desde já, deixo claro que para mim, ele é um vencedor, seja qual for o final dessa história.

*“Entender a vontade de Deus para nós,
nem sempre é fácil, mas crer que Ele
está no comando e que tem um plano
para a nossa vida, faz a caminhada
Valer a Pena!”*



FOI ASSIM

A música estava tocando e a pista de dança estava cheia, no palco bem acima de nós, o DJ com sua *pick up* se empolgava mais a cada música e em volta, luzes coloridas iluminavam o grande salão. Eu adorava sair para dançar, estava fazendo isso com frequência nos últimos três meses, fazia alguns meses que eu estava “solteira” novamente, havia terminado um namoro de dois anos há pouco mais de cinco meses, e estava voltando a viver como uma adolescente de 17 anos, voltando a sair de casa com as amigas, voltando a sair para dançar, que era a coisa que eu mais gostava de fazer.

Dançando, o meu mundo parava, era somente eu e minha mente no meio da pista, nada mais importava, tudo ficava perfeito, é a mesma sensação que sinto quando estou no mar, dançando eu me sentia livre e no mar eu sinto que tudo o que há de ruim é levado pelas ondas zerando tudo, recomeçando, ambas, são as sensações que eu mais gosto na vida.

Nós nos olhamos durante alguns momentos em que estivemos perto um do outro, minhas amigas perceberam, mas eu ainda não estava certa se ele estava me paquerando.

Ele tinha algo no olhar que eu não conseguia decifrar, era angelical e ao mesmo tempo triste, era intimidador e ao mesmo tempo convidativo, eles brilhavam sob a luz intensa da danceteria.

Pele branca como a neve, olhos vibrantes, mas tristes, buscando algo o tempo todo, escondendo algo, se escondendo. Eu o achei, ele me achou.

A noite foi passando, eu estava me divertindo com meus amigos e amigas, dançando, aproveitando a liberdade que há tempos não sentia. Meu ex-namorado era extremamente ciumento, então, sair para dançar era um programa que não fazia mais parte do nosso cotidiano, por isso, as noites de sábado havia se tornado especial para mim.

Já estava no fim da chamada balada quando ele veio falar comigo, quase que como em um sussurro, perguntou meu nome e se apresentou e foi assim que nos conhecemos.

Senti borboletas em meu estômago, perdi a fala e as palavras pareciam que haviam sumido de minha mente e eu correndo desesperadamente atrás delas, pedindo para que não me abandonassem naquele momento, pois eu não sabia o que dizer, ele percebeu de imediato a minha ridícula situação e fez com que tudo parecesse normal. Eu estava desacostumada a tudo aquilo.

Por incrível que pareça, naquele fim de noite, apenas conversamos, trocamos telefones e fui embora com minhas amigas com a esperança de que no dia seguinte ele me ligasse.

E me ligou.

Eu já havia marcado de ir ao cinema com minhas amigas, mas nos encontramos no shopping após o filme e naquele mesmo dia começamos a namorar. Conversamos sobre tantos assuntos, a sintonia era perfeita, tínhamos os mesmos gostos para tantas coisas, é incrível como no começo de um relacionamento há tantas afinidades, tantos interesses mútuos, tudo parece ser único, simples assim.

Ele era divertido, mesmo com o olhar doce e triste, conseguia me passar uma sensação boa, sem ser demagoga e sem ofender a imaginação de ninguém, eu sentia que estava próxima a um anjo quando estava ao seu lado, talvez, um anjo caído, e quando digo caído é pura e simplesmente pelo fato dele ter se tornado mais terreno do que celestial, por ele ter cedido às

tentações, não tem o mesmo sentido de Anjo Caído (mau) que se conhece na história da Bíblia, era um anjo belo e protetor como os que imagino em minha mente.

Em pouco tempo, havíamos incluído um ao outro em nossas rotinas, onde fazíamos tudo juntos, todo tempo disponível que tínhamos, passávamos juntos. Talvez isso incomodasse aos outros, mas não a nós, não ficávamos juntos por obrigação, por sermos namorados, ficávamos juntos porque nos sentíamos incompletos quando estávamos longe um do outro.

Certo dia, na minha casa, eu estava deitada sobre o colo dele e ele me observando e sem saber explicar, lágrimas começaram a sair de meus olhos e ao mesmo tempo, olhando nos olhos dele, percebi que também estavam marejados de lágrimas. Isso pode parecer ridículo, pode parecer invenção, mas foi exatamente desse jeito que aconteceu, sem entender choramos olhando um para o outro.

— O que houve? — Eu perguntei

— Não sei dizer. — Respondeu ele. — Senti um aperto e também uma alegria e quando percebi já estava chorando.

Foram minutos de silêncio olhando um para o outro, eu senti o mesmo que ele e não sei dizer ao certo se a sensação era boa ou ruim, mas tal fato me marcou muito, pois vim a chorar muitas e muitas vezes depois, só que por um motivo que eu jamais imaginaria.

Eu trabalhava em uma loja de presentes, eu adorava meu emprego, foi o meu primeiro emprego e carregava comigo ótimas lembranças de lá. Ele trabalhava em uma loja de ferramentas a pouco mais que um quarteirão do meu trabalho, isso facilitava para que nos víssemos mais vezes durante a semana.

O colégio em que eu estudava era caminho da casa dele, então, saíamos do trabalho e íamos juntos até o colégio e ainda assim, muitas vezes nos falávamos por telefone quando eu chegava em casa após a aula. Ele não estudava e eu não sabia ao certo o porquê, mas também, eu não era do tipo que fazia um interrogatório logo no começo do namoro. Ele era trabalhador e de família boa, fui muito bem recebida pela família dele, no começo, às vezes, eu sentia que eles me viam como a salvação para o Gabriel e eu não entendia o motivo, até que, um dia, estávamos sentados no banco do shopping, no mesmo banco onde ele me pediu em namoro logo no nosso primeiro dia, e ele disse que queria conversar sobre o passado dele, sobre a sua história.

— Jú — sim, ele me chamava de Jú —, faz pouco mais de dois anos que estou limpo - começou ele, e eu sem entender nada deixei que ele prosseguisse.

— Comecei a usar drogas ainda quando criança, logo que meus pais se separaram, não que isso justificasse — continuou ele — Na verdade, não sei se tem um motivo.

Ele encarou-me por alguns instantes esperando alguma reação negativa da minha parte, mas que reação negativa eu poderia ter se nem saber ao certo o que era drogas e diferenciá-las eu sabia?

— Na verdade, tem muita coisa sobre mim que preciso contar, sou filho adotivo, e também não uso isso como justificativa, mas minha mãe biológica, antes de me entregar ao orfanato, tentou me estrangular, eu quase morri por falta de ar, quando ainda era bebê.

Eu pude perceber a dor em seus olhos, eles pareciam arder em fogo, por mais que ele negasse, que ele dissesse que isso não justificava o fato dele ter começado a usar drogas, era difícil acreditar que ele, como filho, não sofresse por saber a verdade sobre sua mãe biológica, já está mais do que comprovado que a criança, quando não se sente amada, passa a ser uma criança insegura, e cresce com esse sentimento embutido em seu subconsciente, acho que com ele não foi diferente, pois, em vários momentos, ele demonstrava ser uma pessoa totalmente insegura, com falta de autoconfiança.

— Mas a sua família adotiva gosta muito de você pelo o que pude perceber. — Eu disse, tentando diminuir o peso das palavras que ele havia dito.

— Sim, eles gostam, mesmo depois de tudo o que eles já passaram por minha culpa. — ele fez uma pausa, mais uma vez, buscando em meu olhar alguma reação da minha parte, mas eu continuei firme, sentada ao seu lado segurando a sua mão.

— O que pode ser tão grave assim? — perguntei com um nó em minha garganta.

Desse momento em diante, passei a conhecer o sofrimento de um ex-usuário de drogas, que mais tarde, vim a aprender que não existe ex-usuário.

Ele respirou fundo, com as mãos impacientes, talvez com medo de que eu o desaprovasse por tudo o que ele estava prestes a me contar e eu dei a ele o tempo que ele precisou para continuar.

— Comecei a usar com a turma da rua, a turma do bairro, eu tinha por

volta de 13 anos.

Eu não acreditei.... Ainda uma criança. Como, uma criança de 13 anos começa a usar drogas?

— Comecei como tudo mundo, ou, a grande maioria, com a maconha, mas não demorou muito e eu já estava na “pedra”. — ele me encarou e a dor que vi em seus olhos me fez queimar por dentro, eu queria pedir para ele parar, dizer para ele que nada do que ele dissesse sobre o passado dele importava, que ele deveria focar no presente, mas eu sabia que não podia fazer isso, sabia que seria bom para ele se continuasse, percebi que ele estava ficando aliviado em me contar.

— Daí em diante, foi só desgraça, minha família sofreu muito, chegou a pensar que não tinha mais jeito, peguei muita coisa de casa para vender e comprar crack, minha mãe sofreu muito, meus irmãos haviam perdido as esperanças de que eu me recuperasse, eu vivi na rua, dormi na rodoviária, em banco de praça, virei às costas para a minha família, fiz coisas das quais não me orgulho...

Ele começou a contar cenas da sua tragédia pessoal, parecia que eu estava inserida em um pesadelo, daqueles em que você tenta gritar, mas, a sua voz não sai, fui dominada por um sentimento terrível de impotência.

O pior momento, o mais agonizante, foi quando ele começou a contar sobre o dia em que abriram a porta de seu quarto e sem ter tempo de reação, os enfermeiros enormes que mais pareciam lutadores de jiu-jítsu o agarraram e ele foi levado às forças para uma clínica de reabilitação, onde foi sedado com uma injeção de sossega leão para acalmá-lo. Nesse momento, meus olhos já estavam cheios de lágrimas, sinceramente, na época, eu não sabia como funcionava as internações e nem sabia que ainda existia o tal método do sossega leão, onde, para colocarem o paciente na ambulância, eles aplicam uma injeção tranquilizante e o mesmo, quando acorda, já está no leito de um hospital psiquiátrico ou em uma clínica de reabilitação. Isso havia acontecido com ele e me doeu mais ainda ao ouvi-lo dizer que não foi uma única vez, que esse processo havia se repetido inúmeras vezes, por culpa dele mesmo, porque, na verdade, ele não queria se curar, não queria se livrar do vício, na verdade, não conseguia e por isso acabava fugindo das clínicas em que era internado.

Ele estava de cabeça baixa quando disse — Você deve estar me achando um monstro não é mesmo? Deve estar achando que fui estúpido por não querer me curar, mas eu te digo uma coisa, eu não acreditava que eu

pudesse me curar, porque no final, o que tirava o vazio que eu sentia dentro de mim, o que me dava prazer era a maldita pedra.

Conforme ele foi falando, parecia que eu estava ouvindo as badaladas do sino da Catedral da Sé bem dentro de meus tímpanos, fui ficando atordoada, sem entender como era possível tudo aquilo ter acontecido com ele e ele estar bem, ali, ao meu lado, era como se a história que ele estava contando não era sobre ele e sim sobre um garoto qualquer, um personagem de um livro. Com o passar dos minutos, o barulho dos sinos foi diminuindo e tudo foi ficando mais claro, era por isso que ele não estava estudando, ele havia largado os estudos na época da dependência e não havia voltado mais; as peças do gigantesco quebra-cabeça foram se encaixando. Todas as quartas-feiras, eu sabia que ele tinha compromisso, mas nunca eu havia perguntado o que ele fazia, naquele dia, ele me disse que o seu compromisso era com a psicóloga, ele ia toda semana, na verdade, ele não sabia se estava fazendo algum efeito o tratamento, mas que ele se sentia bem ao ir.

Nós estávamos caminhando pelo shopping e eu ainda estava estarecida com o pouco do que ele me dissera, e após alguns segundos de silêncio, ele disse que ainda não tinha contado tudo, com um singelo sorriso nos lábios, completou falando que era para não me assustar.

— Fique à vontade para dizer o que quiser e quando quiser. — murmurei baixinho.

— Obrigada. — agradeceu ele, sorrindo novamente.

Saímos do shopping e fomos comer um cachorro quente em uma barraquinha de lanches, como se nada tivesse acontecido.

Fiz um esforço tremendo para não pensar mais naquilo durante o resto da noite ao lado dele, mas, quando já estava em casa, deitada em minha cama, flashes do que ele havia me dito vinham à minha mente como se fossem bolinhas de sabão pairando sobre o ar, sem fazer nenhum sentido, nada parecia fazer sentido naquele momento, fui me lembrando com mais clareza os detalhes do que ele havia me contado e que na hora eu havia deixado escapar por estar atônita demais. As noites em que passou na rua, dormindo em qualquer lugar, o desespero para comprar e sustentar o seu vício, sua mãe implorando por várias vezes para que ele parasse, implorando para que ele não levasse mais nada de casa. Por alguns segundos, pude sentir um milésimo da dor que a família dele havia sentido durante anos, uma dor sufocante, o ar vai acabando e você tenta desesperadamente respirar, você tenta se livrar daquela sensação de que não tem mais jeito, de que não tem mais solução.

E eu adormeci com aquele sentimento em mim...



E OS DIAS FORAM SE PASSANDO

Acordei com a sensação de que havia sido atropelada por um trem, minha mente parecia que estava jogando caça palavras sem a minha participação, um embaralhado de palavras dançando e correndo dentro de meu cérebro. E quando abri meus olhos, a delas que me veio foi AUTODESTRUÇÃO, acho que essa é a palavra que mais exemplifica a conclusão que cheguei em relação a tudo o que eu havia escutado na noite anterior. No dicionário, sua interpretação é: “Comportamentos negativos e destrutivos que um indivíduo tem para consigo mesmo”. Eu não sabia os motivos que o levaram a usar drogas, mas tive a certeza de que tinha a ver com isso, autodestruição, consciente ou não.

Depois de uma avalanche de informações, senti dentro de mim que nada havia mudado e que isso não impediria o nosso relacionamento, coloquei à frente o nosso sentimento que estava ainda crescendo e resolvi

tratar do assunto como parte do passado dele, somente isso. Eu já o conhecia o suficiente para saber que ele merecia a minha confiança, apesar de tudo o que ele havia me contado, eu ainda via nele algo relacionado à pureza e ingenuidade e isso fez com que eu não sentisse em nenhum momento medo de que ele estivesse me enganando. Eu estava segura, estava certa disso.

E assim, os dias foram se passando, eu já sabia um pouco mais sobre ele, comecei a observar os seus atos e passei a compreender melhor algumas atitudes e com o tempo, fui percebendo algumas ações que passaram a me preocupar, percebi lentamente que ele ainda não havia superado seus traumas, suas fraquezas, como uma trama de uma teia de aranha, assim era o seu estado emocional.

Tínhamos um relacionamento tranquilo e amoroso, ele não media esforços para me agradar, me dava toda atenção do mundo, me elogiava constantemente e adorava me surpreender.

Éramos a fotografia de um casal perfeito, algumas pessoas diziam até que éramos parecidos, ambos com cabelos claros e pele clara, ele não era alto, mas também não era baixo, era do tamanho perfeito para eu me aninhar em seu peito e me sentir a garota mais sortuda do mundo por tê-lo conhecido.

Ele também era vaidoso. Adorava se vestir bem e os seus cabelos estavam sempre impecavelmente e propositalmente bagunçados, arrepiados para cima de um jeito que só ele sabia fazer, ele era o meu Wolverine.

Era difícil brigarmos, mas, as poucas vezes que aconteciam, ele reagia de uma forma que me preocupava, na verdade, era sempre depois do ápice da briga, quando ele caía em si, ele agredia a si próprio, batendo a sua cabeça contra a parede dizendo coisas horríveis sobre ele mesmo. Isso me fazia ter certeza de que algo dentro dele ainda não estava bem, mas eu não sabia como lidar com isso, tentei ajudá-lo do meu jeito, salientando e ressaltando sempre as suas qualidades, fazendo ele se lembrar de que ele era um vencedor e que eu me orgulhava de namorá-lo.

O fato de ele ter sido sincero comigo desde o começo, contando sobre a sua infância, me ajudou muito a compreender as suas atitudes e a querer ajudá-lo, embora ele não tivesse muito estudo e com o tempo fui percebendo que isso pesava muito para ele, pois ele era inteligente e tinha o pensamento rápido e era muito, muito esforçado, mas isso não era o suficiente para ele, seu sentimento derrotista o perseguia constantemente.

No trabalho, ele se sentia inferiorizado em relação aos outros funcionários, às vezes ele me contava alguns acontecimentos e eu não sabia

distinguir se era fato mesmo ou se era “exagero” da parte dele, pois fui percebendo a forte tendência que ele tinha em aumentar o tamanho dos fatos. A família dele também tinha consciência disso, tanto é que, muitas vezes, quando ele se queixava sobre algo, eles não davam tanta importância como ele esperava e com o tempo, eu também.

Às vezes eu sentia que ele estava exagerando e eu errava tentando diminuir o tamanho do “problema”, o que era para ele algo gigantesco, para quem estava de fora, era minúsculo e está aí um ponto muito importante, o dependente químico tem como característica forte a supervalorização dos fatos e quando isso ocorre, ele espera que quem está próximo dele lhe dê razão e enxergue como ele, começa aí a rodar a gigantesca roda gigante, pois, quanto mais ele aumentava os fatos, mais eu e seus familiares diminuíamos, causando nele sentimentos de desamparo, na verdade nem eu e nem a família dele sabíamos como lidar com ele, mesmo eles terem passado por uma experiência devastadora, não sabiam o que era certo ou errado em relação a um dependente químico.

O nosso namoro foi amadurecendo, ele voltou a estudar com incentivo meu, passávamos as tardes de domingo estudando, eu sentia prazer em ajudá-lo porque a resposta era sempre positiva, ele se interessava e se dedicava, ele aprendia fácil, mas precisava sempre de incentivo, caso contrário, por qualquer erro bobo que ele cometesse, ele desistia e se cansava.

Eu estava no cursinho preparatório para o vestibular, havia decidido desde meus treze anos que queria ser psicóloga, e ajudá-lo a estudar trazia benefícios para mim também, e era usando isso a favor dele que eu conseguia incentivá-lo.

Levávamos uma vida normal de casal de namorados, com o tempo paramos de ir a danceterias e passamos a sair para jantar e assistir filmes no cinema, estávamos sempre juntos, eu estava sempre na casa dele e ele na minha, vez ou outra saíamos com nossos amigos e assim íamos levando, mas sempre algo nos perseguia, é inexplicável, mas para ele, mesmo estando “limpo”, longe das drogas, a sensação de que há algo fora do lugar era constante, parecia que sempre havia algo que o incomodava, não estava cem por cento feliz e realizado, ele constantemente se sentia deslocado, como se pertencesse a outro mundo e estivesse lutando fortemente para se adaptar ao mundo real. A sua insegurança era um fato marcante da sua personalidade, perceptível com pouco tempo de convivência.

Mesmo com tudo isso, era impossível não ressaltar as suas

qualidades, mesmo tendo morado nas ruas quando se drogava, mesmo tendo furtado objetos da sua família em um ato de desespero total para comprar drogas e sustentar o seu vício, posso dizer que ele tinha o que chamamos de beleza interior, pois ele era doce, meigo e carinhoso, era bondoso e não sabia guardar mágoas e para mim, isso tudo era o mais importante.

Tínhamos uma sintonia forte, pensávamos igual em muitas coisas e discordávamos em poucas outras, ele era mais ciumento do que eu, mas nada exagerado, nesse ponto éramos tranquilos e equilibrados, eu sabia que não podia vacilar, que não podia deixá-lo se sentir inseguro, sabia que ele era frágil em relação a si mesmo, então, o meu esforço para fazê-lo acreditar que ele era especial para mim era uma luta diária.

Às vezes eu me cansava um pouco disso, às vezes eu me cansava de ser a mais forte da relação, mas, eu tinha que ser e não tinha escolha, eu não tinha o direito de ser fraca, de sentir desânimo por qualquer motivo que fosse, porque isso o deixaria mal e era tudo o que eu não queria.

Passamos mais de um ano dessa forma, eu contornando as recaídas emocionais que ele tinha em relação a si próprio e fazendo o possível para que ele acreditasse nele mesmo, ajudando de todas as formas possíveis, nunca reclamei por isso, mesmo quando me sentia cansada de ser a mais forte, eu tinha dentro de mim que valeria a pena.

Eu acabei desenvolvendo sem saber, um meio de entendê-lo, através de seus atos e sua fala, passei a decifrá-lo, chegamos ao ponto de que ele não precisava mais me dizer se estava bem ou mal, bastava eu olhar para ele, ver como estava vestido, analisar por alguns minutos o seu comportamento e eu sabia.

E foi assim que descobri.



A DESCOBERTA

Foi horrível ouvir da boca dele a confirmação daquilo o que eu mais temia, um punhal foi cravado em meu peito naquele momento, jorrando sangue para todos os lados. Meu estômago embrulhou, senti uma forte vontade de vomitar, me senti enfraquecida, desesperada.

Era o pior dos pesadelos, eu podia lutar contra tudo, menos contra aquilo, a vontade de gritar me veio à garganta, eu quis implorar para que ele dissesse que era mentira, desejei do fundo do meu ser que aquilo não estivesse acontecendo, que em breve eu iria ver que era um terrível engano, que como em um passe de mágica, nada daquilo era verdade.

Comecei a procurar os possíveis motivos, quase dois anos de namoro se passaram pela minha cabeça em menos de um minuto e procurei nesse tempo, aonde eu poderia ter errado.

Culpa!

De imediato me veio à sensação de culpa, talvez se eu o tivesse escutado mais, se eu tivesse dado mais apoio, tivesse insistido para que ele continuasse o tratamento com a psicóloga, talvez se eu tivesse pesquisado e me interessado mais pelo assunto, saberia como agir melhor com ele nos momentos em que ele dava indícios de que não estava bem, mas eu não fiz nada disso e o pior aconteceu.

— Você está usando drogas, não é? Não adianta você negar, eu já sei de tudo! — eu estava gritando com ele no meio da rua, no caminho para a sua casa.

Estava de noite, era a semana do Natal, eu havia trabalhado até as dez horas da noite, estava exausta, mas sabia que não podia mais adiar aquela conversa, a intuição de que ela estava usando drogas já estava me assombrando há alguns dias, eu estava desesperada, sendo corroída lentamente pela dúvida, estava com medo de julgá-lo erroneamente, e se ele não estivesse usando e eu o acusasse? Mas se não estivesse usando, o que explicaria a mudança tão brusca em seu comportamento? Ele sempre fora tão carinhoso e atencioso comigo, sempre fez questão da minha presença, mas, nas últimas semanas, isso parecia ter mudado, era como se para ele tanto faz, não importava mais se eu não queria ir à casa dele por algum motivo naquele dia, não importava mais aonde eu ia ou o que eu fazia, tudo estava perdendo o sentido, eu nunca concordei muito com isso, mas ele sempre me tratava como uma princesa de ouro dentro de uma redoma de vidro, eu vivia implicando com ele por causa disso, pois, sabia que quanto mais ele me idolatrava e quanto mais alto fosse o pedestal em que ele me colocasse, mais para baixo ele ia ficando, mais inferiorizado ele ia se sentindo, mas, naquele momento, como desejei estar naquela redoma de vidro, como desejei ser aquela estátua de ouro protegida e idolatrada, como senti falta daquele sentimento quente e protetor.

A redoma havia se quebrado e eu estava tentando lentamente juntar os cacos espalhados pelo chão, minhas lágrimas não eram o suficiente para que ele se comovesse e dissesse que eu estava enganada.

— Jú, me deixa explicar! — ele estava nervoso e tinha pressa em sua voz.

Vi em seus olhos o espanto por eu o estar confrontando. Parecia que havia uma bola em sua garganta, ele mal conseguia me olhar nos olhos, mas a sua primeira reação foi a de negação e indignação e me acusou de estar sendo injusta com ele, mas a cada palavra dita por ele, eu tinha mais certeza de que

minha intuição ou sei lá o quê, estava certa.

— Acho que não tem explicação, como você pôde? — eu estava chorando, e naquele momento a dor chegou ao seu ápice, percebi que as minhas lágrimas não o comoviam mais como antes, a minha dor aumentava a cada passo que dávamos, meu mundo desabou e eu não sabia o que fazer para colocá-lo no lugar novamente, eu só queria que ele dissesse que era coisa da minha cabeça, devaneio da minha imaginação, nada mais.

Mas ele não disse.

Ficamos mudos.

Continuamos a andar.

Chegamos na casa dele, eu, desesperada, aflita e confusa não consegui contar para família dele, não estava certa do que estava acontecendo, fingi estar tudo bem, engoli a vontade de dizer a todos sobre as minhas suspeitas porque eu sabia que se eu estivesse errada, ele não me perdoaria por levar sofrimento desnecessário à família dele.

Jantamos todos na sala e depois fomos para o quarto dele, eu estava mais calma, na verdade havia entrado no processo de negação, dizia a mim mesma o tempo todo que ele estava certo, que eu estava sendo injusta, que ele de forma alguma estaria envolvido com drogas novamente. A minha voz já estava mais mansa, começamos a conversar, ele chorava junto comigo e as promessas de que ia parar começaram.

Nesse momento soube que não dava mais para voltar atrás, soube que não era um pesadelo e que na manhã seguinte quando eu acordasse, nada seria como antes, no momento em que ele jurou parar, meu mundo desabou mais uma vez, como se fosse possível um mundo sair de sua órbita mais de uma vez.

Eu estava começando a minha descida ao inferno.

O fato de ele estar ali, na minha frente com os olhos marejados de lágrimas, era a prova que eu não queria, era a confissão que durante semanas desejei não ouvir.

— Como você soube? — perguntou soluçando.

— Você me mostrou.

— Como assim eu te mostrei? Juro que eu não queria...

— Você mudou, desde o começo do mês comecei a notar a mudança em seu comportamento. — eu estava chorando mais uma vez. — Eu sempre me senti especial ao seu lado, você sempre me fez sentir especial, mas, de algumas semanas para cá, algo estava mudando, demorou um pouco para eu

aceitar a ideia da possibilidade de você.... Você sabe o quê.

— Jú, você é especial para mim... — ele se calou e me fitou segurando em minhas mãos e me fazendo sentir mais dor ainda.

— Não sou mais, não como antes... — respondi friamente. Fui tomada por uma dor incalculável, me senti sozinha, sem proteção, sem ar, com uma forte dor no coração, eu só queria gritar, pedir para que aquela dor parasse.

Tomei fôlego e olhando para minhas mãos trêmulas comecei a falar.

— Você parou de sentir ciúmes, parou de se importar se íamos nos ver e ficar juntos naquele dia ou não, você passou a sumir e não avisar, em quase dois anos juntos, nunca fizemos nada ou fomos a algum lugar em que o outro não soubesse, e isso havia mudado. Desde que o comércio começou a ficar aberto até as dez da noite no começo do mês por conta do Natal e eu tive que ficar trabalhando, suas atitudes foram mudando, eu não sabia onde você estava enquanto eu estava na loja, você dizia que ia para a academia, mas algo dentro de mim, dizia que não, eu quis estar enganada, eu não quis enxergar no começo, mesmo sentindo que algo estava diferente.

Gabriel me olhava confessando a sua culpa. O meu anjo Gabriel, aquele que me enchia de atenção, amor e carinho, estava na minha frente confessando silenciosamente que eu estava certa.

Evitei o seu olhar e continuei:

— Na verdade, você mudou desde que saiu do seu trabalho, se eu soubesse, por Deus que está no céu, eu nunca teria apoiado para você sair, teria ficado contra você, como a sua família fez, mas não, eu disse que estava com você, que estava vendo que estava infeliz, se sentindo inferiorizado e sem valor, agora me pergunto se era verdade ou se você apenas estava justificando a sua fraqueza, se estava apenas me manipulando.

Lembro-me claramente de ter usado essa palavra sem saber que é o que realmente os dependentes fazem, eles manipulam e mentem em benefício próprio, conseguem virar o jogo a favor de si mesmos, nos convencem, nos induzem, é preciso ser muito forte para não se deixar levar pelas desculpas e promessas deles.

Fazia pouco tempo que ele havia decidido sair do seu emprego, a sua família havia sido contra, na época, é claro, eu não havia entendido a gravidade, mas, ter uma rotina, ter responsabilidades, ajudam o dependente em recuperação a manter a mente ocupada, eu não fazia ideia disso e fui a única a ficar ao lado dele, dizendo que o apoiaria e o ajudaria a procurar outro

emprego.

— Eu estava infeliz, não me sentia bem lá no trabalho, não fazia nada que fosse importante para a loja, pelo menos era o que eu sentia. Não menti para você quanto a isso.

— E quanto ao resto? — encarei-o longamente, senti que meus olhos estavam em chamas, e essas chamas ardiam dentro de mim, labaredas de fogo estavam acesas em meu estômago, eu estava inconformada, mais uma vez me veio a vontade de gritar e o desejo de implorar para ele dizer que era mentira, que era um terrível engano, mas, com o passar dos minutos olhando em seus olhos, meu desespero foi aumentando.

— Você está andando com o Fernando, não é? — Fernando (mudei o nome para não o expor) era um “amigo” dele, na verdade, eles consumiram drogas juntos na adolescência, o Gabriel já havia me contado toda a história e até nos apresentados, eu já havia conhecido inclusive a irmã e a mãe dele, pessoas maravilhosas, de alma iluminada que enquanto tentavam salvar o Fernando desse mundo há anos, tentavam ajudar o Gabriel também. Eram duas mulheres guerreiras para quem tiro o chapéu e tirarei o resto da minha vida.

— Não, é claro que não estou andando com o Fernando! — meu Deus, ele estava mentindo para mim, como podia? Não tinha mais nem a decência de me dizer a verdade, mesmo ciente que eu já sabia da verdade.

Mentira, isso passou a fazer parte da nossa relação, descobri com o tempo que o dependente não sente culpa, não porque não tem sentimentos, mas sim porque o que antes era importante, deixa de ser com o uso das drogas, em defesa de si próprio, em defesa de seu vício, eles não sentem culpa.

— Está vendo só? Você continua mentindo! Eu sei que está andando com ele, por isso é que tenho a certeza de que voltou a se drogar! Eu vi vocês dois conversando no começo da semana a noite, depois que me buscou do serviço e me colocou dentro do ônibus, antes do ônibus partir, vi que ele se aproximou de você, daí deduzi o resto.

Foi como eu imaginei, ele não tinha mais como negar, ele sabia que eu tinha certeza de que ele jamais se aproximaria do Fernando novamente se ele ainda estivesse limpo, infelizmente o Fernando ainda estava tentando se recuperar, ele passava um tempo bom e logo vinha a recaída, ele não teve a mesma sorte que o Gabriel teve, não teve nem se quer um ano inteiro de paz...

— Eu só quero saber há quanto tempo? Quero saber o que está usando e o que vai fazer a respeito?

Ele permaneceu calado, como se estivesse buscando ao longe a melhor resposta, àquela que me faria calar.

— Não é nada demais, eu vou parar, eu prometo. Eu amo você, pode acreditar. — respondeu ele, me fitando com os olhos marejados.

Eu quis batê-lo, xingá-lo, chutá-lo, mas o máximo que consegui foi abraçá-lo, buscando em seu peito o mínimo de consolo para a minha dor, mesmo sabendo que ele era o responsável por ela.

Terminamos a noite assim, abraçados, já estava programado de eu dormir na casa dele naquela noite, e eu não estava disposta a ir para minha casa e enfrentar meu travesseiro, concordei com ele em não mudar de ideia e dormir lá.



SURPRESAS

Vai ter horas que você vai querer jogar tudo para o alto; Vai ter horas que você vai querer largar tudo, apertar o botão do foda-se e seguir em frente; Vai ter horas que vai doer tanto, mas tanto, que você vai sentir vontade de colocar para fora essa dor de uma forma até mesmo violenta, você vai querer bater, xingar, chutar; Vai ter horas que você vai se sentir sozinha mesmo estando rodeada por pessoas próximas. [Blogue Livro Valeu a Pena]

Eu simplesmente não dormi à noite, meu cérebro não parou de funcionar nem por um instante, como em uma tempestade no mar, as ondas me jogavam de um lado para o outro da cama, eu estava me afogando, lutando fortemente para sobreviver, gritando por socorro, no meio da escuridão, no meio do nada, no meio do tudo.

O dia amanheceu a única coisa que eu tinha certeza é de que eu tinha que ir trabalhar, ocupar minha mente até saber o que fazer. Me despedi dele com um *te vejo mais tarde* e saí em direção à loja.

Que dia difícil, eu queria contar a alguém, mas sabia que não podia, ninguém entenderia e muito menos ficaria do meu lado, tive que aguentar calada, sofrer sozinha, controlar a dor até o fim do dia, que se rastejava lentamente, como se estivesse em um passeio de domingo. Como doía, eu estava no meio de uma floresta cercada por animais ferozes e sabia que não poderia gritar, que não adiantaria gritar, percebi que teria que descobrir sozinha um meio de me tirar de lá.

Era véspera de Natal, já havíamos combinado de que ele passaria o Natal em minha casa, a família dele ia passar na casa de alguns parentes em uma cidade próxima, voltariam na mesma noite, mas ele já havia dito que não queria ir e antes de tudo isso acontecer, já estava decido que passaríamos juntos.

Durante à tarde daquela sexta-feira do dia 24, ele passou lá na loja, estava cheia de clientes e eu não pude conversar muito com ele, percebi que ele estava desesperadamente buscando em mim, aliviar a sua dúvida, se eu havia dito a alguém, se eu ainda era a sua namorada e mais do que tudo, saber se eu estaria do seu lado. Combinamos de ele ir para a minha casa no começo da noite, eu ia trabalhar até as dezoito horas, então ele ia para a casa dele se arrumar e depois nos encontrávamos na minha casa e passaríamos aquela noite juntos.

Como programado, saí do trabalho e fui para casa, tomei banho e me arrumei, embora ainda estivesse magoada e chocada, eu fiz questão de me arrumar para ele, queria que ele me visse bonita, era uma esperança tola e inocente de que ele iria se dar conta de tudo de errado que estava fazendo e que iria parar.

Já estava ficando tarde, ele não chegava, fui sentindo uma forte dor no peito, tive a mesma sensação ruim de quando eu o vi conversando com o Fernando no ponto de ônibus, comecei a ligar para ele, primeiro na casa e depois desesperadamente no celular, que estava desligado, na caixa postal.

Eu já sabia, senti meu coração diminuir, as horas iam se passando, minha família perguntando por ele e eu não sabia o que dizer, o céu estava ficando acinzentado e sombrio, havia começado a chover, uma forte tempestade, eu estava apavorada, preocupada, não me perdoaria se algo acontecesse a ele, comecei a me culpar dizendo a mim que eu devia ter dito à

família dele antes de irem, devia ter contado à mãe dele que seu filho estava usando drogas novamente e acabar com a noite de Natal de todos. Não, eu não podia fazer isso, mesmo porque, eu não sabia da gravidade do problema, não sabia que tipo de drogas ele estava usando e nem sabia diferenciá-las.

Passei mais de três horas tentando incansavelmente falar com ele, ligando no celular e no telefone da casa dele, eu já estava esperando pelo pior, com medo, desesperada. Por volta das vinte e três horas o telefone tocou, corri desesperadamente para atender.

Aquela foi a primeira vez que senti medo ao ouvir o telefone tocar.

— Alô? Gabriel onde você está? O que está fazendo? Estou preocupada! — As lágrimas desciam pelo meu rosto, eu não consegui sentir raiva dele, nem brigar, na verdade, estava tão aliviada que só pedi para vê-lo. Ele disse que não queria ir à minha casa, pediu desculpas por estragar meu Natal, pediu desculpas por ser quem era, por estar causando sofrimento a mim. Eu implorei, insisti, chorei pedindo para que ele fosse para minha casa, eu queria ter a certeza de que ele estaria a salvo, eu precisava vê-lo, mantê-lo sob os meus olhos, meu coração precisava saber que ele estava perto para se acalmar e voltar ao seu ritmo normal e então ele concordou, desligou o telefone dizendo que ia tomar banho e em seguida iria para minha casa.

Deu meia noite. Feliz Natal a todos, menos para mim. Natal sempre foi uma data um pouco nostálgica para mim, eu costumava ficar mesmo deprimida nas noites de Natal, eu assistia àqueles filmes americanos lindos sobre a data e me sentia triste, minha família não é grande, então, poucas vezes tivemos uma noite de Natal com a casa cheia, com barulho, festa de verdade. Mas nada se comparava àquela noite, nenhuma tristeza era maior do que a tristeza daquela noite.

O Natal passou a ser menos ainda especial para mim.

Eu cumprimentei todos e saí no portão à espera dele, já havia parado de chover, vi uma amiga minha, a Jhennifer, que morava algumas casas acima, com o namorado dela, o Jú, subi até lá e ela foi a primeira pessoa a saber, Jheni me abraçou e me consolou, ficamos conversando um pouco, ela me deu os mesmos conselhos que qualquer amiga daria, dizendo para eu tomar cuidado, para eu contar para a família dele, para eu pular fora.

Enquanto conversávamos, lá de cima avistei ele chegar, desci a rua correndo em sua direção, eu já havia ensaiado mentalmente tudo o que eu ia dizer a ele, ia colocar para fora e fazê-lo sentir o quanto eu estava magoada com a atitude dele, ele precisava saber o quanto eu sofri naquela chuvosa

noite de Natal, mas, não consegui, eu apenas o abracei e agradei a Deus por ele estar bem.

Naquela noite eu não me dei conta, aliás, demorou para eu me dar conta, mas ela havia sido uma bela noite de Natal, afinal, nada de ruim havia acontecido a ele enquanto estava na rua, enfiado em algum lugar escuro consumindo àquilo que o estava consumindo.

Entramos em casa, ele cumprimentou minha família, ficamos um pouco na sala, sentados no sofá, ele quase não pronunciou palavra alguma, pálido, quieto, não conseguia me olhar nos olhos, ou não queria, porque sabia que meus olhos estavam ardendo em fogo enquanto eu o estudava minuciosamente, depois do alívio de vê-lo bem, fui tomada por um sentimento obscuro, senti ódio dele, senti raiva, dele e de mim, queria desesperadamente entender o porquê, ele havia estragado a minha noite de Natal, a nossa noite de Natal e parecia não estar se importando com isso! Enquanto eu o fitava, busquei nele algum indício de que o Gabriel que eu havia conhecido ainda existia, por trás daquele outro que eu não sabia quem era.

A minha memória não me permite lembrar tudo o que houve durante o tempo em que ficamos na sala, o sentimento que vivi naquele momento fora tão intenso que acho que acabei por escondê-lo de mim mesma e, forçar à minha mente a se lembrar de alguns fatos não me faz muito bem, mas lembro-me que minha mãe perguntou a ele se ele estava com fome e ele respondendo que não, que havia fritado um bife na casa dele no começo da noite e a resposta dele havia me deixado mais furiosa ainda.

— Que ótimo! Bife na noite de Natal! — já estávamos no meu quarto, eu estava incomodada com tudo aquilo, sabia que minha mãe não faria pergunta alguma, por mais que ela achasse estranho ele ter chegado depois da meia noite em casa e eu não queria ter que explicar nada, afinal, eu não tinha o que explicar, não se pode explicar o que você não sabe e eu realmente não sabia o que estava acontecendo de fato.

Ele simplesmente consentiu, não respondeu à minha acusação em relação ao jantar de Natal dele, sentou-se em minha cama, ainda sem olhar em meus olhos. Suas mãos procuraram pelas minhas enquanto estávamos sentados na cama, notei algo de estranho em sua mão direita, havia uma enorme bolha entre o dedão e o indicador, eu, ingenuamente indaguei

— O que é isso em sua mão?

— Queimei fritando o bife. — respondeu calmamente.

Eu não acreditei, mas também não conseguia imaginar outra forma daquela bolha estar lá na mão dele se não fosse por queimadura e eu estava exausta demais para seguir adiante em relação a uma bolha, diante dos últimos acontecimentos, não dei importância para aquilo, apenas perguntei se doía e se havia algo em que eu pudesse fazer e ele me respondeu que estava bem.

Respirei fundo, eu sabia que não conseguiria dormir se não falasse tudo o que estava entalado em minha garganta, na verdade, nunca fui do tipo que briga e fica dias sem dar notícias, sem ligar ou coisas do tipo como a maioria das garotas da minha idade faziam, por pior que fosse o motivo, por pior que fosse a briga, eu sabia que não dormiria se as coisas não estivessem bem, sempre fui assim, é algo dentro de mim que não me deixa virar às costas e ir embora, que não me permite deixar para resolver amanhã, é uma sensação de que não tenho a certeza de que se amanhã terei a oportunidade de me desculpar ou de ouvir desculpas, não sou do tipo de garota que diz coisas horríveis sem querer dizer e que quando a porta se fecha atrás de si, caí em prantos, sou fraca demais para isso, por isso, nunca passamos uma noite sequer brigados. Aquela noite não seria diferente.

— Onde você estava? — perguntei em voz baixa — Quero que me diga a verdade, só isso. Eu quero te ajudar.

— Jú... - ele estava relutante e tive que me controlar para não fazê-lo recuar com o meu desespero, eu precisava saber. — Eu não consegui, eu tentei, mas não consegui. Eu estava sentado, no meio do mato, em um terreno baldio. — ele me olhou e eu tive que me controlar para me manter calma. — Quando te liguei ainda estava lá, o efeito já havia passado, estava chovendo e eu não sabia o que fazer. Para ser sincero, não pretendia vir mesmo, estou envergonhado por decepcioná-la.

Minha garganta ficou seca, senti-la queimar, posso sentir novamente como se estivesse acontecendo agora nesse exato momento. A respiração dele estava ofegante, quase pude ver o movimento de seu coração bater enquanto ele falava, seus olhos estavam marejados de lágrimas e a única coisa que pude pensar é que ele ainda gostava de mim, pois havia pensado em mim logo depois que passou o efeito da droga.

Essa foi à primeira vez, dentre várias, em que me submeti a ser colocada em segundo plano, em que aceitei ficar atrás das drogas na lista das prioridades dele.

Nos abraçamos, choramos, começaram as promessas.

Mais uma noite mal dormida, o pesadelo era real, eu podia abrir e fechar meus olhos diversas vezes que nada mudava, o cenário era o mesmo, e o enredo também. O dia clareou e eu estava relutante em sair da cama, começaria tudo novamente e eu não sabia o que fazer. Era um lindo dia de Natal, ensolarado, quente, nem um pouco parecido com a noite anterior. Almoçamos e saímos em direção a casa dele, no caminho, pouco falamos, eu não sabia o que perguntar, o que dizer, era um mundo totalmente desconhecido para mim, e ele sabia disso, ele se aproveitou disso, se aproveitou da minha falta de entendimento, me enchendo de promessas, fazendo parecer que era fácil e simples largar tudo isso, e o pior, que ele faria isso por mim.

A família dele não estava em casa, ficamos na sala assistindo TV e por algumas horas pareceu que nada havia acontecido e que tudo estava em seu lugar novamente, o mundo havia voltado à sua órbita original. Ele me deixou sentada no sofá e disse que iria tomar banho, para que depois saíssemos para comer alguma coisa e eu concordei.

Fiquei assistindo TV enquanto ouvia o barulho do chuveiro ligado e os minutos foram se passando, eu estava começando a ficar incomodada, mas ainda assim me mantive sentada no sofá, os minutos continuaram a correr e o barulho do chuveiro mostrava que ainda estava ligado, já fazia quase uma hora que ele estava tomando banho, comecei a estranhar a demora, me levantei e fui até a porta do banheiro, lancei minha mão na maçaneta e lentamente comecei a girá-la.

Estava trancada, não me restou alternativa senão bater na porta.

— Gabriel, está tudo bem? — Ele não respondeu, meu coração disparou e minhas mãos começaram a ficar trêmulas, bati novamente na porta, dessa vez com mais força. — Gabriel, o que está havendo? — Eu estava falando mais alto e já estava desesperada o suficiente para crer que algo estava errado, minha mão doía de tanto bater na porta e de tanta força que eu estava colocando em cada batida.

Faz tanto tempo, mas é incrível como ainda me lembro daquela porta, da sua textura, da sua cor e da sua posição no apartamento.

Ele me respondeu, disse que já ia sair, pediu para eu esperar na sala, mas eu não saí de detrás da porta, segundos depois ouvi barulho de vidro caindo, foi uma situação limite, eu não sabia o que estava acontecendo e estava apavorada com a ideia de que algo de muito ruim havia acontecido, voltei a bater na porta e pedir para ele abri-la, em seguida ouvi o barulho da

maçaneta e a porta se abriu.

Gabriel olhou para mim e disse que estava tudo bem, que havia quebrado sem querer o vidro do banheiro. Eu passei por ele empurrando a porta com força e entrei no banheiro, tudo parecia estar normal, mas não pelo fato de eu ter notado que no canto do chão, próximo à porta, estava jogada sua toalha como se estivesse ali propositalmente, ele tentou evitar que eu chegasse até ela, mas se deu conta que era tarde demais, levantei a toalha rapidamente e ouvi o barulho, era uma latinha de refrigerante, com um buraco grande na lateral e dentro pude ver algo branco.

Era a prova física do que eu já suspeitava.

— O que significa isso? Você estava se drogando enquanto eu estava na sala? Como teve coragem, você me prometeu! — Naquele momento me senti como uma formiguinha no deserto, me senti pequena e sem valor, meu ego estava ferido e não consegui distinguir se estava machucada mais pelo fato de saber que ele estava se drogando dentro do banheiro ou de saber que ele não se importava, que a promessa dele não tinha valor.

Por alguns segundos, fiquei parada, olhando para a latinha, como se estivesse com medo dela, como se aquele objeto inanimado pudesse me fazer algum mal.

Agi por impulso, fui tomada por uma fúria imensa e uma dor alastrante, sentei-me no chão e disse que queria fumar também, eu não sei onde eu estava com a cabeça, não sei quais seriam as consequências do meu ato e sei que eu não teria coragem de seguir em frente, mas vi o espanto em seu rosto, ele ficou atônito, paralisado, olhando fixamente para minhas mãos que estavam segurando a latinha, por alguns segundos ficamos assim, em uma espécie de transe, olhando um para o outro.

— Vamos! Me ensina! Quero ver se é tão bom assim que justifique tudo o que você tem feito! — eu fui dominada pela raiva e decepção, estava cega e sem noção real do que estava fazendo. Ele, em um ato de desespero arrancou a latinha da minha mão e ajoelhou-se no chão do banheiro ao meu lado e me abraçou. Eu ainda estava fora de mim, não consegui distinguir o que eu estava sentindo naquele momento, foi horrível segurar aquela lata e depois vê-lo ajoelhado ao meu lado, visivelmente desesperado e perdido, como uma criança que se perde de seus pais em um parque de diversões, assim era a expressão de seu rosto dentro daquele banheiro.

Mais uma vez, a minha falta de informação recaiu sobre meus atos, eu o fiz prometer que não aconteceria novamente, coloquei o nosso amor em

jogo, achando que era o suficiente para fazê-lo parar, acreditei quando ele disse que havia acabado, que já havia ido longe demais, acreditei que seria fácil ele controlar suas vontades.

Enquanto ele juntava os cacos do vidro da janela que ele havia quebrado na tentativa de jogar a lata através dela antes que eu entrasse, eu fiquei ali, esticada no chão com o rosto apoiado em minhas mãos sem saber o que fazer e o que dizer. Depois, colocamos a latinha em uma sacola, ele se arrumou e insistiu para que fossemos comer algo, que seria bom para mim se saíssemos de lá um pouco, eu concordei, decidi apagar aquele fato, concordando com ele que seria melhor assim, que o melhor a ser feito naquele momento era fazermos o que já havíamos programado. Eu não sabia da gravidade do que estava acontecendo.

Esse foi meu erro.

Saímos para comer, levei a sacola junto comigo e a joguei em um latão de lixo em uma das ruas em que passamos, o fato dele ter me deixado fazer aquilo, para mim significava que ele estava falando a verdade, eu imaginava que parar ou continuar era algo que dependia somente da vontade dele, mas estava errada, havia outros fatores que o impediam de parar, ele era um dependente químico e como tal precisava de ajuda profissional.

No caminho até a lanchonete, eu quis convencê-lo a ir ao hospital ver a bolha na mão que não parecia nada bem, mas ele não quis, estava relutante, insisti então que fossemos a uma farmácia e ele respondeu friamente — Se formos a um hospital ou farmácia, saberão que não me queimei com gordura fritando o bife, não podemos ir.

Senti minha cabeça pesar, meu corpo queria padecer, minhas pernas estavam pesadas demais sob meus joelhos, de fato, a verdade dói e machuca muito mais do que se imagina, ele apenas havia confirmado o que eu sabia, apenas tinha verbalizado o que eu não quis questionar na noite anterior, mas mesmo assim, tive a sensação de que havia sido atingida por um meteoro.

— É, você está certo, respondi em tom baixo. — ele percebeu o desapontamento em minha voz.

— Jú, não quero que passe por isso, não quero ir à farmácia por você! — ele estava segurando fortemente em minha mão, enquanto caminhávamos, senti sinceridade em sua voz e também senti tristeza, fui tomada novamente pelo sentimento de que ele gostava de mim e que aquele ato era uma pequena prova disso.

Comemos o lanche, já estava escurecendo, achei melhor que fossemos

para nossas casas, eu estava exausta e precisava descansar, no dia seguinte teria que ir trabalhar cedo, já havia um bom tempo em que era eu quem abria a loja de manhã, minha patroa confiava em mim o suficiente para deixar a loja em minhas mãos, e eu fazia questão de merecer essa confiança.

Ele me deixou em minha casa e seguiu para a dele, esperei o tempo suficiente dele chegar em casa e liguei para me certificar que tinha mesmo ido para lá, foi bom ouvir a voz dele ao telefone, era como se ele estivesse ganhando minha confiança novamente. Eu queria tanto acreditar que tudo ia voltar ao normal que acabei me afastando da realidade e negando para mim mesma que havia um problema muito sério a ser enfrentado.

Adormeci pensando nisso, ouvindo música, a nossa música, ele havia me dado ela de presente logo no começo do namoro, estávamos passando pela praça e na rádio da praça ela estava tocando, dizia:

Minha menina, me diz como não te amar, eu amo mais você do que eu...

Ele dizia que ela era perfeita, e era mesma, durante muito tempo tive a sensação de que era verdade, que ele me amava mais do que a si próprio e isso me incomodava, mas, depois que meu mundo havia saído de órbita, desejei tanto ter essa sensação de volta, mesmo não concordando com esse tipo de amor, eu queria voltar a sentir que ele realmente se importava comigo como antigamente.

Antes das oito da manhã, lá estava eu, abrindo a loja, abrindo as portas para um novo dia, sem a mínima ideia do que eu ia fazer para ajudar o Gabriel, sem saber qual rumo tomar, sem perspectivas de que dias melhores viriam.

Depois do almoço ele foi até a loja, ele estava se esforçando, ele sabia que eu ficaria mais tranquila se o tivesse por perto e como ele estava sem emprego, estava acostumado a ficar lá comigo, a minha patroa gostava dele e não se importava, e ele nos ajudava, era um ótimo vendedor, fez muitos clientes para nós e eu realmente estava aliviada por ele estar lá. Assim foi a semana inteira, ele ia sempre depois do almoço e ficava até a hora que eu saía, aí passávamos mais um pouco da noite juntos e cada um ia para sua casa, e para ser sincera, eu nunca soube se depois que nos falávamos no fim da noite pelo telefone, ele saía ou não para se satisfazer, em busca do ilusório alívio.

No Ano Novo decidimos ir para a casa da irmã dele perto de Bauru, a família toda ia, decidimos de última hora, por incentivo meu, achei que faria

bem a ele.

Começou a queima de fogos, estávamos com uma taça de champanhe nas mãos e cumprimentando uns aos outros e não me lembro ao certo o que houve, esse foi mais um capítulo que apaguei de minha memória, apenas o que tenho são pequenos lances, parecendo uns borrões em minha mente.

— Gabriel, acho que você não deveria beber. — sugeri inocentemente, eu estava com medo de que o álcool provocasse algo nele, e além do mais, pouco antes da virada do ano ele havia se desentendido com a sua irmã, percebi que ele estava tenso e chateado e isso me preocupava.

— Jú, você também não vai querer me controlar não é mesmo? — ao ouvi-lo, senti o arrependimento tomar conta de mim, eu não devia ter sido tão dura e extremista com ele, era só uma taça, que mal faria?

Eu não sabia...

Eu não queria terminar a noite brigada com ele e menos ainda começar o ano brigada com ele e então eu fiz o que tinha que fazer para ficarmos bem, pedi desculpas e não toquei mais no assunto, naquela noite.

Na segunda-feira, estava de volta ao trabalho, quando cheguei, a loja já estava aberta, minha patroa estava lá dentro, no escritório, ouvi ela me chamar, pedindo para eu ir para lá, no balcão estava uma amiga nossa, que sempre trabalhava lá no final de ano por causa da correria com as vendas, eu entrei e fui direto para o fundo, minha patroa estava séria, em seu olhar pude ver algo que não fazia parte dela, estranhei o tom da sua voz quando começou a falar pronunciando o meu nome, essa é mais uma cena da qual não me lembro direito, foi uma das piores que vivenciei, não a pior, mas está entre elas, lembro-me do que houve naquele dia, com um pouco de dúvida em relação à sequência dos fatos, mas a dor que senti naquele dia, é algo difícil de esquecer, ficará para sempre dentro de mim. Seus olhos estavam fixos no meu, ela começou dizendo que estava me mandando embora, eu estava desnorteada, fiquei sem reação, sem entender o porquê, perguntei o que tinha havido, nesse momento meus olhos já estavam marejados de lágrimas, ela começou a falar sobre o desaparecimento de um depósito que deveria ter sido feito a um fornecedor e que não fora, tudo ficou tão confuso, parecia que ela estava falando em outra língua, meus sentidos ficaram atordoados, as palavras delas se embaralhavam em meus ouvidos, eu estava fazendo um esforço tremendo para compreendê-la, mas não conseguia, ela estava me acusando, mas é lógico, se algo sumiu, eu seria a principal suspeita, eu abria a loja, fechava o caixa, fazia o serviço bancário e ainda para ajudar, no mês

de dezembro, eu havia ficado todos os dias na loja, das oito da manhã até as dez da noite enquanto ela ficava em um stand em uma feira beneficente, promovendo o nome da loja, era até por esse motivo que o Gabriel nos ajudava muitas vezes, inclusive fazendo serviço bancário quando a loja estava cheia, ou seja, eu era responsável pela loja, eu era a responsável por qualquer coisa que acontecesse lá dentro.

Vi que seus olhos estavam vermelhos também, ela parecia estar decepcionada, e realmente estava, tínhamos um bom relacionamento, eu amava aquele lugar, conversávamos sobre tudo, ela me dava conselhos e me trazia à realidade quando necessário, aprendi muito com ela, entrei lá porque ela e minha mãe eram amigas, em um sábado ela precisou de alguém para ajudá-la e eu fui e acabei ficando.

Lembro-me de ouvi-la dizer que não tinha outra opção, que sabia que havia sido eu, e que estava decepcionada. Eu tentei me explicar, tentei dizer que não sabia do que ela estava falando, aí ela mencionou como exemplo um fato que havia acontecido há uma semana antes, na véspera de Natal. Todas as vendas que fazíamos, marcávamos em uma lista e eu havia feito uma venda e não havia marcado, lembro que a loja estava cheia, as pessoas mal podiam andar lá dentro, eu me desdobrando para atender a todos, ela viu que fiz a venda e viu que não marquei, aí ela me perguntou e eu disse que tinha esquecido e fui marcar, ainda brinquei que eu estava um perigo, que precisava ficar atenta, eu sabia o quanto eu estava cansada, a semana do Natal em uma loja de presentes é aterrorizante, gostoso, mas aterrorizante. Naquele momento, em que eu estava sendo acusada de furto, ela mencionou esse episódio, aí percebi que nada que eu falasse adiantaria nada mudaria a opinião dela.

Liguei para a minha mãe no trabalho dela aos prantos, meu mundo estava desabando mais uma vez. Minha mãe chegou em poucos minutos e logo já estava discutindo com minha ex-chefe, tentando mostrar o quanto ela estava sendo injusta, mas, de nada adiantou. Aquele foi mais um dia de dor.

Assim que cheguei em casa, liguei para o Gabriel, por sorte, ele estava na casa dele, e assim que contei o que houve, ele decidiu ir para a minha casa ficar comigo. Eu estava confusa demais para pensar o que poderia ter ocorrido com o cheque, não conseguia entender, ele me dizia que eu deveria ficar calma, que ele sabia que eu não tinha feito isso, eu não percebi que ele estava certo demais ao me dizer isso, não fui capaz de fazer nenhum tipo de associação naquele momento, não naquele momento, mas, mais tarde,

quando eu já estava envolvida demais, descobri o havia acontecido com aquele depósito...

A semana só estava começando e tive várias surpresas no decorrer dos dias.

Na terça-feira passei quase que o dia todo tentando falar com o Gabriel eu ligava no celular e ele não atendia, ligava na casa dele e sua mãe dizia que ele havia saído, ela achava que ele estava comigo e sem querer, alarmei a família toda. No finalzinho da tarde a irmã dele veio até minha casa, entrei no carro e começamos a conversar, ela parecia já saber de tudo o que estava acontecendo e eu não tinha mais forças para esconder, contei a ela tudo o que tinha acontecido nas últimas semanas, por um breve momento senti que estava sendo julgada por ela, hoje, entendo e vejo que ela tinha razão ao me dizer que eu não podia ter escondido isso deles, que a situação era mais grave do que eu podia imaginar. E eu não imaginava.

Fomos de carro à procura dele nos bairros mais “pesados” da cidade, procuramos em terrenos baldios, ruas escuras, becos e bocas, eu olhava cada canto, observava cada um que caminhava pelas ruas, na esperança de que fosse ele, mas não o encontramos. Ela me deixou em casa me dizendo que a única coisa que podíamos fazer era esperar, essa palavra soou tão ridícula para mim naquele momento, esperar, esperar o que? Esperar as coisas acontecerem? Esperar que tudo vai dar certo, ou que tudo vai dar errado? Eu simplesmente não sabia esperar, e naquela noite tive que aprender amargamente o que significava e foi mais uma noite mal dormida para a minha coleção.



DESESPERO

Acordei com meu celular tocando, não me recordo ao certo que horas eram, mas cedo o suficiente para eu assustar ao ouvi-lo tocar. Era o irmão dele, dizendo que ele estava em casa, e que ele havia tentado se matar.

Minha vista escureceu, tive que dizer a mim mesma para respirar, porque naquele momento, o ar que entrava pelos meus pulmões parecia não dar conta de me manter viva e consciente, meu coração disparou como se estivesse em uma competição, em uma corrida de Fórmula 1, ele batia tão veloz que chegava a doer dentro de meu peito, mas só não era maior do que ouvir a palavra suicídio.

Eu cresci em um colégio de freiras, estudei até meus 12 anos em um, lá rezávamos no início da aula e no fim, rezávamos em francês, em inglês e em português, tínhamos aula de religião e eu ia à missa todos os domingos, me confessava regularmente, mesmo sem saber se uma criança de 12 anos de

idade teria tantos pecados assim para serem confessados, enfim, cresci sabendo que suicídio era o pior dos atos que o ser humano podia cometer, depois que saí de São Paulo e fui morar no interior, com o tempo, passei a estudar e a me interessar por assuntos que não aprendi na escola e tudo isso reforçou mais ainda o conceito que eu tinha em relação ao suicídio.

Meu corpo estava gelado, mesmo assim, sentia meu sangue quente correr entre minhas veias, o chão parecia estar mais fundo, na verdade, parecia que um buraco havia se aberto e eu estava a cair sem parar para dentro dele.

Desliguei o telefone e me arrumei o mais rápido possível para ir para a casa dele.

Eu estava do lado de fora da porta do seu quarto, pedindo para que ele me deixasse entrar, e ele pedindo para que eu fosse embora, mas eu jamais iria, eu precisava vê-lo, estava desesperada para saber e ver com meus olhos como ele estava, precisava me certificar de que ele estava seguro dentro de seu quarto, precisava ver em seus olhos a certeza de que não iria se repetir, eu precisava desesperadamente ouvir ele dizer que estava tudo bem, que era um engano, que ele jamais tentaria tirar a sua própria vida, eu precisava ouvir ele dizer que havia sido um acidente, por mais estúpido que fosse, era o que eu precisava ouvir.

Sua mãe e sua irmã estavam na sala, pude ver a dor e a decepção em seus olhos, pude sentir o medo que elas estavam sentindo, eu senti também, mesmo sendo menor e menos intensa do que a dor delas, do meu modo, eu senti.

Eu continuei a bater na porta, pedindo que ele a abrisse, ele queria que eu fosse embora, pediu que eu o deixasse em paz, que ele não queria me envolver nisso, mas era tarde demais, eu já estava envolvida.

— Eu não vou sair daqui, não vou embora sem antes vê-lo! — gritei, me sentando no chão.

Gabriel abriu a porta e meus olhos se chocaram com o que estavam vendo, ele estava sem camiseta, foi em direção à sua cama e sentou-se de cabeça baixa. Precisei respirar fundo para conseguir dar mais um passo dentro de seu quarto e fechar a porta atrás de mim, eu estava em choque.

Seu corpo estava todo cortado, principalmente em seus braços e pulsos, seu peito sangrava, havia riscos profundos vindos desde o pescoço, fiquei por segundos paralisada, olhando para cada um daqueles cortes, aquilo ia além do que eu podia aguentar, não tinha estômago para ver aquilo, mas eu

não tinha escolha, ele precisava de mim e eu tinha que aguentar firme por ele.

— Meu Deus, no que você estava pensando? — minha respiração estava tão alta quanto a minha voz. Ele segurou em minha mão na tentativa de me acalmar.

— Eu não quero isso para mim, não quero isso para você. — ele chorava junto comigo, suas palavras me pareciam verdadeiras, o seu sofrimento era real, era um pesadelo para todos nós, doía só de olhar para ele, só de ver que ele estava sofrendo já causava uma dor terrível dentro de mim, eu simplesmente não estava preparada para lidar com o sentimento de impotência que havia tomado conta de mim nas últimas semanas.

Seu corpo todo estava machucado, alguns cortes ainda sangravam, outros já estavam cicatrizados, deixando apenas alguns riscos vermelhos no local do machucado, foi uma cena horrível, cena de terror, um rapaz tão jovem e bonito, eu me perguntava se aquilo era real, porque parecia ser algo totalmente impossível, estava me doendo tanto vê-lo daquele jeito, frágil e indefeso que por alguns minutos pude esquecer que era culpa dele mesmo estar naquela situação, daquele jeito.

Eu o abracei, sem conter as lágrimas que deslizavam pelo meu rosto, eu disse baixinho em seu ouvido que iríamos passar por aquilo juntos, seja lá o que fosse, que ele não ficaria sozinho, eu prometi a ele que estaria do lado dele. Ele retribui o abraço me apertando mais forte contra o seu peito todo marcado, com minha cabeça encostada em seu ombro senti que ele também estava chorando, pois, as lágrimas haviam escorrido pelo seu rosto até a direção do pescoço, ele parecia não querer me soltar e eu ficaria ali, encostada nele o quanto fosse necessário.

O irmão dele bateu na porta e em seguida entrou dizendo para ele arrumar as coisas dele, que ia levá-lo para a casa da irmã, no interior próximo à Bauru, onde havíamos passado o Ano Novo, ele já estava saindo do quarto quando o Gabriel relutou.

— Eu não quero sair daqui! — disse ele choramingando

— Você vai! Você precisa! — respondeu ele seriamente. Seu tom de voz estava alterado, ele parecia irritado, na verdade, o Gabriel sempre dizia que eles não se entendiam direito, que o irmão sentia raiva dele, e eu, ao invés de ajudá-lo a lidar com esse sentimento, fazia ao contrário, dizendo que ele estava enganado, que era impressão dele, quando na verdade havia mesmo algo entre ambos, um sentimento totalmente compreensível, afinal, o Gabriel havia feito a família toda sofrer e o seu irmão, por ser o homem da

família, teve que aguentar muita coisa por conta disso.

Começamos a fazer as malas dele, mesmo ele não concordando, ele sabia que não estava em condições de contestar ordem alguma, a sua família estava tentando desesperadamente fazer algo por ele e tirá-lo da cidade poderia ser bom para ele naquele momento.

Enquanto ele juntava algumas de suas coisas ele afirmava para mim que ficaria pouco tempo, somente o tempo suficiente de se recuperar, que logo estaria de volta, eu concordei com ele, mesmo sentindo dentro de mim que não seria desse jeito, fiz o que qualquer namorada faria, o incentivei e tentei tornar àquele momento o menos doloroso possível, tentei deixar a minha dor de lado para encorajá-lo a ir, mas no fundo eu queria que ele ficasse, queria estar do lado dele, era um sentimento egoísta, que eu não tinha o direito de sentir, portanto eu não tinha o direito de falar.

A manhã já estava chegando ao fim, o irmão dele insistiu que queria ir logo, pois eram quase 4 horas de viagem e seria bem cansativa, decidi ir junto, a mãe dele ia ficar lá por alguns dias com ele e o irmão ia voltar no mesmo dia, então disse que queria ir também, a fim de incentivá-lo a ficar lá, e eles concordaram, isso me daria mais algumas horas ao seu lado, antes que meu coração se quebrasse de vez.

Eu ainda não sabia, mas aquela seria a última vez em que eu estava no quarto dele, deixando para trás muitas coisas que a mim pertenciam.

Eu não tinha motivos para esconder nada da minha mãe, ela sempre foi cabeça aberta, sempre me deu liberdade para tudo, mesmo porque eu nunca havia dado nenhum motivo para que fosse o contrário, mas, mesmo sabendo disso, mesmo sabendo que eu teria o apoio da minha mãe no que fosse preciso eu não tive coragem de contar a ela que eu estava indo para outra cidade e muito menos contar o motivo. Fomos sem eu falar que estava indo, para todos os efeitos, eu estava na casa do Gabriel.

A viagem foi de fato longa e cansativa, no carro, o silêncio predominou a maior parte do tempo, o Gabriel estava arrasado por tudo, pelo que fez e por estar indo, eu tentava mantê-lo animado, mesmo eu mesma não estando, não me sentia preparada para me separar dele naquele momento, eram muitas incertezas, não sabíamos por quanto tempo ele ficaria e como seria o nosso relacionamento dali em diante. Ficamos de mãos dadas durante todo tempo, ele mal olhava para mim, seu olhar estava voltado para o lado de fora do carro, observando a estrada, divagando em seus pensamentos e eu tentando adivinhar no que ele estava pensando e o que estava sentindo. No

banco do passageiro, estava sua mãe, nitidamente arrasada, ela o amava e aquela situação a estava consumindo.

Quando chegamos, já na casa da irmã dele, ele desabou, com os olhos cheios de lágrimas que estavam começando a escorrer, ele começou a dizer que não queria ficar, que não queria ficar longe de mim, que se ficasse do meu lado seria mais fácil para ele se recuperar. Senti meu coração se quebrar quando ele disse que estava com medo. Eu o confortei dizendo que eu também queria ficar ao lado dele, mas que seria bom ele ficar longe de tudo por algum tempo, me doeu pedir para ele ficar, mas, foi preciso, era meu dever e eu não podia vacilar.

Combinamos de nos falarmos todos os dias por telefone, e que no próximo final de semana eu viajaria até lá para vê-lo. A irmã dele tinha uma padaria com o marido, então ele iria ajudar lá enquanto estivesse na cidade, isso iria ajudá-lo a se distrair um pouco.

Antes de irmos embora, passamos pela padaria e o deixamos lá para ir se habituando com tudo, o momento da despedida foi o mais difícil, nos abraçamos fortemente e com o meu coração em pedaços desejei que ele ficasse com Deus. Foram minutos de um choro longo e contínuo, eu sentia por ele mais do que um sentimento de uma namorada, de certa forma, eu me sentia responsável por ele, eu havia assumido para a minha vida a responsabilidade de ajudá-lo, como se fosse uma espécie de carma eu estava aceitando aquela condição, como se eu não tivesse outra escolha, coloquei a recuperação dele à frente de tudo. Sem saber, eu já era uma codependente.

Na volta para casa, eu e o irmão dele conversamos um pouco sobre o que estava acontecendo, lembro-me dele ter me dito que se eu fosse a filha dele, não deixaria mais eu namorar o Gabriel, que ele na condição de “cunhado”, não queria isso para mim, concordei com ele, sabia que ele estava certo, mas deixei claro que não o abandonaria nesse momento, eu sabia que ele estava precisando de mim mais do que nunca, mesmo uma parte de mim estar constantemente dizendo que algo já havia mudado em nosso relacionamento, eu não o abandonaria.



NÃO CHORE ESTA NOITE

Cheguei em casa junto com o surgimento das estrelas e da lua, estava escuro e aquela noite, particularmente, mais escura do que qualquer outra noite, o mundo estava sobre as minhas costas como se a minha sobrevivência dependesse da minha força para carregá-lo e eu estava me sentindo fraca, derrotada, com um vazio em meu peito e muita dor em meu coração, era um sentimento de abandono, eu sabia que não era isso o que estava acontecendo, mas era como eu me sentia, sozinha, por opção, sozinha, não porque me achava forte o suficiente para aguentar, mas sozinha por não ter coragem de contar a alguém o que estava acontecendo, eu tinha medo de que ninguém ficasse do meu lado, eu tinha medo de ouvir o que ouvi do irmão do Gabriel, tinha medo de que ninguém me dissesse “– Não se preocupa, vai dar tudo certo”, e era tudo o que eu precisava ouvir naquela noite.

Entrei em casa e fui direto para o telefone para ligar para ele, o choro

foi inevitável, só de ouvir a voz dele, mesmo sabendo que ele estava bem, foi o suficiente para me fazer desabar, eu estava com tanto medo de que ele não aguentasse, estava com tanto medo de que ele tentasse outra vez, implorei para que ele não cometesse a mesma loucura novamente, apelei para o lado emocional, pedindo que pensasse em mim em cada ato absurdo em que pensasse em fazer e ele havia me feito prometer que eu não choraria mais naquela noite e foi assim que desligamos.

Fui para o meu quarto e lá me fechei, liguei o rádio, nele estava um CD de rock antigo, coloquei para tocar, a quarta música era do Guns N' Roses, ele adorava o Guns, era uma das bandas em que ele ouvia quando era mais jovem, quando começou a usar drogas pela primeira vez, naquela época, ele era assumidamente roqueiro e embora não fosse mais, ainda curti algumas bandas.

A música começou a tocar e a partir daquela noite, passou a ser a única música que eu ouvia, ela se tornou a trilha sonora das minhas lágrimas. "Don't Cry", estou com ela em minha mente nesse exato momento, através dela, me reporto a vários acontecimentos que vieram posterior àquele dia, ela havia se tornada a minha música, a música do meu drama pessoal:

Fale comigo suavemente, há algo em seus olhos, não baixe sua cabeça na tristeza e por favor, não chore. Sei como você se sente por dentro eu já estive lá antes, algo está mudando dentro de você e você não sabe. Não chore esta noite eu ainda te amo querida, não chore esta noite, não chore esta noite, existe um paraíso sobre você querida e não chore esta noite. Dê-me um sussurro e dê-me um sinal dê-me um beijo antes de me dizer adeus. Não leve isso tão a sério agora e por favor, não leve isso tão a mal, continuarei pensando em você e nos nossos momentos que tivemos, querida não chore esta noite, não chore esta noite, não chore esta noite, existe um paraíso sobre você querida e não chore esta noite e por favor, lembre-se que eu nunca menti e por favor lembre-se de como eu me senti por dentro doçura. Você tem que superar por si mesma, mas você estará bem, docinho. Amanhã você se sentirá melhor, venha para a luz da manhã agora, querida, não chore esta noite, existe um paraíso sobre você. Não chore, não chore por nada, querida, talvez algum dia, não chore, não chore por nada, não chore esta noite.

Acordei, mas não tive vontade de sair da cama, minha vida estava virada de cabeça para baixo, eu havia perdido o emprego que eu tanto

gostava, havia sido acusada injustamente e embora na altura do campeonato já sabia o que havia acontecido com aquele cheque, jamais iria contar a alguém em defesa própria; o meu namorado estava a caminho de uma estrada perdida e cheia de curvas perigosas e tudo havia perdido o sentido para mim.

Passei quase que a manhã toda deitada, ouvindo a música do meu momento, sem coragem de sair da cama eu rezei, descobri naquela manhã que o que me daria forças era a minha fé, e ela nunca havia sido colocada à prova como naquela época, eu nunca tinha tido fé em algo tão fortemente quanto na recuperação do Gabriel.

Eu estava sendo testada, minha força estava sendo medida e minha fé estava sendo colocada à prova, era a hora de eu colocar em prática tudo o que havia aprendido na escola, era hora de eu resgatar a minha religião, não importa qual a fosse, era hora de eu me religar com Deus e pedir que a sua vontade fosse feita, mas também, hora de deixar claro qual era a minha vontade e; daquela manhã em diante, minhas conversas e orações com Deus, se tornaram frequentes.

Passei a tarde toda na frente do computador pesquisando sobre o assunto, lendo relatos de “ex-viciados”, de mães e pais, de namoradas, lendo sobre os efeitos do crack. Aprendi que essa maldita droga é feita através da mistura da cocaína com o bicabornato de sódio, que por conta dessa mistura e por ser inalado em um cachimbo torna-se muito mais nocivo, agindo diretamente no sistema nervoso, compreendi que não se tratava de querer ou não parar de fumar, ia muito além disso, embora seja uma droga de efeito rápido e isso explica o fato de eu nunca ter conseguido perceber se ele estava limpo ou não, a droga age como um estimulante, é uma questão química, e o mais agravante dos conhecimentos que adquiri em minhas leituras: ela traz sensação de poder e aumento da autoestima. Eu jamais usei isso como justificativa para os atos dele, mas pude ir além de julgar o que era certo ou errado, com tudo que aprendi lendo, pude pelo menos enxergar o outro lado antes de acusá-lo de egoísta por não parar em nome do nosso amor, pude aceitar que ele estava doente e precisava de tratamento, embora muitos achem que não, mas, dependência química é uma doença e muitos não gostariam de estar na situação em que estão.

E assim, a semana foi se passando, eu não saía de casa para nada, passava o dia todo na frente do computador, lendo e tentando entender, eram tantas informações, muitas não compreendi na época, como sobre a codependência, eu havia visto em vários sites tópicos direcionados para esse

assunto, mas não dei a importância que deveria ter dado, eu estava me tornando uma codependente e não estava me dando conta disso.

Em um dos milhares de sites que entrei para ler sobre o assunto, na primeira página dizia: “A dependência química não tem a ver com errar, com ser estúpido ou mau caráter, tem a ver com sofrimento e necessidade de ajuda”. Mais tarde, vim a descobrir que o problema não era ele usar drogas, não era isso que o tornava doente, o problema era ele estar adoecido existencialmente, era os sentimentos e emoções que ele tinha que o tornavam doente e, por vontade própria o levou a buscar força e consolo nas drogas. Descobri que se tratava de um assunto psicológico e científico.

Estávamos nos falando todas as noites, ele dizia que estava bem, que não estava sentindo falta e nem vontade, dizia apenas que sentia saudades de mim, isso fazia eu me sentir especial para ele novamente, cada vez em que nos falávamos, era como se meu coração fosse se quebrar em pedaços, a dor era tão intensa, a saudades e a vontade de estar perto eram tão fortes que eu me agarrava às lembranças boas para ter forças, eu sabia que ele precisava de mim e eu também precisava dele.

Combinamos que no sábado cedo eu iria para lá, pegaria o primeiro ônibus, minha mala já estava pronta desde a quinta-feira, eu havia dito à minha mãe que ele ia ficar um tempo na casa da irmã, porque lá ele tinha trabalho e como aqui não tinha conseguido nenhum emprego, ele havia decidido tentar por lá e que nós nos veríamos sempre que possível. Não sei dizer se minha mãe acreditou, mas tenho certeza de que se ela desconfiou que algo estava errado, com certeza nem se quer imaginou o verdadeiro motivo.



A FUGA

Na sexta-feira, na parte da tarde, recebi uma ligação da irmã dele, a voz dela estava trêmula ao telefone, ela parecia nervosa e aflita, meu coração disparou logo que eu ouvi que era ela, era impossível não pensar o pior, por mais que eu não imaginasse o que era o pior.

— Jú, o Gabriel ligou para você? — perguntou ela, assim que falei alô.

— Não, por que, aconteceu alguma coisa? — eu estava falando baixo, com medo de que alguém em casa ouvisse, mas a vontade que tive foi de gritar. Eu estava surtando antes mesmo de saber o que estava acontecendo.

— Na verdade aconteceu, ele sumiu hoje cedo e pensamos que ele pudesse ter te ligado. — agora quem falava baixo era ela, com o intuito de me acalmar.

Eu fiquei muda por alguns segundos, não sabia o que dizer e nem

como expressar o meu desespero.

— E agora? O que faremos? Como isso aconteceu?

— Jú, você pode não acreditar no que eu vou te falar, mas ele mudou, não é mais o mesmo, você não o conhece mais. Ele pegou dinheiro da padaria e sumiu e agora não podemos fazer nada a não ser esperar, acreditamos que a primeira pessoa para quem ele vai ligar é você, minha irmã e meu cunhado vão dar algumas voltas pela cidade, mas as chances de o encontrarem são poucas, ele já deve estar enfiado em algum beco.

Desliguei o telefone em estado de choque, eu estava de mãos atadas, não havia nada que eu pudesse fazer e eu não podia contar a ninguém. Enterrei-me em meu quarto novamente, ouvindo a trilha sonora do meu sofrimento, rezando, chorando. Cada vez que o telefone tocava, antes de sair correndo desesperadamente até a sala para atendê-lo, eu entrava em uma espécie de transe, ficava por alguns segundos paralisada, o medo tomava conta de mim, controlando o peso do meu corpo, minha respiração, meus movimentos. O toque do telefone havia se tornado um som de tortura para mim, durante meses, sofri e tive a mesma reação cada vez que ele tocava.

Eu tive que inventar uma desculpa para a minha mãe para justificar o cancelamento da viagem, me sentia péssima por isso, eu nunca havia precisado mentir para ela antes e no último mês, parecia que eu havia me tornado especialista em mentir e omitir.

A noite chegou e com ela o meu desespero só aumentou, eu ligava para a família dele praticamente de hora em hora, mas ninguém tinha notícias, isso era horrível, me corroía por dentro, estava me consumindo, tirando de mim o pouco das forças que me restavam, eu estava angustiada e nada tirava isso de mim.

Eu só queria saber se ele estava bem, se estava com frio, se estava sentindo fome, aonde iria dormir, se estava correndo algum perigo, eu comecei a me sentir mal por tudo o que estava acontecendo, não sabia qual seria o jeito certo de agir com um dependente químico, mas sabia que não estava agindo certo, porque na minha cabeça, na época, se ele estava fazendo tudo aquilo, era porque eu de alguma forma havia falhado com ele, eu me punia com essa ideia.

Eu não dormi, não me sentia no direito de dormir sabendo que ele estava na rua passando por sabe Deus o quê, eu me dei conta de que estava fazendo parte do pior filme de terror já visto antes, cada vez em que eu lembrava do seu rosto pálido, meu corpo estremecia com medo do que

pudesse estar acontecendo, eu não conseguia parar de pensar, eu não conseguia não pensar no pior.

A agonia tomou conta de mim, e foi assim a madrugada toda, o tic-tac do meu relógio de pulso, parecia tão alto que chegava a doer em meus ouvidos, o escuro do meu quarto me apavorava, ao lado da minha cama havia um painel de fotos com várias fotos nossa, elas pareciam dançar e se mexer conforme eu respirava, eu senti dor, meu corpo todo doía, meus órgãos estavam travando uma batalha entre si, era a lei da sobrevivência, parte de mim não queria reagir a toda àquela confusão e a outra parte lutava bravamente para me manter firme e lúcida de tudo o que estava acontecendo em minha volta. A dor, a dor que eu sentia era como ondas indo e vindo, batendo nas pedras, era como se eu estivesse no meio de uma floresta à noite, no escuro, ouvindo os barulhos dos animais, tentando adivinhar qual deles iria me achar e me devorar primeiro e não havia nada que eu pudesse fazer, eu seria devorada e não teria ninguém para me salvar, ninguém jamais saberia o que eu estava fazendo no meio daquela floresta fria e úmida. Essa terrível dor era tão intensa que era a única coisa que me permitia ter a certeza de que eu estava viva, era essa mesma dor que me mantinha rezando, às vezes eu vacilava e me perdia em meus pensamentos, imaginado o que poderia estar acontecendo, se ele havia pensado em mim, se havia se lembrado que eu poderia estar me acabando naquele momento, que eu poderia não resistir, que eu poderia não ser tão forte assim o quanto demonstrava ser, quando isso acontecia, eu ainda tinha que brigar comigo mesma dizendo que não era hora de pensar em mim e em meus sentimentos, pensar dessa forma era a minha proteção, evitava ou retardava a frustração de não mais me sentir importante, de não ser mais quem eu era para ele.

As horas se passaram e amanheceu, mesmo para quem está sofrendo e não percebe, o tempo passa, não que fizesse alguma diferença estar de noite ou dia, nada era capaz de diminuir a dor, mas com o nascer do sol, percebi que eu havia sobrevivido, que eu havia suportado a dor mais aguda que eu já havia sentido em minha vida, mas ela não tinha ido embora, eu a sentia a cada respiração.

Meus pulmões trabalhavam preguiçosamente, eu estava sem coragem de levantar e encarar mais um dia, era sábado, olhei para a mala preta encostada perto do armário, eu ainda não havia desfeito ela, inconscientemente ou não, esperava que a qualquer momento ele ligaria e eu ia agarrá-la e sair correndo em direção à rodoviária, em direção ao seu

encontro.

Olhei para o painel de fotos, elas não pareciam mais se mexerem, não me assustavam mais, em uma delas eu estava sentada sobre a cama dele, olhando para ele e sorrindo, lembrei-me da ocasião em que a tiramos, lembrei-me do cheiro daquela tarde na casa dele, do que dissemos um ao outro, das palavras bonitas e do apelo emocional que ele havia utilizado para me convencer a deixá-lo tirar aquela foto.

Eu havia suportado, a noite se fora e eu tinha que criar coragem e me arrastar até o telefone para ligar para a irmã dele, eu precisava fazer o meu corpo entender que quem estava no comando era eu e que ele tinha que obedecer aos meus comandos, parecia uma tarefa difícil eu comandar algo para meu corpo e ele por sua vez obedecer.

Lentamente caminhei pelo quarto, já sufocada pelo choro, abri a porta vagorosamente, não queria ver ninguém, então, tive o cuidado de ir para o banheiro sem fazer barulho e lá me tranquei.

Os meus olhos mais pareciam duas pequenas sementes de melancia de tão pequenos que estavam, de tanto chorar, eu mal conseguia abri-los, em volta havia uma mancha vermelha que não saía com a água. Voltei ao meu quarto e peguei um frasco de base, isso ajudaria a esconder as olheiras, me tranquei no banheiro novamente e só saí de lá após ter terminado a transformação, após ter conseguido disfarçar as grandes manchas vermelhas deixadas pela dor da noite anterior.

Fui para a cozinha, ninguém estava lá, então, sabia que eram só mais alguns passos até a sala, até a mesa do telefone, como parecia longe a caminhada de um cômodo ao outro, parecia que eu estava atravessando o oceano, ou o deserto.

Me sentei e peguei o telefone, comecei a discar, com as mãos frias e úmidas disquei pausadamente o número do telefone da casa da mãe dele e foi horrível ouvir dela, que não tinham notícias dele ainda, eu desejei tanto ouvir o contrário que enquanto discava, cheguei a acreditar que isso aconteceria, mas não aconteceu, eu desliguei o telefone e mais uma vez atravessei o oceano até chegar em meu quarto.

Me joguei na cama, ela não parecia ser a mesma de sempre, ela estava mais aconchegante do que antes, mais macia, percebi que era porque o sono estava me dominando, juntou a decepção com o cansaço e eu parei de lutar, me entreguei àquela sensação de impotência e me deixei ser levada para algum lugar que eu desconhecia, me permiti sonhar enquanto cochilava em

minha cama.

Após algumas horas, com o corpo mais firme, me levantei e agradei por estar com fome, era mais um sinal de que eu estava sobrevivendo, fui para a cozinha comer, disfarcei estar bem, até forcei um sorriso para minha avó, eu estava faminta, mas mesmo assim não havia conseguido comer direito, meu estômago estava embrulhado, fazia barulhos de que estava vazio, mas parecia não aceitar a ideia de ter algum alimento como intruso dentro dele. Voltei para o meu quarto e sem nenhuma vaidade me arrumei.

Cheguei na casa da mãe dele no começo da tarde, ela já estava me esperando, havíamos combinado por telefone de irmos à igreja, a família toda dele era muito católica, embora eu naquela época já me considerava católica não praticante devido às minhas buscas por respostas em outras crenças, concordei em ir junto, sempre acreditei e acredito que todas as religiões nos levam ao mesmo lugar: para perto de Deus e isso é o que importava, e eu sabia que dentro de uma igreja seria mais fácil para eu conversar e implorar para Deus que tudo ficasse bem.

Passamos a tarde toda na igreja, a irmã dele foi também, ficamos as três, ajoelhadas no banco, às vezes eu olhava para o lado e só de ver a aflição no rosto da mãe dele já me fazia querer sair correndo de lá, gritando e pedindo por ajuda.

Com o passar das horas, a dor parecia ser menor, não porque estava diminuindo de fato, mas o meu corpo já estava se acostumando com aquela sensação, era como se já fizesse parte de mim, no fim do dia, eu nem conseguia mais me lembrar de como era a minha vida sem ela. Tão intensa, tão forte, era ela que me dava à certeza de que eu ainda estava respirando, pois a cada movimento que meus pulmões faziam eu a sentia, isso de certa forma trazia um alívio para mim, significava que não era o fim, era o que me mantinha em alerta à espera de alguma notícia.

A noite havia chegado e eu a vi passar lentamente, como em um passeio de tartarugas, o rádio me acompanhou durante a longa jornada, tocou incansavelmente o CD com a minha trilha sonora, eu não temia mais o meu painel de fotos, após já ter passado uma noite inteira em claro olhando para ele e vendo as fotos se mexerem, naquela noite, na segunda noite em claro, não me importei mais com o que estava ao meu redor, meu pensamento estava longe, meus olhos estavam abertos, na espreita, mas eu não estava lá, havia me transportado para algum lugar aonde eu pudesse deixar, pelo menos por algumas horas, de sentir aquela agonia que era irritantemente dolorida.

Eu precisava constantemente dizer a mim mesma para ser otimista e para isso, travei uma batalha em minha mente que parecia trabalhar sem a minha vontade, o meu lado racional estava em conflito com meu lado emocional, enquanto um dizia que ia dar tudo certo, o outro dizia que não haveriam chances devido às circunstâncias, eu estava literalmente com o meu sistema nervoso em frangalhos.

Uma hora da manhã: eu deitada na cama ouvindo música e chorando.

Duas horas da manhã: eu, sentada em minha cama ouvindo música e incansavelmente chorando.

Três horas da manhã: eu, andando pelo quarto e chorando

Quatro horas da manhã: fui para a cozinha beber água, minha garganta estava seca de tanto chorar.

Cinco horas da manhã: meu corpo e minha mente cederam, fui vencida, nocauteada e obrigada a me entregar ao cansaço, mesmo não querendo dormir, pois a qualquer momento o telefone poderia tocar, não pude mais lutar, a noite havia se passado e com o começo do novo dia, com o surgimento do sol ao céu, me entreguei àquela sensação de alívio que o sono estava me proporcionando e adormeci, assim como os morcegos que durante a noite ficam acordados e de dia dormem para se recompor, eu estava lá, adormecida em minha cama, recuperando minhas forças.

Acordei assustada com o toque do telefone, eu não sabia que horas eram, mas estava sentindo o cheiro de comida que vinha da cozinha, percebi que estava próximo ao horário do almoço, saí da cama em disparada para chegar até a sala a tempo de atender ao telefone, a família dele estava certa, a primeira pessoa para quem ele ligaria era eu.

— Jú! Sou eu, o Gabriel. — sua voz estava apressada e sua respiração ofegante. Meu peito se apertou e eu engoli seco.

— Gabriel, onde você está? — aquela pergunta já estava se tornando habitual em nossas conversas por telefone

— Estou em Bauru. — ele respondeu com a voz tremula. Ele estava na cidade vizinha em que sua irmã morava.

— O que aconteceu? — perguntei já sabendo que a resposta seria vaga e nula.

Havia um tom de frustração em sua voz, ele parecia estar confuso e assustado. Preocupei-me em saber se estava bem, fisicamente principalmente, se estava em condições de esperar pela a família dele.

Parte do que conversamos pelo telefone, na primeira ligação após seu

sumiço por três dolorosos e infindáveis dias, felizmente ou infelizmente, não consigo me lembrar, lembro-me do que aconteceu e dos fatos que se sucederam depois, mas das falas, exatamente como foram, não estão mais presentes em minha memória acessível, talvez isso se dê pelo fato de que no momento em que tocou o telefone e eu pulei da cama e corri para atender e ouvi a voz dele, houve uma explosão de sentimentos, foi muito intenso, uma mistura de alívio e raiva haviam tomado conta de mim e tive que me manter lúcida o suficiente para saber como agir, para não espantá-lo, para não fazê-lo se arrepender por ter me ligado.



A VERDADE

Minha mãe entrou na sala, eu havia acabado de desligar o telefone, havia combinado com ele que eu entraria em contato com a irmã dele para irem buscá-lo na rodoviária de Bauru, havia pedido para que ele me ligasse após dez minutos, mesmo sem garantias de que ele o faria, era um risco que eu tinha que correr, se ele havia me ligado significava que havia “caído na real” e que queria voltar para casa.

Eu estava chorando com as mãos em meu rosto quando minha mãe entrou, eu estava esperando me acalmar para ligar para a família dele, naquele momento, em que ela me viu, percebi que eu não podia mais deixá-la fora daquilo, era muito maior do que eu imaginava, muito maior do que eu podia suportar sozinha.

Ela sentou-se de meu lado e contei tudo a ela, desde quando eu havia descoberto, até o cancelamento da viagem por conta do sumiço dele e por fim

da ligação que eu havia recebido dele há poucos minutos atrás.

Eu não poderia esperar reação diferente da minha mãe, na verdade, sempre soube como ela reagiria se soubesse. Eu sabia que minha mãe era diferente, pensava diferente e agia diferente, ela era e é o meu espelho, a sua garra e determinação sempre foi a minha inspiração, a vida para ela nunca havia sido fácil, mas ela sempre foi uma mãe amável e presente e acima de tudo justa, sempre disposta a ajudar àqueles que precisam e ela viu que era uma causa que valeria a pena abraçar.

Ela me abraçou, eu pude ver o espanto em sua face, mas mesmo assim, naquele momento ela fez com que eu sentisse que no final tudo iria dar certo, como foi boa aquela sensação, eu estava tão aliviada em ter contado a ela, tive a certeza de que eu não estava sozinha. Ela não me repreendeu e isso me deu forças.

Ela havia deixado claro que não era aquilo que ela queria para a filha dela, mas que jamais se recusaria ajudar da forma que lhe fosse possível, essa é a minha mãe, ela vê além, ela o via como um ser humano que necessitava de ajuda e não mais como o meu namorado.

Liguei para a casa da irmã dele, ela me pediu para que quando ele me ligasse novamente, tentasse mantê-lo o máximo de tempo no telefone possível, pois quem iria buscá-lo seria o pai dele.

Pouco antes de isso tudo acontecer, ele e a irmã haviam se reaproximado do pai, o irmão mais velho e a irmã que morava em outra cidade ainda não queriam esse tipo de contato, eu estava junto quando o encontro aconteceu, lembro-me do olhar feliz do Gabriel ao ver e abraçar o seu pai, do sorriso de criança e da alegria e satisfação em estar com ele. Eles iam se ver novamente, mas por um motivo que não era esperado por ninguém.

Minha mãe estava na sala comigo quando ele ligou novamente, foi horrível a sensação que senti, eu estava com medo de que ele não aguentasse esperar por alguém, ele pedia para que eu ligasse na padaria da irmã e pedisse que ela fosse buscá-lo, mas eu sabia que ela não iria, que ela estava tão assustada com isso tudo quanto eu.

Ficávamos por volta de vinte a trinta minutos no telefone, aí desligávamos para que eu pudesse ligar para a irmã, para saber se o pai dele já estava a caminho, cada vez que desligávamos, meu corpo recebia uma nova carga de adrenalina, era o que me mantinha naquele momento, a incerteza se ele ia ligar novamente era desesperadora, passava um pouquinho

do tempo que havíamos combinado e meu corpo já parecia padecer em desespero, isso foi durante mais de três horas, uma agonia inexplicável, um pesadelo onde eu era a mocinha correndo desesperadamente, como nos filmes de terror que passavam nas sextas-feiras treze.

O tempo estava passando devagar demais, cada vez que o telefone tocava, meu coração parecia sair pela boca, eu sentia minhas pernas adormecerem e sentia o meu corpo amolecer quando eu ouvia a voz dele do outro lado da linha. Ele estava impaciente, estava reclamando que estava com fome, isso doía demais em mim, a raiva praticamente já havia passado, eu só queria vê-lo, só queria poder dar algo para ele comer, abraçá-lo e esquecer tudo aquilo. Ouvi-lo chorando ao telefone dizendo que não estava mais aguentando, estava acabando comigo, ou melhor, com o pouco que restava de mim.

Mais de quatro horas depois, eu mal havia saído da sala, passei quase que o tempo todo sentada ao lado do telefone, ora falando com ele e ora esperando o retorno da ligação dele. Na última ligação, quando o pai dele chegou, foi emocionante e comovente. Eu vivi uma sensação de alívio, de missão cumprida, foi tão gratificante saber que dali em diante ele ficaria bem. Me senti renascida.

Do outro lado da linha eu o ouvi dizer que o pai dele havia chegado, que o inferno havia acabado, enquanto nos despedíamos por telefone, ambos choramos e prometemos nos ver em breve.

No fim do pesadelo, fiquei ainda na sala com minha mãe, tentando ser forte, contando a ela tudo o que havia acontecido até aquele dia. Mais uma vez, ela me apoiou e me deixou confortável para chorar e desabafar. Depois me retirei para o meu quarto, eu estava visivelmente cansada, precisando ficar deitada, havia perdido todas as minhas energias, emocionalmente eu estava detonada. Joguei meu corpo todo em cima da minha cama e só saí de lá no fim do dia quando a minha mãe bateu na porta para dizer que ele estava no telefone.

Não pude conter a emoção ao ouvi-lo dizer o meu nome, meu coração acelerou quando ele disse que estava com saudades e quando mais uma vez, pediu desculpas e eu em minha codependência apenas disse que estava tudo bem e nada mais.

Ele estava na casa do pai dele, perto de Campinas, disse que já havia comido e tomado banho, conversamos pouco, logo nos despedimos com a promessa de que nos falaríamos na manhã seguinte.

E assim se foi mais um dia.

A semana começou e terminou sem nos vermos, apenas nos falávamos por telefone, ele dizia que estava bem, que estava ajudando o pai dele no trabalho, dizia apenas que a parte ruim era a saudades que sentia, que queria me ver. Por mais que eu também sentisse saudades, mais uma vez fui obrigada a interpretar a garota forte, para que ele aguentasse, para evitar que ele fizesse qualquer besteira, a cada dia que se passava, mais a minha fé e minha força eram testadas eu não sabia até onde eu aguentaria, mas eu sabia que eu tinha que continuar, mesmo com a forte dor que havia se instalado dentro do meu peito.

E assim, a sexta-feira chegou, faltava só mais um dia para nos vermos, o pai dele ia ministrar uma palestra em um shopping de Campinas e então, havíamos combinado de que eles me pegariam na rodoviária de lá e eu iria com eles para o shopping.



O REENCONTRO

E então você percebe que depois de verbalizar um sentimento, seja bom ou ruim, ele vai com o tempo diminuindo, é como se a consequência de guardá-lo para você fosse a angústia e a recompensa por verbalizá-lo fosse a liberdade dele mesmo. [Bogue Livro Valeu a Pena]

Levantei-me cedo da cama, naquela manhã eu me sentia bem, me sentia disposta, me arrumei com empolgação, vesti uma saia longa cor-de-rosa com uma blusa branca de gola, me senti feliz por estar com vontade de me pentear e de me maquiar, ultimamente, eu mal estava passando na frente do espelho, mas aquela manhã algo estava diferente, eu sorri para mim mesma ao me ver no espelho. Saí de casa acompanhada pelos raios de sol que estavam ainda chegando e com a sensação de que seria um lindo dia.

Quando cheguei na rodoviária de Campinas ele já estava me esperando, encostado ao lado de uma lanchonete, seus olhos fixaram nos meus quando ele me viu e ele começou a caminhar em minha direção. Ele estava visivelmente mais magro e abatido, ele que sempre foi tão vaidoso, estava indo em minha direção com um andar duro, vestindo uma camiseta e calças jeans que eu nem conhecia, o rapaz jovem e belo por quem eu havia me apaixonado definitivamente não estava ali naquele momento. Nos abraçamos fortemente por um bom tempo, como se não houvesse nada e nem ninguém ao nosso redor, eu estava grata por vê-lo bem, meu coração estava se recompondo vagarosamente.

O pai dele estava nos aguardando no carro, seguimos direto para o shopping onde teria a palestra, no caminho, conversamos pouco, falamos sobre coisas diárias e banais e o pai dele foi nos explicando como seria a palestra.

Ficamos o máximo que conseguimos no salão assistindo à palestra, após quase uma hora depois, estávamos saturados e nem um pouco interessados em ficar lá, saímos e fomos andar pelo shopping, paramos em um quiosque de doces, comprei um gigantesco brigadeiro e nos sentamos em um dos bancos.

Eu não precisei fazer pergunta alguma, voluntariamente ele começou a me explicar o que havia acontecido naqueles três dias. Fiquei chocada quando olhando em meus olhos e segurando em minhas mãos ele disse que havia dormido na rodoviária de Bauru, que consumiu droga até não ter mais dinheiro para pagá-la e que na verdade esse foi o motivo que o havia trazido à realidade, a falta de dinheiro, enquanto ele o tinha, em nenhum momento pensou em sua família ou em mim, só se deu conta quando não lhe restara mais nada, quando começou a sentir fome e sono, quando o cansaço o dominou.

Meus olhos estavam marejados de lágrimas e tive que fazer um esforço grande para não me deixar abater pelo o que eu havia escutado, ele estava sendo sincero e eu não podia fazê-lo recuar por conta das minhas frustrações, eu não tinha esse direito.

Eu não podia sentir ódio dele, ele estava sendo sincero e eu havia lido depoimentos parecidos na internet, sabia que funcionava desse jeito, havia aprendido um pouco em minhas leituras, eu estava me acostumando a não estar mais na redoma de vidro e não ser mais a “princesa” dele.

A palestra acabou e fomos almoçar na casa do pai dele, quando

ficamos a sós, ele fez comentários do tipo que não estava conseguindo se acostumar a ficar lá, que a esposa do pai o tratava muito bem, mas que ele estava se sentindo deslocado, sentindo falta das suas coisas e da sua antiga vida. Mais uma vez tive que fazer o papel da incompreensível e tentar mostrar para ele que qualquer coisa que ele não gostasse, seria pequeno em relação ao que poderia ser se ele não tivesse a ajuda do pai. Não foi fácil para mim ser convincente de que o melhor para ele era continuar lá, mas mesmo assim, eu insisti, rebati todas às suas reclamações, fui fria quando ele se colocou na posição de vítima e deixei claro que eu só ficaria do lado dele se ele se permitisse ajudar.

A tarde foi chegando ao seu fim e era hora de eu ir embora, nos despedimos na rodoviária, ambos tristes, mas mesmo assim, eu estava aliviada, porque sabia que ele estaria seguro. Nossos olhares se encontraram enquanto ele assistia o ônibus partir e ele acenou para mim.

Cheguei em casa com a sensação de que realmente havia sido um bom dia, embora eu havia ficado com a imagem dele mais magro e pálido em minha memória, eu voltei para casa com a certeza de que ele estava bem, a salvo. Contei à minha mãe como havia sido o encontro e logo fui para o meu quarto.

Pouco tempo depois o pai dele me ligou dizendo que ele havia fugido, ele já havia ligado para a irmã para avisar sobre a fuga do Gabriel e para o meu espanto, disse que estava me ligando porque achava que eu saberia aonde ele podia estar. Não gostei do tom da voz dele ao telefone, ela era acusatória, como se eu estivesse envolvida ou fosse a culpada. Eu fiz o que tinha que ser feito, me defendi e disse que se ele entrasse em contato os informaria.

Desliguei o telefone assustada, o dia ainda não havia acabado e a sensação de que estava indo tudo bem havia ido embora, como se um vendaval tivesse passado e levado consigo toda a alegria que eu havia sentido horas antes ao deixá-lo na rodoviária certa de que ele ficaria bem.

Sentei-me novamente ao lado da mesa do telefone e lá fiquei, controlando a ansiedade e meu nervosismo. Tudo de novo? Eu não suportaria mais um sumiço dele. Pensei nas noites em que passei acordada dentro do meu quarto, eu não achava que ele havia fugido para se drogar, mas também não tinha a mínima ideia de para onde ele poderia ter ido.

Minha mãe estava na sala comigo quando o telefone tocou, eu não pude disfarçar a minha agonia e meu medo de atendê-lo, ela percebeu e me

encorajou. Era ele, dizendo que estava perto da minha casa, ele perguntou se ele poderia ir para lá e eu disse que sim.

Eu não sabia o que fazer, eu não tinha escolha, não podia deixá-lo na rua. Minha mãe concordou em deixá-lo ir para minha casa com a condição de que falaríamos com a família dele.

Minutos depois, ele já estava no portão de casa, o recebi com tranquilidade, minha mãe percebeu que ele estava receoso e envergonhado, ela o encorajou a entrar, deixando claro que ela estava disposta a ajudá-lo também. Ligamos para a irmã dele e eu disse que ele estava em casa e que estava bem, ela desligou dizendo que estava indo para lá.

Enquanto estávamos na sala com minha mãe, ele disse que não estava se sentindo bem na casa do pai, que todos eram estranhos para ele, que não conseguia se acostumar, eu acreditei nele, imaginei que seria difícil mesmo, de repente você começar a morar na casa do seu pai que você mal tinha contato e ainda mais com ele já tendo outra família, me coloquei no lugar dele, eu também não me acostumaria facilmente.

Não passou muito tempo que ligamos para a irmã dele, ela e o pai dele chegaram na minha casa. Percebi, no momento em que entraram que havia algo diferente no olhar deles, ambos estavam achando que eu havia participado e apoiado o Gabriel na fuga dele, o tom de voz da irmã dele era totalmente diferente do que ela costuma usar comigo, estava fria, distante. Com poucas palavras, disse que eu não iria fazer bem para ele, que enquanto ele ainda estivesse apegado a mim, ele não se dedicaria inteiramente à sua recuperação, pois ele não conseguiria ficar longe e nem estaria disposto ficar longe mim.

As palavras dela soaram como bombas explodindo em meus ouvidos, não parecia ser ela, que sempre fora amável comigo, sempre demonstrou aprovar o nosso relacionamento, eu estava chocada, sentada no sofá de casa com as mãos trêmulas de nervoso.

O Gabriel percebeu o meu espanto e levantou-se para falar com a irmã e com o pai que até então não havia dito nada, ele logo foi argumentando, dizendo que ela não estava certa, que eu o apoiava e dava força para ele, que era injusto o que ela estava dizendo. Por um momento tive que pedir a ele que se acalmasse e que abaixasse o tom de voz, pois a minha avó estava no quarto dela e não sabia de nada do que estava acontecendo, ela não poderia saber, não entenderia. Ele se acalmou, mas a irmã ainda assim insistia que ele deveria voltar para a casa do pai, eu concordei que seria melhor para ele, mas

ele estava relutante, não queria ir, estava começando a ficar aflito, pois o pai dele também estava insistindo e tentando convencê-lo, me senti em uma daquelas situações em que qualquer coisa que você faça ou diga resultará no mesmo final, um desastre total.

Minha mãe estava ouvindo tudo pacientemente, quando se levantou e disse que se ele quisesse ficar em casa por uns dias, para pensar, ele poderia, com a maior calma e segurança, ela disse que não seria bom para ele forçá-lo a ir e que talvez fosse saudável que ele ficasse uns dias comigo em casa. Lembro-me da afeição do rosto da irmã dele mudar instantaneamente, de imediato ela desaprovou, argumentou dizendo que não sabíamos o que estávamos fazendo, e de fato, não sabíamos, mas que a decisão por fim era nossa.

A discussão durou mais alguns minutos e ela e o pai dele foram embora sem nem ao menos despedirem dele. Senti um vazio naquele momento, senti por ele a dor de não se sentir apoiado. Naquele dia, não pude entender os motivos dela, mas hoje entendo perfeitamente.



O LAR TEMPORÁRIO

Pelo resto da minha vida, terei que controlar a minha tendência pelo sofrimento. Pelo resto da minha vida, terei que vigiar a minha compulsão por me colocar em situações em que tenho que provar a minha força. Pelo resto da minha vida, terei que driblar a minha tendência a me diminuir diante dos outros. Pelo resto da minha vida, terei que lidar com problemas de baixa autoestima que possam vir a surgir. [Blogue Livro Valeu a Pena]

Daquele dia em diante, a minha casa havia se tornado o novo lar dele, um lar que era para ser temporário, por alguns dias somente, mas que com os acontecimentos futuros, passou a ser o lar para qual ele voltava todos os dias.

Para a minha avó, dissemos que ele havia brigado em casa com a irmã e que ia ficar alguns dias lá conosco. Para o meu irmão, minha mãe contou a verdade, são apenas dois anos de diferença entre a minha idade e a dele e embora ele fosse mais velho do que eu, minha mãe foi cautelosa ao contar para ele, não sabíamos qual seria a sua reação, e foi surpreendente, reagiu melhor do que esperávamos, demonstrou apoio ao Gabriel e isso me deixou feliz, era um lado compreensível do meu irmão que eu não conhecia, eu esperava que ele fosse nos reprimir, como o homem da casa, pensei que ele não permitiria algo do tipo, mas ao contrário, ele se juntou a nós e passou a fazer parte dessa história. Ter o apoio da minha família tornava as coisas um pouco mais fáceis.

Passamos a semana bem, eu tentava mantê-lo ocupado a maior parte do tempo, um dia ou outro íamos até o centro da cidade, mas logo estávamos de volta em casa, à noite ele costumava ficar no computador, às vezes, ele e meu irmão disputavam algum jogo na internet, isso o mantinha com a mente ocupada, o meu irmão estava fazendo a parte dele também.

Não sei ao certo quantos dias passamos assim, em casa quase que o dia todo, lembro-me que no sábado seguinte ao ocorrido, fomos dar uma volta no shopping à noite, e durante o passeio percebi que ele não parecia estar bem, parecia estar tenso, senti medo, não dele, mas por ele, mesmo assim, me mantive firme em não perguntar se algo estava errado, na verdade eu estava com medo do que ele pudesse responder. Voltamos para casa mais cedo do que o programado, em casa, eu não tinha o que temer.

Na semana seguinte, eu, minha mãe e ele fomos até Piracicaba fazer a minha matrícula na faculdade, eu não estava me aguentando de tamanha felicidade, mesmo com os últimos acontecimentos, eu estava irradiante, era o meu sonho desde os meus 13 anos fazer faculdade de Psicologia eu estava esperando ansiosa por aquele dia. O Gabriel, por um bom tempo compartilhou comigo a minha felicidade, senti que ele realmente estava feliz por mim e orgulhoso, mas senti também que algo o incomodava e logo pude perceber o que era, eu estava começando uma vida nova, entrando para a faculdade, lá era lindo e grande demais, muita gente, pessoas novas, amigas novas, muita coisa passou pela cabeça dele enquanto esteve lá comigo, com certeza o fantasma do sentimento de inferioridade havia voltado para assombrá-lo, pude ver em seu olhar que ele estava infeliz por ele, infeliz com a situação dele.

Durante a semana que se passou, evitamos falar sobre drogas e a

faculdade, ele estava apreensivo e eu não queria despertar nele nenhum sentimento que o colocasse para baixo.

Tudo parecia estar voltando ao seu devido lugar, não havíamos tido mais nenhuma surpresa desde que ele havia ido “morar” temporariamente em casa, eu realmente estava acreditando na ideia de que estarmos próximos, estarmos juntos, o estava ajudando, eu não sabia ainda, como funcionava a chamada abstinência e nem seus sintomas, então, em momento algum pude perceber se ele estava bem ou se estava se controlando desesperadamente por causa da falta da droga.

Chegou o grande dia, ele e minha mãe me acompanharam até o ponto aonde eu iria pegar o ônibus que ia para a faculdade. Lembro-me perfeitamente como foi aquele dia, lembro-me da bagunça gostosa que havia sido na faculdade, todos estavam eufóricos, tantos os veteranos quanto os novatos, era uma experiência nova para centenas de alunos, eu aproveitei ao máximo cada segundo daquele dia, senti a alegria me dominar em cada acontecimento, até o ar parecia ter um cheiro diferente, era o cheiro da realização de um sonho, do meu sonho.

Na volta para casa, dentro do ônibus fretado, os novatos, chamados de bichos foram pintados e participaram do trote, e eu estava lá, em pé, dentro do ônibus, participando e brincando com eles, simplesmente esqueci de tudo o que eu havia vivido e sentido nos últimos três meses e me permiti ser feliz de verdade. Cheguei em casa com o rosto todo pintado de verde, amarelo e outras cores, parecia que eu havia saído de um desfile de carnaval, o Gabriel se sentiu desconfortável ao me ver, e naquele momento me senti infeliz, me senti culpada por ter me divertido, enquanto ele esteve “preso” dentro da minha casa a noite toda, esperando a hora passar, esperando eu chegar. Tentei conversar com ele sobre o assunto, tentei deixá-lo à vontade, percebi também que ele estava um pouco enciumado, mas não era um problema a ser pensado, era natural que sentisse ciúmes e eu agi com naturalidade quanto a isso. Fomos dormir como se tudo estivesse bem.

A semana passou rápido, eu contava cada hora do dia para que chegasse à noite, para que chegasse a hora de me arrumar para ir para a faculdade, a minha mãe já não estava indo mais me levar até o ponto, íamos somente eu e ele, quando o ônibus chegava, nos dependíamos e eu pedia para ele voltar para a minha casa. Na hora do intervalo, eu ligava em casa para falar com ele e eram todos os dias assim.

Eu estava caminhando pela galeria da faculdade, na hora do intervalo

e depois de comer um salgado em uma das lanchonetes, peguei meu celular e liguei para a minha casa na esperança de falar com ele, mas quem atendeu foi a minha mãe, ela disse que ele havia demorado um pouco para chegar, depois que me levou até o ponto e que naquele momento ele estava tomando banho. Estranhei quando ele disse que ele havia demorado um pouco para chegar em casa, mas logo esqueci o fato. Somente dias depois é que descobri que ele estava se drogando no banheiro da minha casa.

Ele estava indo todas as noites me buscar no local aonde eu descia do ônibus, poucos quarteirões longe de casa, vê-lo lá quando eu chegava, me alegrava, era sinal de que estava tudo bem. E os dias e as noites foram se passando.



O PESADELO

Você sente dor quando o vê lutando desesperadamente contra seu vício, sente amor a cada dia que ele consegue ficar sem a droga, sente ódio a cada recaída, sente raiva a cada nova promessa de que vai parar, sente pena a cada lágrima derramada, sente culpa quando decide não sentir mais nada disso. [Blogue Livro Valeu a Pena]

Mais uma nova semana começava, eu, cada dia mais empolgada, mas escondendo dele a minha empolgação para não o chatear. Eu já havia feito a minha turma na faculdade, éramos eu e mais quatro amigas: Bianca, Mariana, Juliana e Shirley. Viramos um grupo e andávamos sempre juntas, elas foram importantes para mim naquele ano.

Como de costume, na hora do intervalo eu liguei para casa, a voz da minha mãe não me pareceu normal ao telefone, indaguei se havia acontecido

algo e pedi para falar com o Gabriel, ela limitou-se a dizer que ele não havia voltado depois que saiu para me levar ao ponto, senti meu corpo estremecer, uma onda de desespero tomou conta de mim, meus olhos ficaram cegos como uma nuvem escura e densa em um dia chuvoso, senti medo. Desliguei o telefone, o intervalo havia acabado, eu não consegui mais me concentrar na aula, eu sabia que havia alguém na frente da sala de aula, falando empolgadamente, cumprindo com o seu papel de professor, mas eu simplesmente não o ouvia, as palavras dele pareciam estar distantes, e mesmo no meio de quase cinquenta alunos, me senti sozinha no meio do deserto e desejei que a aula terminasse logo.

A rodovia do açúcar nunca fora tão longa quanto naquele dia, eu observava o céu pela janela, ele estava cheio de estrelas e estava uma noite agradável, poderia ter sido uma linda noite, mas não foi. Minha mãe me ligou no celular para dizer que ele ainda não havia chegado e que por isso, como meu irmão chegava da faculdade primeiro do que eu, ele iria me esperar no ponto aonde eu desço para irmos juntos para casa.

Para meu espanto, encontramos com o Gabriel quando estávamos a caminho de casa, perguntei a ele onde ele estava porque eu já sabia que ele não havia voltado para a minha casa, ele desviou a conversa e eu insisti. Meu irmão estava andando na nossa frente, viramos a rua da nossa casa, foi tudo muito rápido, senti uma estranha força me empurrar para trás, senti a minha bolsa sendo puxada e senti a dor da queda quando caí no chão, meu corpo amoleceu e antes que eu percebesse, eu estava esticada no chão, bem no meio da rua e ele estava correndo para longe. Eu gritei e meu irmão olhou para trás espantado e começou a correr também. Na esquina da rua da frente, estavam alguns garotos sentados, eles ficavam ali conversando todas as noites, todos moravam no bairro, não incomodavam ninguém, apenas jogavam conversa fora tarde da noite, meu irmão passou por eles gritando

— Pega! Pega! — E eles mais do que depressa entraram no carro e saíram em disparada. Não tive tempo de sentir dor ou ver se eu estava machucada, levantei depressa e corri desesperadamente por quatro quarteirões, as casas ao redor por onde eu passava pareciam construções de papelão, eram mais um borrão no ar do que concreto e tijolo, e quanto mais eu corria, mais a rua se tornava funda e escura aos meus olhos. Quando os vi com o Gabriel, eles não sabiam o que estava acontecendo, acharam de imediato que se tratava de um assalto, eu e meu irmão tivemos que explicar rapidamente sobre o seu problema com drogas para que não o machucassem,

eles estavam prestes a batê-lo se não chegássemos a tempo. Um dos rapazes pegou a minha bolsa e me devolveu e em seguida o levantou do chão e o colocou dentro do carro para levá-lo para a minha casa. Ele ainda relutou, não queria entrar no carro, seus olhos estavam explodindo em chamas e em momento algum se encontraram com os meus.

O Gabriel ficou na garagem enquanto fui chamar a minha mãe, para a minha sorte, a minha avó já estava dormindo, já era mais de meia noite, a rua estava silenciosa novamente, me senti aliviada ao ver que ninguém havia escutado os meus gritos. Fui até o tanque e enchi um balde de água, voltei para a garagem e o despejei sobre a cabeça dele na esperança de que a água fria o trouxesse de volta à realidade. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, assim como os meus, eu estava assustada, nunca imaginei que ele fosse capaz de fazer algo a mim, mas ele fez, mesmo sem intenção de me machucar, ele queria somente a minha bolsa, mas mesmo que eu não tivesse caído no chão com a força que ele usou para puxá-la de mim, mesmo assim ele já teria me machucado, eu estava sem chão e sem saber o que fazer. O buraco voltou a se abrir e eu não podia gritar por ajuda, eu era a ajuda e tudo o que eu tinha que fazer era permanecer forte para ajudá-lo, eu não podia falhar, não com a minha mãe e meu irmão envolvidos, não era uma opção vivenciar aquela cena sem desmoronar, era uma ordem dada pelo meu cérebro ao meu corpo que já estava a ponto de se desmanchar no chão.

Mesmo sabendo que eu não era forte o suficiente para suportar aquela dor, eu suportei.

Lentamente fui me trazendo à realidade novamente. Ele estava no chão, sentado, minha mãe e meu irmão perceberam que ele não representava mais perigo a mim e nem a ele, então nos deixaram sozinhos. Sentei-me ao seu lado, ele não olhava para mim, respondia às minhas perguntas com o olhar fixo no chão, eu estava controlando a minha respiração, estava nervosa, queria abraçá-lo e dizer que estava tudo bem, pedir para que ele esquecesse, mas eu não consegui, não fui forte o suficiente para animá-lo naquele momento. Ele se levantou dizendo que ia embora, que não queria mais me causar sofrimento e eu insisti para que ficasse, eu sabia que se ele saísse, poderia ser o fim. Insisti para que ele fosse tomar um banho e fosse dormir, ele me abraçou dizendo que precisava de ajuda e naquele momento eu o vi como um anjo novamente, estava tão pálido quanto ao dia em que o conheci, lembrei-me da impressão que tive dele no primeiro dia em que nos vimos, dos olhos vibrantes, mas triste, procurando algo, procurando ajuda e tudo

começou a fazer sentido para mim, eu tinha que ajudá-lo e foi o que eu decidi fazer.



A CLÍNICA

Desde que contei à minha mãe a verdade, ela também havia feito pesquisas na internet sobre o assunto e depois que o Gabriel foi dormir, juntas procuramos por clínicas de reabilitação. Entramos no site de uma que eu já havia visto dias antes e decidimos que tentaríamos aquela na manhã seguinte. Eu fui dormir, não havia mais nada que eu pudesse fazer a não ser aguardar o dia amanhecer.

Durante horas, fiquei acordada o vendo dormir, fiquei com medo de que ele voltasse atrás e desistisse da ajuda. Dormindo, ele voltava a ser um anjo.

Quando ele acordou, perguntei a ele se ele tinha certeza de que estava pronto, de que queria ajuda e decididamente ele respondeu que sim, ele me abraçou e disse que era tudo o que mais queria, eu pude sentir o desespero em seu abraço.

— Estou com você, vamos superar isso juntos. — eu disse tentando reconfortá-lo. - Fui tomada por uma onda de otimismo, estava um lindo dia lá fora e eu me sentia particularmente feliz, era o início de um recomeço para nós.

Chegamos à clínica no meio da manhã, ela ficava em uma cidade próxima à cidade de Jundiaí, a menos de uma hora de carro, era em um bairro afastado, fomos observando o percurso no caminho, ele estava se esforçando ao máximo para se manter firme em sua decisão e eu também, sabíamos que com a internação dele, as coisas mudariam um pouco, sabíamos que ficaríamos separados novamente, mas sabíamos que era preciso.

Já esperavam por nós quando chegamos, minha mãe havia ligado avisando que iríamos, fomos recebidos por um homem que era um dos responsáveis pela clínica e também por uma psicóloga. Acertamos a parte burocrática da internação na casa principal, onde era o escritório e depois descemos para conhecer o local. No caminho, ela foi explicando como funcionava o processo, o primeiro passo, da internação voluntária, a segunda parte que era enfrentar as crises de abstinência, a aceitação da condição em que se encontravam, a fase em que eles tinham que aprender a lidar com seus erros, seus medos, a importância da ajuda da família no processo de recuperação e principalmente, a importância de que a família participasse das reuniões junto com eles.

Era uma grande chácara com gramado por toda a parte, no meio dela havia uma espécie de varanda gigantesca com bancos feitos em alvenaria por todos os lados, continuamos descendo pelo terreno imenso, passamos por uma espécie de portão e saímos em frente à piscina, a psicóloga nos explicou que fazer exercícios físicos era fundamental para a desintoxicação do dependente, ao lado da piscina havia uma estufa, lá, eles cultivavam Bonsais, cada interno era responsável por um, e mais uma vez a psicóloga nos explicou que servia como terapia, mas também como algo que os fizessem se sentirem necessários, as plantas dependiam deles para sobreviverem.

Entramos em uma casa ao lado da piscina, nos quartos haviam beliches e armários embutidos, alguns jovens estavam na sala por onde passamos, assistindo à TV, me espantei ao ver que havia uma grade em volta do aparelho e a explicação era que servia para evitar que tentassem tirá-la de lá em alguma tentativa de fuga. Eu apertei a mão dele quando a psicóloga pronunciou a palavra fuga e ele havia entendido, seus olhos escorregaram ao encontro dos meus e ele sorriu carinhosamente para mim, me tranquilizando.

Conhecemos o resto da chácara e voltamos para a grande varanda, lá, nos deixaram sozinhos para nos despedirmos. Eu espero nunca mais sentir aquela dor novamente, estava me sentindo vazia por dentro, me sentindo oca, no céu, o sol ainda brilhava, mas dentro de mim já era escuridão total. Eu não estava internando somente o meu namorado em uma clínica para dependentes químicos, eu estava internando um rapaz jovem, bonito que não precisava estar passando por aquilo, eu estava internando um ser humano, era algo surreal estar ali, ter de me despedir dele, eu não queria passar por aquele momento, até quando eu aguentaria? Por mais quanto tempo minha fé seria testada?

Nos abraçamos, e aquele abraço foi o momento mais doloroso de todos que eu havia passado até então, fez parecer com que todo o sofrimento que eu já tinha passado era insignificante diante daquela despedida. Parte de mim estava aliviada, porque sabia que era o melhor a fazer e eu senti culpa por isso, mas outra parte estava totalmente devastada, assustada, desfeita em pequenos pedaços, como caquinhos de vidro e eu não podia chorar, eu sabia que ele não aguentaria se me visse chorando eu tinha que seguir em frente com a minha encenação de autocontrole. Foi naquele dia que aprendi a sentir dor sem chorar, mesmo ela sendo insuportável, trazendo a sensação de que seus ossos estão sendo esmagados lentamente. Foi a dor mais intensa que eu já havia sentido e eu não chorei.

Ele ficou ali, parado segurando a sua mochila azul em companhia da psicóloga enquanto atravessávamos o portão e íamos embora. Eu vi o seu olhar de desespero quando ele me viu sair, eu mergulhei em seu profundo olhar e senti o mesmo que ele, e nada podia ser feito porque tudo o que podia ser feito era exatamente o que eu havia feito, interná-lo.

Já em meu quarto me arrumando para ir para faculdade, me perguntei se havia tomado a decisão certa, cheguei a duvidar se realmente a internação era a melhor solução, ele já havia me contado coisas horríveis sobre as clínicas que ele já havia sido internado e eu não conhecia esse mundo, não saberia escolher o melhor lugar para ele ficar apenas pesquisando na internet, eu não tinha garantias de que lá, era um bom lugar.

A minha mãe ligou para a irmã dele para contar o que tinha acontecido e sobre a decisão de interná-lo, ela havia se demonstrado descontente, e deixou claro que não teria condições de pagar a internação, nós também não, infelizmente, essas clínicas são caras demais e conseguir uma vaga em alguma pública era quase que impossível, minha mãe sabia que

não poderia contar com a família dele, ainda mais por estarem rancorosos conosco, mas mesmo assim, sabia que havia feito o que era melhor.

Mais dois dias haviam se passado, eu estava tentando seguir em frente, mas era difícil, ele estava em todos os lugares, ele estava o tempo todo em minha mente, eu o via em cada canto da minha casa, eu o via quando ouvia a nossa música, o via no ponto de ônibus onde costumava me esperar e para qualquer lugar que eu olhasse algo me trazia a sua imagem em minha mente, eu estava vivendo a mercê da dor que a saudade estava causando.

Minha melhor amiga, Fabiana, tentou me animar e até mesmo arriscou a dizer que talvez fosse melhor assim, que com o tempo e a distância talvez fossemos nos desligando. Ela sabia o quanto éramos ligados, mas ela era a minha melhor amiga e estava acompanhando tudo de perto, eu ligava para ela quase todos os dias para desabafar, ela estava vendo o meu sofrimento e embora eu não tenha concordado com as palavras dela, não pude culpá-la por dizê-las, sabia que era o que todos iriam dizer ao me ver sofrendo como eu estava.

Eu já havia almoçado e estava no meu quarto estudando com o rádio ligado, ouvindo a nossa canção quando fui interrompida com o toque do telefone, era a secretária da clínica dizendo que ele havia fugido. Senti ódio, um sentimento que desprezo totalmente, mas senti, ele não tinha o direito de fazer aquilo comigo, com minha mãe e com si próprio. Ela tentou me acalmar e explicou que era normal acontecer, que ele não era o primeiro e nem seria o último a fugir de uma clínica, mesmo que tenha sido internado por vontade própria. Ela continuou explicando o que eu deveria fazer caso ele ligasse, o que eu deveria dizer para convencê-lo a voltar e por fim disse que eu tinha que ser firme e não deixá-lo voltar para casa, que com certeza ele iria tentar me convencer que a clínica não era boa, que isso fazia parte da manipulação que o adicto faz para conseguir o que quer. Ela me advertiu de todas as artimanhas que ele usaria para me comover e até me fazer sentir remorso e culpa. E o pior é que ela estava certa.

Assim que ela desligou, liguei para a mim mãe no serviço dela, eu na verdade não queria incomodá-la e preocupá-la, mas era tarde demais para isso, ela já estava envolvida e eu precisava desabafar, precisava dizer que estava preocupada, que estava com raiva por ele ter feito aquilo.

No meio da tarde ele ligou, disse que estava na rodoviária de Jundiáí, que era ao lado da cidade aonde a clínica ficava, em Louveira e que não queria mais voltar para lá. Respirei fundo e tomei coragem para dizer.

— Gabriel, se você não quer voltar para a clínica, eu não posso te ajudar mais, você não pode voltar aqui para casa, você tem que se tratar! — A minha voz estava firme, coloquei nela, toda a minha força, todo o meu desejo de vê-lo bem, toda a minha vontade de voltar a ter a vida que tínhamos antes, mas foi doloroso falar daquele jeito com ele, aquela não era eu e ele sabia, e por isso eu tinha que ser a mais dura possível, porque ele me conhecia o suficiente para saber que eu não o abandonaria e isso me tornava vulnerável para cair nas possíveis chantagens emocionais que ele poderia fazer.

— Jú, você não entende, lá eles só querem o dinheiro, não é uma clínica de verdade, nós temos que trabalhar com enxadas, temos que limpar todo o terreno. — ele estava choramingando ao telefone.

Eu o interrompi. — Mas você queria o que Gabriel? Ficar sentado o tempo todo no sofá assistindo TV? — houve uma pausa e por um segundo pensei que ele estivesse desligado. Eu jamais havia falado assim com ele antes, com tanta frieza e indiferença. Acreditem, não foi nada fácil.

Foram minutos de lamentações por parte dele, colocando defeito em tudo que tinha na clínica e ainda tive que suportar a dor de ouvi-lo implorar para deixá-lo voltar para a minha casa.

— Você sabe que se você não se tratar, a minha mãe não permitirá mais que nos vemos, é a única forma de continuarmos juntos! — eu argumentei.

— Você tem razão. — ele disse, em tom de derrota.

— Você vai voltar então? — perguntei, controlando minha voz para não demonstrar minha empolgação.

— Sim.

Pude ouvir o suspiro do outro lado do telefone.

— Então me liga daqui a pouco, vou ligar na clínica. Mas Gabriel, eu espero realmente que você me ligue de volta.

— Está bom. — respondeu ele, não escondendo sua frustração.

Pronto! A sorte está lançada! Pensei comigo. Nesse meio tempo, enquanto eu ligo para a clínica ele pode desistir e realmente não me ligar por alguns dias ou nunca mais. Eu odiava aquele pensamento, mas era a realidade e eu tinha que aprender a lidar com ela.

Rapidamente liguei para a clínica e recebi as instruções novamente do que fazer. Quando o internamos lá, deixamos uma quantia de dinheiro como uma espécie de fundos para emergências como essas, me orientaram a

mandá-lo pegar um táxi e voltar para a clínica e que lá pagariam com esse dinheiro deixado pela minha mãe.

Aguardei o telefonema dele e cada segundo que se passava pareciam horas infundáveis, como pequenas tartarugas caminhando lentamente em direção a lugar algum. Eu olhava freneticamente para o meu relógio o ponteiro se arrastava lentamente, trabalhava preguiçosamente parecendo não se importar com a minha aflição.

E o telefone tocou. Senti um alívio imediato. Ele concordou em fazer o que havia dito e seguiu as minhas instruções para pegar um táxi. As coisas estavam voltando ao normal, afinal, o normal na minha vida não era mais ter o meu namorado do meu lado, era me conformar que para que ele ficasse bem, a nossa separação era inevitável.

Me ligaram da clínica assim que ele chegou e deixaram ele falar comigo por alguns segundos, o suficiente para eu dizer o quanto estava orgulhosa dele por ter conseguido voltar. Eu sabia o quanto devia estar sendo sacrificante para ele ter se rendido.

E assim, terminou meu dia, inutilmente fui para a faculdade, não consegui sequer prestar atenção no que as minhas amigas diziam, muito menos na aula dada pelo professor.

O fim de semana estava chegando, avisamos a família dele sobre as visitas aos domingos, mesmo eles não terem confirmado se iriam, ficamos esperançosos.

E então o domingo chegou, com o sol empurrando a lua em busca de seu espaço no céu, eu me levantei e me arrumei. Tínhamos uma longa jornada até chegarmos à clínica. Eu estava ansiosa. Fomos umas das primeiras a chegar, com o passar dos minutos, logo já estava cheia de pais, mães, namoradas e irmãos. Vi a frustração no olhar do Gabriel, quando a reunião começou sem a família dele, eu sabia e sentia que ele estava feliz por eu e minha mãe estar lá, mas eu também sabia o quanto ele desejava que a irmã e o pai ou mãe também estivessem, para verem com seus próprios olhos o quanto ele estava se esforçando em estar lá se tratando.

A reunião começou, foi comovente ouvi-los dizer todos juntos a Oração da Serenidade:

“Deus, conceda-me serenidade para aceitar as coisas que não posso modificar, coragem para modificar aquelas que posso e sabedoria para reconhecer a diferença”.

Eles terminaram com a frase: “Vivendo um dia e cada vez, só por

hoje”

Ao término, eu estava com os olhos marejados de lágrimas, segurando fortemente a mão dele em uma roda, depois, nos sentamos ainda em círculo e a psicóloga começou a nos explicar a importância dos 12 passos seguidos por eles, baseado no AA, e principalmente, a importância da família no momento de aceitação do dependente.

Foram quase duas horas de reunião, os adictos começaram falando e por fim os familiares, relatando suas vivências, contando suas angústias.

Eu apenas ouvi tudo o que foi dito, não estava pronta para falar. Na vez do Gabriel, com a voz um pouco tímida ele contou um pouco a sua história, desde o começo, eu o admirei por aquilo, admirei pela coragem e principalmente pela sinceridade. Todos os olhares estavam voltados para ele, pensei comigo se eu teria a mesma coragem que ele teve.

Almoçamos juntos na clínica e passamos a tarde toda lá e não percebemos quando o relógio nos golpeou em nossos peitos, mostrando que o tempo estava acabando, que eu tinha que ir embora. Mais uma vez, a partida foi dolorosa. Eu saí sem olhar para trás. Deixando com ele meus pensamentos, minha vontade de vê-lo em breve longe dali. “Curado”.

Mais uma semana se passou e eu nem percebi, não me importava com as horas, com o tempo, se fazia frio ou calor, se o dia estava lindo e ensolarado ou se estava feio e nublado. Eu passava a maior parte do tempo em meu quarto ouvindo sempre a mesma música, não tinha vontade de mais nada, a única coisa que ainda me mantinha viva, com um pouco de vontade, era a faculdade, lá, eu simplesmente colocava de lado tudo o que eu estava sentindo, porque lá, o sentimento da realização do meu sonho em estar ali, era maior do que a dor que eu carregava no peito, mesmo que essa alegria fosse momentânea, que durasse somente enquanto eu estivesse lá, mesmo assim, ainda valia a pena me arrumar à noite e ir para lá, disposta a sentar na carteira e absorver toda a informação passada pelos professores.

Me preparei para mais um domingo de visitas, eu estava ansiosa, feliz pelo fato do telefone não ter tocado naquela semana para receber alguma notícia ruim, para dizer a verdade, cada vez que eu ouvia o toque do telefone, sentia meu corpo estremecer, e com o tempo isso só foi piorando.

Ele estava radiante de alegria quando me viu, a minha alegria e a dele se fundiam se tornando uma só, porque a grande verdade era que ambos contamos os dias, as horas, os minutos e os segundos para aquele momento.

Decidimos aproveitá-lo ao máximo, já que o tempo que tínhamos era demasiado curto.

Quando chegou a hora da reunião, novamente todos em círculos, fomos surpreendidos com a chegada da irmã dele, seus olhos estalaram e brilhavam como estrelas, ele estava radiante por vê-la, senti meu coração apertar por vê-lo tão feliz, percebi o quanto ele estava sentindo falta do apoio da família dele, porque, por mais eu e minha mãe fizéssemos questão de estarmos sempre presentes, eu sabia que não substituí a segurança que a família dele podia oferecer.

Ela sentou-se ao lado oposto do nosso, apenas assistindo à reunião que havia acabado de começar, mais uma vez, me comovi com a oração da serenidade que deu início à reunião.

Quando por fim, tudo acabou, ela se aproximou e eu saí de perto para que conversassem, mas ela ficou pouco, trocaram algumas palavras e ela se foi, levando consigo parte da alegria que poucas horas atrás, ela mesmo havia proporcionado com a sua presença.

Percebi o quanto ele estava carente e precisando do meu apoio. Passei o resto do dia paparicando e incentivando ele a ser forte para que logo tudo voltasse ao normal.

Mais uma vez, ir embora foi massacrante, uma sensação esmagadora, eu me sentia culpada por estar livre, por poder ir vir quando quisesse e ele não, a sua última semana havia se resumido em trabalhos braçais na clínica, natação, sessão de terapia e bonsai.



A QUEDA

Foi mais uma semana difícil para mim, os dias se arrastavam lentamente brigando para não passar e eu implorando para que escorregassem logo pelos ponteiros do relógio.

Era para ser mais uma semana de visita, ao não ser pelo fato de que o telefone tocou no final da semana, de manhã e a única coisa que me lembro de ter ouvido é que o Gabriel havia fugido novamente. Meu estômago embrulhou como um papel amassado, minha cabeça rodopiou como um pião lançado ao chão pelas mãos de uma criança, senti-me sufocar, o grito veio até a minha garganta e nela parou. A dor havia voltado em sua forma mais cruel, se antes doía por não estar perto dele, agora doía por não saber aonde ele poderia estar.

Naquela altura, eu já havia me acostumado a sofrer sem chorar, talvez porque o sofrimento era tão grande que não me permitia nem mais me dar o

luxo de soltar as lágrimas que tanto queriam sair, mas isso não diminuía minha dor e meu desespero, apenas dava a impressão de autocontrole, quando na verdade, por dentro, eu estava verdadeiramente arrasada.

Liguei para minha mãe no trabalho dela, para contar sobre a fuga e passei o resto do dia em meu quarto, ora ouvindo música, ora rezando, ora apenas deitada olhando para a janela e esperando pelo toque horripilante e devastador do telefone.

No fim do dia, quase noite ouço a voz dele no portão da minha casa, eu havia ensaiado tanta coisa para dizer para ele quando ele aparecesse ou ligasse, eu queria fazê-lo sentir um pouco do que eu estava sentindo, queria vê-lo sofrer como prova de que se importava comigo. Esse era o meu lado obscuro, meu lado negro querendo dominar a situação, mas quando eu o vi em meu portão, eu simplesmente me calei, abri o portão e o abracei. Emocionalmente eu já estava jogando o jogo dele, um jogo que embora não fosse proposital, fazia parte do processo da dependência, ele simplesmente me manipulava sem que eu percebesse, estávamos jogando um jogo às escuras, e por mais que as minhas intenções fossem as melhores, eu não estava agindo certo com ele em lhe dar auxílio sempre e passar a mão em sua cabeça a cada vez que ele cometia um ato absurdo, mais eu fazia isso para compensar a frustração que eu sentia por saber que as coisas haviam mudado entre nós, como poeira no ar.

Na manhã seguinte avisei a família dele que ele havia fugido da clínica e estava em casa novamente. Minha mãe e eu decidimos que não o internaríamos na mesma clínica novamente, então, começamos a procurar outra. Como sempre, nos primeiros dias ele agia como o Gabriel de antes, ele se controlava, se mantinha firme em sua vontade de se livrar do vício, nosso namoro parecia normal novamente, mas eu sabia no fundo que não duraria muito, eu já estava começando a admitir para mim mesma que nada mais seria como antes, que sempre haveria algo entre nós, talvez uma desconfiança, talvez uma insegurança, a verdade é que eu estava com a minha autoestima a baixo do zero, meu pensamento era que ele não devia mais se importar comigo como dizia, porque eu achava que se ele se importasse de verdade ele seria capaz de parar, quando na verdade não tinha nenhum fundamento o meu pensamento, ia muito além de tudo o que eu podia imaginar.

Na segunda-feira, na parte da tarde, minha mãe por descuido deixou uma nota de cinquenta reais em cima da mesinha de centro da sala, ela ia usar

o dinheiro mais no fim do dia para ir ao mercado, foi quando percebeu que ele não estava mais lá.

Como um estalo em meus ouvidos, minha mente clareou, senti minhas pernas amolecerem quando minha mãe comentou que não estava encontrando o dinheiro, tudo ficou escuro, eu sabia o que tinha acontecido, mas não sabia como lidar com o problema.

Por várias vezes durante o dia insinuei para ele que o dinheiro havia desaparecido misteriosamente, que isso não era possível, que eu tinha visto o dinheiro em cima da mesa, parte de mim acreditava que ele ia se incomodar com a situação e simplesmente colocar o dinheiro de volta no lugar, mas, por mais que eu falasse, que eu demonstrasse estar chateada e desconfiada com o sumiço do dinheiro, não foi o suficiente para trazê-lo à realidade. Eu queria fazê-lo enxergar que estava cometendo um erro, mas eu não podia acusá-lo livremente, eu não podia dizer que sabia que havia sido ele quando eu não teria como provar, então me conformei com o fato.



A CRISE

Vai ter horas em que o ar vai lhe faltar e você vai achar que vai surtar; Vai ter horas que você vai achar que o mundo está contra você; Vai ter horas que talvez você pense que Deus se esqueceu de você e isso vai doer; Vai ter horas que você vai desejar não estar mais em seu corpo, vai desejar ser outra pessoa, ter outra vida, amar outra pessoa. [Blogue Livro Valeu a Pena]

Eu já estava começando a me preparar para ir à faculdade, ele estava em meu quarto comigo, parecia inquieto e incomodado, seu olhar raramente se encontrava com o meu, ele estava me evitando, evitando até mesmo falar comigo, ele parecia estar passando mal, suas mãos estavam trêmulas e ele sentia a necessidade de enxugá-las frequentemente em suas roupas, ele pressionava os seus lábios um contra o outro em uma linha firme e algumas

vezes parecia que ia vomitar. Eu não sabia ao certo o que estava acontecendo, mas sabia que era sério demais para deixá-lo em casa com minha família e ir para a faculdade, então decidi ficar. Tranquei a porta do meu quarto e fechei a janela, ele parecia não ter concordado com minha decisão, mas não estava em condições de relutar, simplesmente deu de ombros e sentou-se na cama, com seus olhos voltados para o chão, perdidos em seu inferno pessoal. Eu comecei a falar. – Gabriel, o que está acontecendo? Você quer ir ao hospital, você está me deixando assustada!

Por alguns segundos ele apenas me fitou sem pronunciar nenhuma palavra, seus olhos, que um dia pude ver através deles o olhar de um anjo, estavam tão diferentes, eles reluziam uma luz intensa vermelho fogo, por uma fração de segundos cheguei a sentir medo do que vi.

A cada minuto que se passava ele ia ficando mais agitado, se levantou e começou a andar em círculos pelo quarto, eu estava encostada na parede na frente da janela, assustada, não que eu achasse que ele faria algo comigo, isso não havia me passado pela cabeça, mas temia pela saúde dele. Seus lábios haviam mudado de cor, de tanta pressão que ele havia feito, suas mãos pareciam ter vidas próprias, não paravam de se mexer. Após longos minutos de agonia ele quebrou o silêncio, sentou-se novamente e colocou suas mãos trêmulas sobre o seu rosto. – Eu não estou conseguindo, não estou conseguindo me controlar!

Senti uma onda de desespero em sua voz, seu rosto estava pálido, o branco cor de neve havia sumido dando espaço a uma cor triste, sem vida. Ele estava tendo uma crise de abstinência e eu não sabia por quanto tempo ia conseguir mantê-lo a salvo de si mesmo.

Ajoelhei-me no chão em sua frente e segurei suas mãos. — Calma Gabriel, você vai conseguir, você só precisa ser forte.

Ele caiu em um choro profundo e ofegante, como uma criança perdida. — Eu não sei se consigo, é difícil controlar. Me perdoa por fazê-la ver tudo isso. — seus olhos voltaram a ser tão angelicais quanto ao dia em que os vi pela primeira vez, aquele olhar doce e triste que me mostrava o que estava por vir.

Eu estava chorando com ele, já havia algum tempo que estava sofrendo sem derramar lágrimas, mas aquela noite fora forte demais para que eu conseguisse me controlar, ver o desespero dele lutando fortemente contra suas vontades mais obscuras era dolorido demais para mim. Durante algum tempo ele ainda ficou instável, andando pelo quarto, estalando os dedos,

batendo a sua cabeça contra a parede e eu assistindo tudo com meu coração acelerado e minha respiração o seguindo em disparada, vivenciando aquele inferno sem saber o que fazer.

Mais um tempo se passou, não sei dizer o quanto, até que ele foi se acalmando e veio ao me encontro. Ficamos ali abraçados um ao outro, conectados no mesmo pensamento por quase uma hora, eu tentando mantê-lo focado em que conseguiria, embora eu não soubesse como deveria agir em uma situação de crise como aquela e ele se esforçando ao máximo para conseguir.

Aos poucos, fui percebendo que a sua respiração já não estava mais pesada como antes, ele havia parado de tremer e não parecia mais querer vomitar. Fui tomada por uma sensação de alívio e alegria ao mesmo tempo, como se tivéssemos vencido uma batalha. Ele também parecia estar aliviado, seu semblante não estava mais contraído e rígido e ele voltara a ser carinhoso e amoroso, falando coisas bonitas para me acalmar.

Eu já estava mais tranquila, com a sensação de batalha vencida, saí do quarto para ir ao banheiro e depois à cozinha, não sei por quanto tempo me descuidei, mas foi o tempo suficiente para que quando eu voltasse não o visse mais lá. Novamente meu coração subiu até a boca, quando entrei no quarto e não o vi, eu não poderia pensar em outra explicação, ele havia fugido, rápido como um cometa, esperto como uma raposa, no quarto, apenas seus chinelos próximos à minha cama, ele havia fugido descalço, talvez para não fazer barulho, corri até o portão abrindo-o ferozmente com a esperança de ainda o vê-lo, mas ele já estava longe e não havia mais nada que eu pudesse fazer a não ser rezar e esperar.

Avisei a minha mãe que ele havia fugido, confirmando com isso que realmente ele havia pegado o dinheiro, doía demais assumir para mim mesma que ele era capaz de fazer isso, fui para o meu quarto, não adiantava mais eu tentar me enganar, a verdade estava sendo mostrada novamente, sem ajuda profissional, eu não seria capaz de ajudá-lo, ele já havia perdido a direção da sua vida e eu não tinha mais o glorioso poder de salvá-lo como eu imaginava. Eu rezei, rezei muito durante horas acordada em minha cama, esperando ansiosamente pelo toque apavorante do telefone, o toque que me congelava a alma e me arrepiava a espinha toda vez que eu o ouvia e que o Gabriel não estivesse em casa.

Passaram-se horas, a rua já estava silenciosa, no céu, somente algumas estrelas, era uma noite quente e até poderia ser agradável se não

fosse pela a dor que eu estava sentindo. Minha mãe havia ido para o quarto dela, na sala, uma escuridão total, no meu quarto, a minha respiração ofegante competia com a música que tocava no rádio, com a minha música, eu apenas pedia a Deus que ele estivesse bem, que nada de mal acontecesse com ele, que ele voltasse para casa ainda naquela noite, porque eu não tinha mais forças para ficar dias sem uma notícia dele. Meu coração estava machucado, mas eu não sabia mais chorar, eu não tinha mais lágrimas, por mais apavorada e desesperada que eu estivesse, eu não era mais capaz de colocar para fora toda aquela agonia, eu havia criado um escudo para me proteger de mim mesma, era o que estava me mantendo, era o que conservava um pouco do otimismo que havia me escapado com tudo aquilo.

E assim, com a chegada da madrugada, o telefone tocou, corri até a sala como um raio, mesmo achando que era ele, foi inevitável não sentir medo com o toque do telefone.

Com poucas palavras, ele pediu para que eu o deixasse entrar, que ele estava no orelhão na esquina de casa, eu não tinha outra opção, eu não saberia dizer não, mesmo ele tendo feito o que fez, eu não conseguiria deixá-lo na rua.

Ele entrou, me olhou e pediu desculpas. Eu já estava farta das desculpas dele, mas as reuniões em que participei na clínica me deram um pouco de entendimento para saber que seria assim, que fazia parte do processo e que ele não era dono da sua vida naquele momento. Eu não tinha mais o que falar para ele, e não queria correr o risco de acordar a minha avó que dormia sem saber de nada, então ele tomou banho e foi se deitar.

Na manhã seguinte, conversamos calmamente, ele foi mais sincero do que eu esperava ao dizer que ele havia vendido o celular dele para comprar droga e que ele precisava levar o carregador do celular para o comprador. Senti um medo terrível por ele e pela a minha família, eu sabia que estava colocando todos em risco, disse a ele que eu iria junto, ele não queria, mas eu insisti e o convenci e assim fomos. Eu nunca soube ao certo se o tal comprador era realmente um simples comprador de celular ou algo mais, quando eu o vi, tive que me manter firme para não deixar transparecer o meu medo, não sei o porquê, mas eu quase pude ver uma luz negra ao seu redor, para quem acredita em energia negativa, ela estava totalmente condensada naquele homem que curiosamente me tratou muito bem, lembro-me das suas palavras:

— Ou você é muito corajosa ou você é muito burra para vir aqui

com ele! — disse ele com um meio sorriso nos lábios.

— Não. — respondi. — Nenhuma coisa nem outra, sou uma namorada apavorada. Eu também estava sorrindo tentando manter a mesma cordialidade que ele.

— Não se preocupe, para mim ele não deve mais nada. — ele disse, encerrando a conversa enquanto nós estávamos nos afastando dele.

Ali eu soube que realmente anjos da guarda existem, e que realmente eu estava sendo protegida por um, não sei de onde tirei coragem para ir até lá com ele, sei somente que temi pela a minha família e que eu não tinha outra escolha a não ser aquela, temi também pelo Gabriel, quando ele disse que precisava levar o tal carregador, eu pensei que ele poderia se drogar novamente e fui tomada por uma onda de desespero, por isso impus a minha vontade de ir também. Passado tudo isso, no caminho de volta para a minha casa é que fui me dar conta de que eu estava furiosa por ele ter se desfeito do seu celular em troca de crack, mas era tarde demais para discursos.

Os dias foram se passando, havia momentos que eu conseguia esquecer aquele pesadelo e manter a minha mente focada em meus estudos, mas na maioria das vezes, isso era impossível, era como remar contra a maré, como estar em uma tempestade tentando sair dela a nado.

Fatos como o sumiço do dinheiro havia se tornado mais frequentes, um dia, voltei da faculdade e recebi a notícia da minha mãe que ele havia sumido novamente e quando entrei em meu quarto dei falta do meu rádio. Foi uma dor imensurável, não pelo valor material, mas o meu rádio era o que me consolava quando o Gabriel sumia, era a minha válvula de escape, era o meu refúgio nas madrugadas em que eu passava acordada esperando por notícias e até isso ele havia tirado de mim. Antes disso, também havia sumido a minha máquina fotográfica e posteriormente um relógio que eu havia ganhado do meu pai, que estava guardado dentro de uma caixinha no meu guarda-roupa, mas, eu simplesmente não tinha mais forças para brigar com ele por causa disso, eu relevava por me preocupar mais com a recuperação dele do que com os atos horríveis que ele vinha cometendo e com isso, eu errava, sem perceber eu estava o incentivando a continuar, porque ele já sabia que da minha parte não haveria punição alguma. Pouco a pouco, fui sofrendo perdas materiais e sentimentais irreparáveis e eu estava aprendendo a lidar com tudo isso, estava me acostumando com tais perdas, nada mais parecia me importar.



OVERDOSE

Um dia, perto do carnaval, eu estava indo para a faculdade, dentro do ônibus quando o meu celular começou a tocar e naquele exato momento, o motorista perdeu o controle da direção devido a uma pedra que se chocou contra o vidro fazendo com que ele virasse centenas de caquinhos voando para todos os lados, inclusive para cima de mim que estava sentada na segunda fileira, eu só não atendi o telefone porque foi tudo simultaneamente, e depois, quando já estávamos à espera de outro ônibus é que lembrei de olhar no celular e ver de quem era a ligação e eu não reconheci o número e isso havia sido o suficiente para me apavorar. Alguns minutos depois, ouvi o toque do meu celular novamente, era a minha mãe, com a voz trêmula e assustada, me preparei para o pior.

— Filha, eu estou no hospital. Eu estava indo na padaria quando encontrei o Gabriel caído na praça, ele nem conseguia falar, mal conseguia

respirar, chamei uma ambulância e viemos para cá. — ela fez uma pausa para que eu pudesse assimilar tudo o que eu acabara de ouvir.

Eu estava arfando, minha mente estava vacilando, tentando entender tudo o que estava acontecendo, eu tentei ignorar o enjoo em meu estomago. Levei um momento para recuperar minha voz.

— Mas mãe o que ele tinha? Como ele está?

— Agora ele está bem, após ser medicado, o médico disse que ele estava com princípio de overdose, foi algo horrível que eu nunca imaginei que iria presenciar.

Meu corpo amoleceu, e senti um estranho formigamento em minhas mãos, eu queria voltar, queria ir até o hospital, quando minha mãe disse que mais um pouco ele morreria, senti-me zozza, sem forças, mas não havia nada a fazer, não tinha como eu voltar, minha mãe ficou com ele no hospital e eu segui para a faculdade onde meu corpo estava presente, mas minha mente estava muito longe dali.

Naquela noite, eu me sentia mais solitária do que nunca, mas triste e enfraquecida do que qualquer outra noite eu estava perdendo a minha fé.

No intervalo, enquanto lanchávamos, eu e minhas amigas, decidi contar a elas tudo o que estava acontecendo e especialmente o que havia acontecido naquela noite. A imagem do espanto delas é perfeita em minha mente nesse momento, elas me perguntaram como é que eu conseguia ainda, depois de tudo, estudar e prestar atenção nas aulas, como eu conseguia não deixar transparecer o que estava acontecendo. Eu dei de ombros, não sabia a resposta.

Ter contado a elas naquela noite foi de extrema importância para mim, eu havia tirado uma pedra de uma tonelada de cima de mim, recebi de imediato todo o apoio que eu precisava naquela noite, na verdade, eu estava com medo de voltar para casa, com medo de vê-lo, estava particularmente mais fraca naquele dia.

Como nos filmes de terror, quanto mais a gente quer que o dia acabe, mais ele demora a passar, e assim foi a minha noite, quase que infindável, e após um longo caminho de volta, cheguei em minha casa. Ele estava deitado, parecia estar fraco e visivelmente abatido, seus olhos melancólicos me fitaram por um longo tempo antes de pronunciar a primeira palavra, até que o silêncio foi quebrado com um fraco e suave pedido de desculpas. Mais um, eu já havia me habituado a ouvi-lo dizer que se arrependia e a verdade é que já não me comovia mais vê-lo chorar toda vez que ele fazia algo de errado e

depois se desculpava, eu não tinha mais forças para me alegrar ou me entristecer, eu estava ficando alienada aos acontecimentos ao meu redor e só pensava em quando que tudo aquilo iria terminar e mais nada. Eu parecia estar sentada na sala de um cinema assistindo a um filme, como uma telespectadora, porque na minha mente havia duas concepções: uma- que ele ia se recuperar e duas- que eu não tinha nada a fazer a não ser esperar esse pesadelo acabar.

Nada dura para sempre, é o que eu dizia a mim mesma, lembrando-me quando achávamos que ficaríamos juntos para sempre, mesmo sem saber quanto tempo é para sempre. Tudo isso me passou pela mente enquanto eu estava ajoelhada ao lado da cama, emudecida, olhando em seus tristes e evasivos olhos.

Na manhã seguinte, a minha mãe avisou a família dele sobre a overdose e diante disso, a irmã dele o convidou para participar de um retiro no feriado do carnaval, ele relutou em aceitar, eu insisti, estava precisando daquele tempo, eu não podia dizer claramente a ele que queria que ele fosse, pois eu estava exausta, mas era a grande e cruel verdade, e felizmente consegui convencê-lo a ir, me dando quatro dias de folga, sem preocupações, sem temores, eu sabia que nesses quatro dias eu poderia tentar ter uma vida normal, mesmo que fosse por tão pouco tempo.

Como eu já imaginava, na hora em que a irmã dele encostou o carro na frente de minha casa, percebi que ele estava prestes a vacilar e desistir de ir, me mantive firme, tentando deixar claro que essa era a única maneira de ele continuar na minha casa.

Em parte, eu acreditava que o retiro espiritual seria de grande auxílio a ele, mas eu sabia que não podia mesmo assim, cruzar meus braços e esperar que algo de maravilhoso simplesmente acontecesse e ele se curasse, eu sabia que nesses quatro dias de folga imaginária, eu teria um longo trabalho pela frente, procurar outra clínica para ele, eu já tinha consciência de que sozinha ele não conseguiria e que somente com a ajuda da minha mãe e minha também não.

Nos despedimos com um ar de nostalgia em nossos abraços, tentei motivá-lo dizendo coisas boas aos seus ouvidos, encorajando-o a ir, que isso me deixava feliz e eu continuaria no mesmo lugar à espera dele voltar. Mesmo assim, meus olhos se encheram de lágrimas juntamente com os dele, o choro forte veio até a minha garganta e tive que segurar a minha respiração para não cair em prantos bem na frente dele.

Naquela sexta-feira à noite, ele me ligou, parecia empolgado, o retiro estava cheio de jovens com suas respectivas famílias, ele já havia se enturmado, eu cheguei a sentir uma pontinha de ciúmes quando ele disse isso, mas não deixei transparecer, o foco não era o nosso relacionamento, mas sim a recuperação e bem-estar dele. Antes de ele desligar, ele me agradeceu por não desistir dele e eu respondi que enquanto ele não desistisse dele mesmo, eu também não o faria.

Passei a madrugada na internet pesquisando novas clínicas, lendo depoimentos e os efeitos devastadores que o crack faz no organismo do usuário. Em um dos artigos, explicava os motivos pelos quais era cada vez mais difícil largar o vício, era exatamente como eu imaginava, era muito mais do que querer ou não, era uma reação química. “Uma reação de prazer toda vez que a fumaça inalada chega ao cérebro, que leva em torno de 5 segundos, o crack se liga ao transportador do neurotransmissor chamado DOPAMINA que está envolvido nas respostas do corpo ao prazer, estimulando e criando um sentimento permanentemente de empolgação e euforia.”

Mais abaixo, dizia sobre os efeitos colaterais, aqueles que os usuários inconsequentemente ignoram, pois de fato, primeiramente o usuário se sente energizado, eufórico, ativo, mas essa sensação dura pouco, o ritmo cardíaco aumenta correndo o risco de sofrer infarto, as pupilas se dilatam, a pressão sanguínea e a temperatura sobem e então, o usuário começa a se sentir irritado, inquieto, ansioso e em grandes quantidades, o crack pode deixar o usuário extremamente agressivo, paranoico e fora da realidade. À medida que meus olhos desciam pela página na internet, meu estômago dava sinais de que não estava bem, senti enjoo ao imaginar o risco que ele havia corrido e ainda corre por causa dessa maldita droga, mas em momento algum me passou pela cabeça o risco que eu estava correndo, eu já havia me anulado o suficiente para não pensar nisso.

O tal BARATO, termo usado pelos próprios usuários, se dá pelo fato de que o crack prende a dopamina nos espaços entre as células nervosas criando e estimulando a sensação de prazer, que dura cerca de 5 a 15 minutos até que a droga começa a perder o efeito deixando o usuário desanimado e depressivo, o que faz com que ele sinta a necessidade de fumar novamente para se sentir bem de novo.

Pouco mais abaixo, li uma explicação sobre a overdose e seu processo, que dizia que o cérebro responde à overdose de dopamina criada pelo crack destruindo parte da dopamina, produzindo menos ou bloqueando

os receptores. O resultado é que, depois de utilizar a droga por certo tempo, os usuários de crack se tornam menos sensíveis a ela, e precisam utilizar mais e mais para obter o efeito desejado. Consequentemente, eles não conseguem parar de usar a droga porque seus cérebros são "reprogramados", eles precisam da droga para funcionar corretamente. Evidentemente, nem todo mundo reage da mesma forma ao uso prolongado. Há usuários que se tornam ainda mais sensíveis ao crack quanto mais o utilizam. Alguns chegam a morrer depois de utilizar uma pequena quantidade, devido a sua sensibilidade aumentada.

A palavra morrer ficou chicoteando em minha mente, desliguei o computador e fui me deitar e como de costume o sono demorou para vir, eu já havia me acostumado com isso também, aproveitava para rezar por ele, todas as noites eram praticamente iguais, sempre com o coração angustiado, eu me sentava sobre minha cama e rezava o Salmo 91, colocando toda a minha fé em cada palavra que eu lia.

Depois de ter rezado, fique ali digerindo tudo o que eu havia lido, sentada no escuro em minha cama, sem meu rádio.

No sábado nos falamos na parte da tarde, ele dissera que não poderia ligar a noite porque tinham palestras e reuniões antes da missa e depois todos jantariam e também que não poderia demorar muito na ligação, porque havia uma fila querendo usar o telefone público, então me limitei apenas a perguntar se ele estava bem, se tinha sentido falta da droga e fiquei feliz com a honestidade dele ao dizer que estava feliz, mas que sim, havia sentido falta, principalmente quando ele se lembrava de mim e a saudades vinha, era o momento que ele sentia mais vontade, que sua boca chegava a secar. Eu não podia esticar mais a conversa, então disse a ele que também estava com saudades e desligamos.

Não esqueci nem por um segundo as palavras dele ao dizer que sentia mais vontade quando sentia saudades de mim, naquele momento eu já estava me culpando por ser a responsável então, assumi boa parte da responsabilidade de ele sentir vontade, passei o resto do dia repassando todos os nossos momentos em minha mente, como um pente fino para tentar descobrir se houve momentos em que eu pudesse tê-lo desapontado, levando-o ao caminho que ele estava hoje.

À noite, após muita insistência, minha amiga Jheniffer, a que morava na mesma rua que eu, a que fora a primeira a saber sobre tudo, me convenceu a sair com ela e o namorado, era noite de carnaval e então fomos assistir ao

desfile de rua. Coloquei uma saia preta, blusa cor-de-rosa, calcei uma sandália e sem ânimo algum passei apenas um batom na boca. Desde que eu havia descoberto tudo, aquela foi a primeira noite que saí de casa para supostamente me divertir, já faziam mais de três meses que eu simplesmente não sentia vontade de sequer passar um batom na boca para sair de casa. Não posso dizer que não me diverti, mas posso dizer que em momento algum consegui esquecer e me desligar, eu não passava mais do que dez minutos sem pensar nele, era como se estivéssemos em uma brincadeira de esconde-esconde, onde nos momentos em que estávamos escondidos um do outro, eu consegui sentir o ar ao meu redor, mas durava pouco. Eu estava me esforçando terrivelmente para me concentrar no desfile e no que minha amiga falava, parecia uma tarefa difícil de ser cumprida, afinal, para todos que ali estavam, era somente mais um dia de diversão, mas não para mim, a vida continuava para todos enquanto que para mim, ela se arrastava lentamente e nada mais do que isso.

Durante o tempo em que ficamos na rua assistindo o desfile, por diversas vezes eu havia sentido o cheiro de maconha, o que fazia me lembrar do Gabriel e me remetia à lembrança de quando me sentei no chão do banheiro da sua casa supostamente disposta a usar com ele a maldita droga. Embora o cheiro da maconha seja bem diferente do cheiro que exalava da latinha de coca, era inevitável não fazer tal associação.

Foi mais uma noite mal dormida, constantemente sentia náuseas e uma terrível dor de cabeça que não me deixava em paz, realmente eu havia adquirido sérios problemas para dormir e nem havia me dado conta. A luz do sol chegou clareando a janela do meu quarto, acordei com a sensação de que mal havia dormido e preguiçosamente olhei em eu relógio, faltava pouco para as sete da manhã, pelo o que eu me lembre, a última vez em que eu havia olhado em meu relógio eram três e meia da madrugada, então realmente eu havia dormido pouco, mas eu sabia que não conseguiria dormir mais, então me levantei, tentando encontrar o mínimo de disposição para encarar mais um dia. E foi assim, mais um dia melancólico, passei quase que o domingo inteiro sentada na frente do computador, ora lendo na internet, tentando absorver o máximo de informações possíveis sobre esse novo mundo, ora ouvindo música e ora apenas olhando para a tela, divagando em pensamentos.

Com o cair do sol, ele me ligou, sua voz não parecia nada bem, senti o tom trêmulo quando ele disse meu nome.

— Está tudo bem? — perguntei calmamente

— Na verdade não. — a sua voz parecia meio urgente.

- O que houve Gabriel? - senti um ar frio percorrer pela minha coluna.

- Não estou mais aguentando, quero ir embora, isso aqui não é para mim! - a tristeza estava em sua voz, pude notar também desespero nela.

- Não diga isso Gabriel, você está com a sua família, são só alguns dias! – bufei com raiva.

- Eu preferia estar na rua! - ele estava falando alto ao telefone e sua voz estava tão áspera que mal pude reconhecer.

Eu queria esbravejar em cima dele, mas logo me dei conta do que se tratava e eu não podia piorar tudo ainda mais.

- Gabriel, você já aguentou muito mais do que isso, eu confio em você, sei que você pode, mas você também precisa confiar...

- Eu sei, me desculpe Jú, eu não devia ter dito o que disse, sei que vai passar. - senti o arrependimento em sua voz, eu já estava me acostumando com essas mudanças bruscas de humor, eu já havia aprendido que isso fazia parte do processo, que era mais um indício de que ele estava sentindo falta da droga.

- Eu também sei. – desabafei.

-Estou com saudades, até comprei uma lembrancinha aqui, um colar de medalhinhas de São Bento.

Embora eu praticamente havia voltado a frequentar a Igreja somente depois que começamos a namorar, eu ainda mantinha algumas crenças, e a medalha de São Bento era uma delas, eu sempre acreditei no poder dela e ele sabia sobre a minha devoção.

- Você não precisava fazer isso, só quero que fique bem, também estou com saudades, nos vemos em breve.

Mais um dia e mais uma noite se passaram, a minha vida parecia não ter mais sentido algum, eu deveria estar feliz por não ter tido nenhum problema para me preocupar naqueles dias, por não ter tido a angustiante dúvida se o Gabriel estava bem, se estava comendo, se estava em algum beco, alguma boca de fumo. Eu deveria estar aliviada por não ter sentido nada disso nos dias em que ele ficou fora, mas a verdade é que eu havia ficado dependente dele, assim como ele estava dependente do crack, havia se tornado uma roda cíclica, um, dependente do outro, a realidade é que eu havia me tornado uma codependente, psicologicamente, eu estava tão dependente dele e da vida dele quanto ele das drogas.

Em uma das minhas pesquisas, li o título “codependente” e por

curiosidade resolvi ler, dizia sobre as atitudes de um codependente, que assim como o dependente, sem perceber passa a manipular psicologicamente o dependente achando que o fim justifica os meios, ou seja, não importa qual artimanha você iria usar, se fosse para “salvar” alguém do mundo das drogas seria válido. Em minha mente, revivi várias cenas em que eu havia feito algo parecido com ele, coisas do tipo apelo emocional mesmo, acreditando que surtiria efeito e me frustrando em seguida.

O artigo ainda dizia que “ajudar não é tratar o adicto como se fosse uma criança se não é, nem como um retardado mental, ajudar significa respeitar e exigir respeito com amor, amor esse não se esconde atrás de manipulações, mentiras, ou apelos psicológicos. ”

Eu estava me reconhecendo em cada linha que lia, eu era uma codependente e não sabia como lidar com isso e na minha cabeça, o mais importante era lidar com o problema dele e não o meu. Estava aí mais um indício da minha doença.

Finalmente a noite de terça-feira chegou, eu estava ansiosa pela chegada dele, eu tinha certeza de que os últimos quatro dias haviam sido muito mais proveitosos para ele do que para mim, uma vez que, eu praticamente vegetei dentro de casa e no único dia que saí, não foi um passeio muito agradável.

Enfim, chegaram. A irmã dele educadamente cumprimentou a mim e minha mãe que também estava no portão à espera dele, em seguida, se despediu dele e entrou no carro, arrancando logo em seguida.

Nos abraçamos e ali ficamos no portão abraçados por um longo tempo, ele parecia estar tão bem, tão leve, seu sorriso estava como antes, brincalhão e angelical. Ele estava ansioso para que eu abrisse o presente que me trouxera do retiro, eram dois lindos colares com medalhinhas, eu não contive a minha alegria por saber que ele havia pensado em mim enquanto estivera lá, ele sorriu ao ver a minha alegria. Eu pedi a ele que me contasse tudo, eu nunca tinha participado de um retiro e estava curiosa para saber como era, ele me contou como fora todas as atividades, explicou sobre as regras, os horários, parecia estar contente e eu fiquei extremamente feliz por ele, me enchi de esperança de que tudo iria melhorar, de que em breve poderíamos sair para passear no shopping sem sentirmos medo de que ele fraquejasse.

No dia seguinte, de manhã, ele me disse que a irmã dele estava verificando uma clínica em São Roque e que ele havia dito a ela que iria se

internar, ele usou o termo: “Vou por você, sei que está sofrendo e quero acabar com isso! ”

-Não! - eu respondi rapidamente. - Você vai por você, você tem que se conscientizar que eu estou aqui com você porque eu quero, caso o contrário, pularia fora a qualquer momento! – respondi severamente.

Minha voz soou um pouco áspera, eu baixei o tom e continuei com mais leveza. – Tudo tem que ser por você Gabriel, e assim, eu estarei aqui, sempre ao seu lado, é você que determinará o tempo que permanecerei ao seu lado, dependerá de você, enquanto você lutar, eu luto também. - quando terminei, mal pude conter o choro, minha visão chegou a ficar escura por causa das lágrimas, até então, nunca havíamos conversado sobre nós realmente, estávamos em um barco sendo jogados de um lado para o outro sem termos tempo para esse tipo de conversa.

Nos abraçamos, o abraço dele era tão reconfortante, eu andava me sentindo tão fraca e sem forças e ao abraçá-lo me lembrei que precisava ficar forte, que ele precisava da minha força, mais uma vez eu sabotei o meu direito de me sentir fraca, isso não me pertencia, não era como nos contos de fadas onde o príncipe protegia a princesa, a minha situação era ao contrário, eu o chamava de anjo, mas era eu quem tinha que protegê-lo.

Passaram-se dois dias, ele parecia estar indo bem, não saíamos de casa para nada, por ser semana do carnaval, nem para a faculdade eu estava indo, então passávamos o tempo todo juntos e eu sempre apreensiva se ele estaria bem mesmo ou se estaria travando uma batalha interna para não transparecer suas vontades.



OUTRA CLÍNICA

Ele se tornou o meu foco, o centro das minhas atenções, o meu ponto de equilíbrio e também desequilíbrio. Ele se tornou o meu ar, a minha comida, o meu sono, os meus sonhos e algumas vezes, o meu pesadelo. [Blogue Livro Valeu a Pena]

A irmã dele ligou para falar sobre a clínica, vi em seu olhar a tristeza, seus olhos oscilaram entre o negro e o cinza escuro ao receber a notícia, mas ele concordou mesmo assim.

Eu já estava me preparando para mais uma separação, era horrível para mim saber que eu não poderia ver o meu namorado quando eu quisesse, mas sim quando a clínica permitisse e eu sabia que seria mais de quinze dias sem vê-lo devido às normas impostas pelas clínicas.

Ela chegou, senti uma intensa dor que emanava por todo o meu corpo

ao ver o carro estacionando, nós sabíamos que havia chegado à hora, eu estava cansada de tudo o que já havíamos passado, mas o fato novo de que ele estava indo novamente para uma clínica me deixava desconfortável, eu estava me sentindo sem mundo, sem razões, era como se eu não tivesse mais nenhum motivo, o que seria de mim? Eu já estava acostumada a não dormir, a não comer, na verdade eu já estava viciada em todo aquele sofrimento, porque, sempre depois que passávamos por um grande susto, sempre depois do ápice do meu sofrimento, vinha a recompensa, que era vê-lo vivo, vê-lo voltando e com isso o sentimento de conforto e alegria. Com ele indo embora eu não teria mais a dor que sentia quando ele fugia e muito menos a alegria de quando ele voltava.

Essa era eu, egoísta, pensando em mim e não na recuperação dele.

Nos despedimos com um enorme peso em nossos olhares, eu não podia esconder que mesmo feliz com a decisão dele, eu estava infeliz, parecia que estava se quebrando um elo, a família dele estava assumindo lentamente o controle da situação e isso era ótimo, mas eu estava me sentindo como se tivesse deixado de ser importante para ele, deixado de ser especial, eu havia me dado conta que havia me acostumado com a redoma de vidro e que estava sentindo falta dela.

Ele entrou no carro e se foi, eu não sabia ao certo para qual clínica ele estava indo e nem quando o veria novamente, em mim ficou apenas o vazio, a minha vida havia se tornado uma página em banco, uma casa abandonada e eu tinha que pensar no que fazer com ela.

Não comi, não dormi, apenas sobrevivi àquela noite nula, vazia e oca. O toque do telefone ainda me assombrava, mas cheguei a desejar que ele tocasse, era mais uma vez o indício da minha codependência que eu negava a enxergar, as horas se passaram, o dia arrastou-se preguiçosamente e eu nada havia feito de bom, tentei estudar um pouco, mas não tinha cabeça para entender as sinapses nervosas que o professor de neuroanatomia havia explicado na última aula, minha tentativa seria em vão, como qualquer coisa que eu tentasse fazer também seria em vão. Fiquei em meu quarto, em meio ao silêncio absoluto.

No fim da tarde o toque assombroso do telefone me despertou e então me dei conta de que havia adormecido, ainda assustada, corri para atender.

- Jú? – disse ele, urgente.

- Gabriel? - minha voz quase não saía, eu estava em choque.

- Não aguentei, eu saí de lá! - agora era a voz dele que mal se ouvia

ao telefone.

- Como assim? Você não pode! – gritei ao telefone.

Meu Deus, eu não podia acreditar, talvez eu devesse ter mostrado mais contentamento com a ideia de ele ir, talvez ele tivesse saído da clínica por minha culpa, seria mais uma que eu teria que carregar.

- Escuta, a minha irmã já deve estar sabendo que fugi da clínica, ele deve estar furiosa e em breve deve te ligar.

- Onde você está? - perguntei aflita.

- Eu peguei uma carona com um caminhoneiro e até a noite estarei aí.

Antes que eu fizesse a próxima pergunta, ele disse que precisava desligar e assim o fez.

Caí em prantos com as mãos em meu rosto, nem me importei se minha avó chegaria na sala e me visse naquele estado, mesmo sabendo que não poderia explicar. Me senti culpada por ter desejado que ele não fosse, mesmo que em meu pensamento, agora eu havia estragado a chance de um novo tratamento para ele e estragado a chance de reaproximação entre ele e a família.

Não me restava mais nada a fazer a não ser esperá-lo. Minha mãe ficou surpresa quando contei a ela, mas como sempre, ela se manteve do meu lado disposta a encontrar outra maneira de ajudá-lo. Ele chegou e embora eu estivesse com raiva de mim mesma por tudo, não consegui esconder a minha alegria ao vê-lo, o meu vício estava de volta, era como se tudo voltasse aos eixos, ou seja, a normalidade para mim não era mais dormir e acordar sossegada, não era mais ter dias tranquilos, a normalidade era viver em estado de atenção e alerta, viver agoniada, sentir dor e medo, não comer, não me importar com mais nada a não ser com ele.

Foram mais alguns dias de tranquilidade, eu ia para a faculdade e quando voltava ele estava lá, onde deveria estar, na minha casa. Ele realmente parecia obstinado a se recuperar, mas acho que todos nós fomos ingênuos ao achar que ele conseguiria sozinho, sem a ajuda de um profissional.

E mais uma vez, meu mundo se partiu quando recebi a notícia da minha mãe, ela disse que ele havia estado inquieto a noite toda e que pouco antes de eu chegar da faculdade, ele estava no portão aparentemente a me esperar e quando ela descuidou, não estava mais. Era uma situação totalmente previsível, mas que não havíamos previsto. Um imenso buraco havia se aberto à minha frente e lá estava eu novamente, me agarrando às imensas e

ásperas paredes daquele buraco para não cair definitivamente.

Passei a noite em claro, envolta em meus pensamentos, fui tomada por uma onda de medo quando olhei em meu relógio e vi que já era quase dia, eu infelizmente já havia me acostumado com as fugas dele, mas também havia me acostumado com a volta dele no meio da madrugada e a ideia de que algo de ruim pudesse ter acontecido estava me deixando aflita.

O sol nasceu, vi o ponteiro do relógio marcar sete horas, vi o mesmo ponteiro se mover lentamente até as oito horas e mais duas horas se seguiram vagarosamente e eu não conseguia mais me conter, era um teste muito grande para a minha fé, eu não podia mais me manter firme, eu precisava saber o que tinha acontecido.



A DOR

*Houve momentos em que tive vontade de arremessá-lo em um penhasco e me jogar em seguida para salvá-lo, momentos em que tive vontade de atirar nele e me jogar na frente para não acertá-lo. Amor e raiva, dois sentimentos totalmente confusos e perdidos dentro de mim.
[Blogue Livro Valeu a Pena]*

Pouco antes do almoço o telefone tocou, do outro lado da linha era a voz de um homem, ele perguntou o meu nome e em seguida perguntou se eu conhecia algum Gabriel, senti como se o peso do mundo havia caído sobre mim, um turbilhão de pensamentos se passaram em minha mente em menos de um segundo, meu coração acelerou e pude senti-lo bater fortemente em meu peito, ele parecia estar fazendo mais esforço do que o normal para inundar o meu corpo com sangue. Vagarosamente, voltei a respirar e respondi

que o conhecia, a dor veio mais forte quando ouvi aquele homem dizer que ele havia sido pego no mercado, roubando salame. Foi o ápice das minhas forças, fui obrigada a pedir desculpas para aquele senhor ao telefone e dizer que precisava ligar para a minha mãe e foi ela quem resolveu tudo. Graças a Deus, o gerente do mercado entendera a situação delicada em que estávamos e decidiu não fazer a queixa.

Depois que tudo foi resolvido, eu estava preparada para dizer ao Gabriel que eu havia tomado uma decisão. Ele havia me ligado de um orelhão público, com a intenção de voltar para a minha casa, eu precisei ser forte para anunciar que eu não queria que ele voltasse, eu estava exausta e decepcionada, não podia mais lidar com aquela situação limite, minhas forças haviam se escapado de mim como ratinhos fugindo em direção a um bueiro, meu peito estava rasgado e meu coração jorrando sangue para todos os lados, eu me sentia fraca, amedrontada, não conseguia mais ter expectativas em relação ao nosso futuro. Aquela fora a primeira vez em que eu notei que não conseguia mais ver o nosso futuro.

Ele tentou me convencer, implorou, fez promessas e por fim tentou despejar suas frustrações e sua raiva em cima de mim, ele estava sendo contrariado, desde o começo de tudo, eu nunca tinha sido tão firme com ele como naquele dia e ele sabia disso.

Eu disse a ele que só me procurasse depois que resolvesse se internar de verdade, eu fui tomada por um enorme senso acerca do peso das minhas palavras e da responsabilidade pelo meu ato.

Ele desligou o telefone demonstrando a sua indignação.



A TENTATIVA DE UM RECOMEÇO

Pelo resto da minha vida, terei que manter sob controle a facilidade que tenho de me anular em nome de algo ou alguém. Pelo resto da minha vida, terei que conviver com o pior de mim que a codependência fez aflorar. Pelo resto da minha vida, terei que saber controlar as lágrimas que me rasgam a face quando as lembranças do passado veem à tona. Pelo resto da minha vida, terei medo de sofrer e terei que lidar com o medo de não sofrer. [Blogue Livro Valeu a Pena]

Me tranquei em meu quarto desabando em um choro profundo, enquanto as lágrimas escorregavam pelo meu rosto, eu o via em minha mente, a ideia de que eu havia tomado a decisão errada me assombrava e era dolorida demais, estremei quando me veio à mente que a primeira coisa que ele faria agora era se drogar e por mais que eu dissesse que eu não tinha

controle sobre os atos dele, senti-me culpada por tal hipótese.

Uma explosão de sentimentos tomou conta de mim, uma mistura de alívio e dor ao mesmo tempo, eu ainda não havia conseguido parar de chorar, os pensamentos negativos me assombravam, senti medo, eu não suportaria se ele fizesse alguma besteira, eu jamais me perdoaria se algo acontecesse a ele, eu preferiria deixar de existir a suportar a dor e o peso da culpa em minhas costas.

Quase duas horas depois e eu ainda estava sentando no chão do meu quarto, olhando para as nossas fotos no painel da parede, lembrando de quando eu era feliz, de como ele me fazia sentir bem com o jeito que ele me tratava.

Tomei um grande impulso e me levantei do chão, seguindo em direção à sala, me arrastei lentamente, até chegar ao telefone.

Eu sabia o que eu tinha que fazer, liguei para a irmã dele e contei o ocorrido. Foi mais difícil do que pensei, a voz dela quase que declarava um tom de que “eu avisei”, isso me fez sentir mais culpada ainda, talvez ela estivesse certa, talvez eu não devesse ter feito tudo o que fiz, se eu não o tivesse acolhido na primeira noite em que ele havia fugido da casa do pai, hoje não estaria nessa situação.

Depois que desliguei o telefone, senti uma imensa vontade de desabafar com alguém, de contar que estava com medo do que eu havia feito. Liguei para a Fabiana, a minha melhor amiga, que estava sempre disposta a me aconselhar e me trazer à realidade e dessa vez não fora diferente, ela me elogiou pela coragem, me apoiou, não que ela não gostasse do Gabriel, pelo contrário, eles sempre se deram bem desde a primeira noite, mas ela enxergava algo que eu não via, ela era capaz de ver que eu estava me acabando, ela costumava dizer que eu estava definhado, que eu não estava vivendo e sim sobrevivendo e ela tinha razão.

Ela tentou me convencer a sair naquela noite, dar uma volta para espairar, mas, eu não tinha vontade de fazer nada, além do mais, não me sentia no direito de sair e também sentia medo de vê-lo em algum lugar na rua.

Terminei aquele dia triste e cinzento em meu quarto.

Estávamos entrando no mês de maio, já havia se passado praticamente cinco meses desde a descoberta, mas eu não tinha mais noção dos dias, o tempo para mim era medido apenas com a hora em que ele fugia e a hora em que ele voltava e nada mais

No dia seguinte, eu já estava terrivelmente arrependida de ter feito o que fiz, mas era tarde demais, eu não podia e nem tinha como voltar atrás, eu nem sequer sabia onde ele estava e isso passou a me corroer, senti novamente medo por ele, cheguei a rezar para que ele me ligasse novamente, mas não o fez.

No fim do dia, ouvi meu nome ser chamado no portão da minha casa, quando olhei pela janela, avistei a irmã do Fernando com o seu namorado parados à minha espera. Eu congelei, fiz um esforço tremendo para conseguir ir até o portão, eu nunca tivera muito contato com eles até então, a Flávia (também mudei os nomes deles devido ao fato de que seu irmão também estivera nessa vida) sempre fora amável comigo nas poucas vezes em que nos vimos e o Renato (nome fictício) também sempre me tratou muito bem, ele sempre me fez pensar que ele achava que é verdade, que eu fazia bem ao Gabriel.

Abri o portão e ele logo começou a falar. Olhando diretamente para mim, desembuchou quase que como um suspiro. Eu ouvi-lo dizer primeiramente que eu não precisava me preocupar, que estava tudo bem, em seguida, ele disse que o Gabriel estava internado.

Eu arfei, senti meus joelhos bambearem procurando desesperadamente apoio no chão, eu pensei no pior, pensei em uma fração de segundo o que podia ter acontecido de grave para que tão rápido ele estivesse sido internado novamente. Eles esperaram minha respiração voltar ao seu ritmo normal e então ele continuou explicando que na noite anterior, quase que de madrugada, ele estava passando de carro na frente da rodoviária quando viu o Gabriel deitado sobre um banco cochilando. Meu Deus! Ele estava dormindo em um banco de rodoviária, passando frio, fome, a mercê de tudo e de todos, senti uma faca rasgar meu coração, como pude ser tão má em permitir que isso acontecesse? Que espécie de namorada eu era ao permitir que ele passasse por aquilo? O sentimento de culpa serpenteava em minha cabeça, eu ainda estava zonzas quando o Renato tomou um novo fôlego e prosseguiu dizendo que de imediato, assim que o Gabriel o vira, ele pedira ajuda, pedira para ser internado, e então, ele o levava para sua casa para terminar a noite e que naquela manhã ele o havia levado para uma clínica que ele conhecia na cidade de Hortolândia, próximo à Campinas.

Ao mesmo tempo em que senti alívio, senti vergonha, em minha mente veio o pensamento de que eles deviam estar me achando a pior de todas as namoradas, que eu deveria sim ser um monstro, uma aberração, mas

eu estava enganada, em seus olhares não haviam recriminações e nem acusações, eles estavam sendo verdadeiramente gentis comigo e eu agradeci.

Naquele dia, eu fiquei sabendo sobre a história do Renato e do Fernando, na verdade, não era só o Gabriel e o Fernando que começaram a usar drogas quando ainda eram crianças, o Renato também havia participado daquele triste passado, fora por conta disso que ele havia conhecido a Flávia, irmã do Fernando. Ele me contou todo o horror e sofrimento da sua vida, mas, com ele era diferente, assim como o Gabriel, ele também já tivera várias recaídas, mas, já fazia muitos e muitos anos que ele estava “limpo”, ele deu à volta por cima e agora o mais próximo que ele chegava dessa realidade era por conta do Fernando, pois era ele quem o ajudava nas horas difíceis.

Fui tomada por uma enorme sensação de admiração por aquele casal, eu quase os vi iluminados por uma cor dourada, eu estava tão contente por ter encontrado alguém que me entendia que cheguei em pensamentos a chamá-los de anjos e talvez o fossem...

Foram mais de duas horas conversando, eles foram me explicando lentamente como funciona todo o processo, o Renato me assegurou que por experiência própria, eu tinha feito o certo, que na verdade, o adicto normalmente só começa a se reerguer depois que perdeu tudo e todos, é quando ele chega ao fundo do poço realmente. Ouvir aquilo dele me ajudou muito naquele momento, eu me senti aliviada, as palavras dele tiveram o poder de diminuir o peso da culpa que me assombrava.

Eles se ofereceram para me levarem até a clínica assim que fosse possível o Gabriel receber visitas e prometeram manter contato caso houvesse alguma novidade.

Assim, terminei o meu dia, com o coração ainda sangrando, mas um pouco mais leve, eu havia encontrado ajuda, eu estava começando a acreditar em um novo começo. Eu estava voltando a ter fé.

A semana havia se acabado, eu havia falado com o Renato para saber notícias do Gabriel e ele dissera que até aonde ele sabia, estava indo tudo bem.

A Fabiana conseguiu me convencer a sair com ela naquela sexta-feira, eu havia prometido a ela que tentaria me divertir, mesmo que fosse por algumas horas apenas. Confesso que foi muito difícil aceitar ao convite dela, eu não estava realmente com vontade de fazê-lo, mas ela havia deixado claro que não aceitaria um não como resposta.

Vesti uma calça jeans, sandálias e uma blusa básica e nada mais, sem

a mínima vaidade eu estava pronta para sair, me olhei no espelho, mas o que vi foram somente borões, eu não enxergava mais a minha imagem refletida nele, eu não me via mais, eu havia emagrecido mais dez quilos e estava pesando cerca de trinta e seis, mas eu não havia notado se não fossem pelas minhas roupas largas, mas a minha magreza doentia não me incomodava porque eu não percebia a quão magra e doente eu parecia estar.

Fomos ao mesmo clube aonde eu vi o Gabriel pela primeira vez, já fazia um bom tempo que eu não voltava lá, e as lembranças que eu tinha guardadas comigo me fizeram chorar assim que entramos. Por dentro, nada havia mudado, os pilares, o bar, o palco, estava tudo do mesmo jeito, o cheiro da fumaça perfumada era a mesma e a senhora que ficava na chapelaria ainda continuava lá. Tanto tempo havia se passado, mas parecia que lá, o tempo havia parado, pude reconhecer algumas pessoas que eu costumava ver a quase dois anos atrás, elas ainda continuavam a frequentar aquele mesmo lugar. Tudo era tão familiar e ao mesmo tempo tão distante de mim. Me senti atordoada por um bom tempo, o clube estava cheio, a Bia, como a chamo carinhosamente estava tentando a todo custo me fazer esquecer das lembranças, ele ficava me puxando para ir para a pista constantemente, insistindo para que eu fosse dançar. Ela estava certa, ela sabia que dançar me faria reviver, era tudo o que eu precisava naquela noite.

Senti um estranho frio na barriga quando um rapaz tentou conversar comigo, era tudo o que eu não queria, ter contato com ninguém dali, a não ser a Bia, eu estava lá, mas queria que ninguém mais estivesse além de nós duas. Ele perguntou o meu nome e eu não respondi, dando de ombros e me afastando rapidamente, ele insistiu e soltou um xaveco ridículo de que eu parecia com a cantora Avril Lavigne, devido ao meu tipo magro e cabelos claros cumpridos, nesse momento ele conseguiu me fazer sorrir me encorajando a dizer o meu nome. Mas não passou daquilo, depois que ele se apresentou, tentei não ser tão rude quanto no começo, pedi desculpas pela minha indisponibilidade e me afastei definitivamente. Ele até era lindo, mas não chegou nem perto de me fazer ter vontade de estar ao lado dele, nem um minuto sequer, apenas deixou em minha um imenso vazio, senti saudades do Gabriel e com isso a sombra da culpa voltou a me rodear.

Eu estava me divertindo em um clube à noite enquanto ele estava em uma clínica de recuperação, não estava certo, eu quis ir embora de lá e assim o fiz, convencendo a Bia de que eu já havia feito um esforço enorme em uma única noite.

Na manhã seguinte, saí cedo de casa com a minha mãe, fomos comprar roupas novas para mim, no final do dia eu ia ao casamento da minha outra melhor amiga, a Juliana, que hoje é minha comadre, nós passamos nossa adolescência juntas, até nossa festa de quinze anos fizemos juntas, éramos conhecidas como “par de vasos” porque nossas roupas eram sempre parecidas, mudando somente as cores, aproveitamos muito nossa adolescência, até que ambas começamos a namorar e então passamos a nos ver menos e a apenas nos falar por telefone, mas mesmo assim, ela havia me chamado para ser a madrinha dela, por isso, aquele dia era muito importante para mim.

Eu estava em casa me arrumando, ainda com as lembranças amarga da noite anterior, me remoendo com as lembranças que vieram à tona quando cheguei ao clube. Tentei ao máximo que pude me olhar no espelho com a esperança de ver algo além dos borrões de sempre, mas mesmo estando um pouco mais feliz do que os outros dias, mesmo estando mais aliviada, eu ainda não conseguia me enxergar.

O telefone tocou quando eu estava prestes a sair de casa, era a Flávia, ela havia me ligado para dizer que o Gabriel havia fugido da clínica. A minha paz havia acabado, tudo havia voltado ao normal então, era verdade, eu não pertencia mais àquele mundo de alegrias e sorrisos, o meu mundo havia voltado à sua órbita, como nos últimos meses, eu estava prestes a desabar.

Eu estava gelada por fora e fervendo por dentro como uma fogueira acesa, não havia nada a fazer, eu tinha que ir ao casamento, nada mais poderia ser feito a não ser contar pelas horas até ele me ligar ou me procurar.

Eu estava feliz, apesar de tudo, eu estava feliz, era o que eu dizia a mim mesma, sentada em uma mesa com a minha amiga Jhennifer no salão de festas, tentamos não falar no Gabriel durante a noite toda, a Juliana não sabia do que estava acontecendo e certamente eu não iria deixá-la me ver triste em sua festa de casamento. A noite terminou bem, sem nenhuma surpresa, sem nenhuma visita à minha casa e sem nenhum telefonema.

No domingo, logo pela manhã, minha avó foi me chamar em meu quarto, havia sido mais uma noite em claro e eu demorei para realmente acordar.

- Jú, o Gabriel está lá fora no portão, te chamando.

Meu corpo todo estremeceu, eu havia esperado por isso desde a notícia de que ele havia fugido, mas eu não sabia se estava preparada para vê-lo depois dos últimos acontecimentos. Me vesti rapidamente, fui até o

banheiro escovar os dentes e fui ao seu encontro.

A minha avó o havia convidado para entrar, mas ele havia recusado, não sei o que ela pensou naquele momento, ela sabia que as coisas não estavam muito bem entre nós, ela achava que estávamos meio que separados, assim que eu cheguei ela entrou para dentro de casa, nos deixando a sós.

Ele estava encostado no portão, forçou um sorriso quando me viu, mas logo sua boca se fechou novamente e o semblante triste voltou à sua face. Parecia que um muro invisível fora criado entre nós, como em tão pouco tempo longe um do outro conseguiu nos deixar tão distantes? Eu me perguntava enquanto caminhava em sua direção parando na sua frente. Nos olhamos e eu quase gemi de dor ao vê-lo me fitar com os olhos tristes, antes mesmo que ele começasse a falar, as lágrimas já estavam escorregando dos meus olhos, cheguei mais perto, mas eu não consegui fazer mais nada além disso, eu não tive outra reação, não o abracei, não o beijei, e ele também não se moveu, eu vi o desespero em seu olhar e imaginei o que ele pudesse estar vendo em meus olhos, se ele estaria vendo a raiva que eu estava sentindo naquele momento, pois era o que eu realmente estava sentindo, ele estava estragando tudo, ele havia estragado tudo quando decidiu fugir mais uma vez, era mais do que eu podia suportar, eu havia descido até o inferno por ele e ele não era capaz de reconhecer isso e se manter longe de encrencas.

- Então é isso? - perguntou ele com a voz trêmula. - Você desistiu de mim?

Senti o peso do monte Everest cair sobre a minha cabeça. Desistir? O que eu estava fazendo então era desistir? Eu simplesmente não tinha mais forças, só isso!

- Eu não desisti de nada. - respondi asperamente. - Eu te disse que enquanto você lutasse eu estaria ao seu lado, quem desistiu foi você.

A minha voz era acusadora, derramei sobre ele toda a minha frustração, toda dor que eu estava sentindo coloquei para fora em menos de um minuto, apenas com aquelas palavras.

Ele me fitou novamente com o olhar vago, ele estava mais magro também, em volta de seus olhos haviam grandes marcas roxa acinzentadas, ele estava com olheiras enormes, seus olhos fixos no meu, esperando que eu mudasse de atitude.

- O que você vai fazer? - perguntei olhando para o chão.

- Eu não sei, não tenho para onde ir.

Aquilo foi demais para mim, foi mais que o suficiente para me fazer

cair aos prantos na calçada da minha casa, ele ainda era meu namorado, mas, antes de qualquer coisa, ele era um ser humano, um ser humano perdido que precisava de ajuda e eu não podia abandoná-lo, mesmo que isso me custasse mais do que eu estava disposta a pagar.

Foi abraçada com ele que deixei que meu choro fluísse livremente para fora, meu coração estava palpitando, apertado, ele me abraçou fortemente, como se estivesse com medo.

As próximas palavras foram dele, segurando em minhas mãos ele disse que não aguentava mais e eu sabia que era verdade.

Eu o convidei para entrar, ele relutou em aceitar, isso me incomodou, eu insisti até convencê-lo, eu disse que ele iria almoçar comigo e que depois pensaríamos em algo.

Já no meu quarto, após uma longa e definitiva conversa sobre internação, começamos a nos lembrar dos nossos momentos, eu apelei mais uma vez para o lado emocional a fim de fazê-lo enxergar o que ele estava fazendo conosco, eu já estava com a minha autoestima mais do que devastada, me sentia frustrada e impotente, eu definitivamente havia perdido a consciência sobre a minha importância, eu me achava um lixo, algo descartável.

A tarde foi passando e nem nos demos conta, somente percebi, quando ele se levantou dizendo que precisava ir embora, eu me assustei com a declaração dele. – Embora para onde? - perguntei choramingando.

- Eu não posso ficar aqui, não depois de tudo, sei que você não quer e sua mãe também não. - as palavras dele soaram como espinhos em minha garganta, não era isso, não que não o queríamos em casa, mas sabíamos que ele precisava de ajuda e sabíamos que se nós o acolhêssemos novamente, seria tudo igual, alguns dias de calma antes da tormenta. Eu tive que concordar com ele, por mais que me doesse, eu tive que deixá-lo pensar que estava certo, em contrapartida, eu não sabia o que ia ser dali em diante, o que ele faria e para onde iria.

Enquanto nos direcionávamos ao portão, perguntei se ele iria procurar a família dele, ele me fitou brevemente e respondeu que não, que eles ainda não o aceitariam e eu sabia que era verdade, eles não o aceitariam por saberem que ele ainda não havia se curado. Ele beijou a minha testa, foi estranho, não parecia uma despedida normal de namorados, fiquei confusa se deveria ou não fazer perguntas quanto ao nosso relacionamento, eu não sabia se tinha ainda o direito de perguntar o que ele iria fazer depois que saísse da

minha casa.

- Eu vou ficar em uma pensão. - disse ele calmamente, como se estivesse lendo meus pensamentos.

- Como assim? Em que pensão? - era mais uma surpresa, agora ele havia decidido ficar em um pensionato.

Depois que ele me explicou sobre a pensão, eu fui obrigada a concordar, por hora seria o melhor a fazer. Decidi ir com ele até lá, ele não gostou da ideia, mas eu queria ver com meus olhos se era verdade, ele havia dito que já havia conversado com a dona da pensão na parte da manhã e que já estava certo. Eu calcei os sapatos e saímos.

A pensão ficava no centro da cidade, eu já a conhecia de vista, sabia que não era o melhor lugar para ele ficar, além do mais a sua localização era próxima a alguns becos e pouco à frente dela, havia um boteco famoso por frequentes brigas e usuários de drogas.

A porta estava aberta, era um grande casarão antigo, com janelas enormes de madeira na cor azul, subimos os dois primeiros degraus e ele avistou a dona que veio nos receber, uma senhora simpática, em seu rosto estava estampado o sofrimento, mas também pude notar que ela era muito esperta, sabia exatamente com o tipo de pessoas que ele estava lidando, abrindo vagas para as mais diversas pessoas, cada um com o seu motivo para ir se hospedar em sua humilde e velha pensão. Andamos por um corredor até paramos na frente de uma porta, ela a abriu e disse para o Gabriel que ele ficaria ali. Havia duas beliches e um armário, ela disse que só havia mais um homem no quarto, mostrou as chaves do armário e disse que ela não se responsabilizava pelos pertences de ninguém. Continuamos andando e ela nos levou a uma espécie de saleta com uma antiga TV e um sofá velho na sua frente, depois nos mostrou a cozinha e puxou uma cadeira para eu me sentar. O cheiro de mofo era insuportável, as paredes estavam descascando, eram velhas e com aparência de sujas, embora não fossem. O Gabriel nos deixou a sós por alguns minutos, eu não sabia aonde ele havia ido, ele simplesmente sumiu pelo corredor a fora, antes mesmo que eu perguntasse algo.

Aquela senhora começou a falar que ele era um bom garoto, que ele somente precisava de ajuda e eu indaguei como que ela sabia, ele me fitou e com segurança disse que já o conhecia desde quando ele ainda era um adolescente, que ele já havia ficado lá antes, antes de ter se recuperado pela primeira vez.

As palavras dela pareciam como pregos em minha cabeça, ele nunca

havia me dito nada sobre aquilo, eu estava me sentindo traída, pensando no que mais ele poderia ter ocultado de mim sobre o seu passado, o que mais haveria para eu descobrir. Levantei-me rapidamente à procura dele, caminhei pela pensão em sentido à rua, quando o vi parado na porta da entrada, com um cigarro na mão.

Foi muito mais do que decepção, me senti duplamente traída naquele dia, ver aquele cigarro em sua mão, o ver tragando e soltando a fumaça, me doeu mais do que qualquer outra coisa, senti náuseas, meu estômago embrulhou, a imagem que eu tinha dele havia se desfeito, na minha concepção, anjos não fumavam, mesmo que fossem anjos caídos, eles não fumavam, ele havia deixado de ser para mim um anjo com problemas, passou a ser um jovem de 20 anos com problemas, com sérios problemas.

Ele se espantou quando me viu, eu já estava parada ali há algum tempo, chorando enquanto ele fumava, de imediato ele jogou o cigarro no chão, mas era tarde demais, não havia mais nada que ele pudesse fazer.

- Há quanto tempo você está fumando? - minha pergunta era mais uma acusação do que uma pergunta.

- Já faz algum tempo, eu queria te poupar disso. – respondeu, me fitando.

- Eu quero saber o que mais você está escondendo de mim? Eu acabo de descobrir que você já havia se “hospedado” aqui antes, e agora descubro que o meu namorado tem mais um vício!

Depois que as palavras saíram da minha boca é que percebi o que eu havia dito, eu o estava acusando de ser um viciado, eu nunca tinha feito isso antes, deixei que a raiva me dominasse naquele momento, tudo por que eu estava me sentindo traída.

Ele abaixou a cabeça e deu de ombros, ele simplesmente não tentou me convencer de que eu estava errada, não me pediu desculpas e não fez novas promessas, fazendo com que eu me sentisse mais frustrada ainda, causando em mim a sensação de que a minha opinião e meus sentimentos não importavam mais para ele. Fiquei com o gosto amargo na boca das palavras ditas sem pensar.

Ainda lá fora, ele segurou em minhas mãos e pediu que eu fosse embora, que seria melhor e que ele me ligaria depois. Senti um frio na minha barriga, era como se ele estivesse desistindo, se acomodando, era como se ele estivesse disposto a levar aquela vida e abrir mão de todo o resto.

Eu entrei para me despedir da dona da pensão e tirei do bolso uma

nota de cinquenta reais, era dinheiro do meu seguro desemprego, eu entreguei a ela dizendo que era para pagar as diárias e caminhei em direção à saída.

Não nos despedimos, ele ficou parado na entrada da pensão me vendo ir embora e nada fez para impedir.

Não sei o que aconteceu exatamente, mas algo definitivamente havia mudado, ele não era mais o mesmo e eu também não. Saí de lá visivelmente triste, mas não chorei em momento algum, senti como se em meu ombro estivessem um anjo de um lado me dizendo que tinha que ser forte e do outro lado, um diabinho me dizendo que eu havia feito a coisa certa ao virar as costas para ele.

Não tive notícias dele durante aquela noite e nem na manhã seguinte, eu estava me sentindo estranha, com menos remorso, com menos culpa do que normalmente eu sentia por ele não estar bem. Na parte da tarde, fui até a pensão, saímos para conversar um pouco em uma praça que havia lá perto, eu senti de fato, que ele também havia mudado, ele não se importava mais, com mais nada.

Eu me lembro que ainda o visitei mais umas três vezes naquela pensão, depois disso, sinceramente, não me lembro ao certo de como ou quando aconteceu, foi mais um fato marcante que meu cérebro resolveu ocultar das minhas lembranças, só sei que ele foi internado novamente, o que me lembro é que mais uma vez, quem o ajudou foi o Renato. Em meio a essas vagas lembranças, ao buraco vazio que ficou em minha mente em relação a esse fato, lembro-me de que o Renato e a Flávia foram na minha casa na tarde de sábado dizendo que ele estava internado novamente.



A VISITA

Pelo o resto da minha vida, terei que me convencer de que não preciso ser forte o tempo todo, que eu posso ter os meus momentos de fraqueza. Pelo resto da minha vida, terei que acordar e dizer para mim mesma que seja lá o que acontecer, é só por hoje e que sou responsável pelas escolhas que faço. Pelo resto da minha vida, terei que aprender que eu posso escolher deixar algo me afetar e me entristecer ou não. [Blogue Livro Valeu a Pena]

Levantamos bem cedo no domingo, o sol ainda estava nascendo, a sua luz dourada estava começando a brilhar no céu, anunciando que seria mais um longo dia.

Para chegarmos na clínica, tínhamos que tomar três conduções, íamos até Campinas e de lá até Hortolândia, depois, ainda andávamos por mais

quatro quarteirões até, finalmente chegar.

Ela ficava em um bairro um pouco afastado, nesse trajeto que fizemos a pé, notei que haviam poucas casas residenciais no bairro, mas que ainda sim era um bairro residencial, a chácara em que a clínica ficava era em uma rua sem saída, um terreno imenso, na entrada um lindo jardim bem tratado, a casa principal, onde funcionava o escritório ficava de frente para a rua, ela era de uma cor amarelo gema com detalhes em azul petróleo e janelas e portas na cor marrom, em uma grande parede amarela, estava escrito com letras grandes em azul uma interpretação da oração da serenidade começando com “SENHOR” bem grande e abaixo a continuação “Conceda-me a coragem para não desistir mesmo que eu pense que é um caso perdido”. Me emocionei só de ler. Entramos primeiramente no escritório, nos apresentamos e fomos recebidos por um dos responsáveis, mais uma vez, ouvimos o quanto a família era importante no processo de recuperação, ouvimos sobre as manipulações que o adicto costuma fazer quando está internado, com o intuito de convencer a família para tirá-lo de lá. Depois, saímos pela mesma porta que entramos e fomos em direção a um portão branco na lateral da casa sede, passamos por ele, fechando-o em seguida. Estávamos definitivamente dentro da clínica. Tinha uma grande área verde, à primeira vista, era um lugar agradável e alegre, fomos caminhando lentamente, observando os internos que ali estavam com suas respectivas visitas. No fundo, perto do refeitório, avistei o Gabriel, com seu olhar parado, fixo em algum lugar, muito distante dali, ele só foi nos reconhecer quando já estávamos perto demais para ele ver que eu já estava chorando.

As lágrimas voltaram, isso não era bom, mas também não era ruim, já havia me acostumado a ouvir a minha mãe dizer que eu precisava colocar para fora, que eu não podia guardar meu sofrimento da forma como eu vinha guardando, e foi bem ali, na frente dele e dela, que elas começaram a escorrer pelo meu rosto.

Minha mãe o abraçou fortemente, eu não esperava menos do que isso por parte dela, ela o abraçou sem nenhum julgamento, sem mágoa ou sentimento de decepção. Essa é a minha mãe, ela foi muito além do que qualquer mãe faria pelo namorado de sua filha, ela enxergou o que muitas mães não enxergariam, que ela estava fazendo aquilo porque antes de tudo, ele era um ser humano, um filho de Deus e que merecia ser ajudado.

Me desculpem, mas ainda me dói algumas lembranças e uma delas é essa, a da primeira vez que fui visitá-lo naquela clínica. O que posso dizer é

que nos abraçamos por um longo tempo e eu tentei passar para ele toda a minha intenção de que ele se recuperasse.

Nos sentamos em um dos grandes bancos do refeitório, não demorou muito para as queixas começarem, ele falou a respeito de um quarto onde os internos ficavam quando não se comportavam direito, quando fugiam ou algo assim, eles eram obrigados a tomar remédios, os tais psicotrópicos, ele usou o termo “o quarto do seguro”, eu não sabia exatamente o que é que ele estava dizendo, lembrei-me do que nos disseram quando chegamos, que eles fariam de tudo para que seus familiares se comovessem e os tirassem de lá, então, seria apenas mais uma tentativa, mais uma jogada, mais uma manipulação e nada mais.

Foi massacrante vê-lo pedir cigarro à minha mãe, vê-lo acender um e a tragar um, aquele definitivamente não era o rapaz por quem eu tinha me encantado e me apaixonado

Ficamos lá até o horário de visitas chegar ao fim, fomos praticamente as últimas a sair de lá. Quando nos despedimos, ele me deu o abraço mais forte que já havia me dado até então e me pediu baixinho ao meu ouvido que eu não desistisse dele, porque ele estava lutando.

Saí de lá com o coração em pedaços, o chão por onde eu pisava parecia mais fundo a cada passo que eu dava, as flores do jardim da entrada não me encantavam mais, eram apenas manchas na minha visão, fui entorpecida por uma dor imensurável, nada será capaz de explicá-la, era aguda e fria, deixando em mim um gosto amargo na boca, o máximo que posso chegar para exemplificar a dor que senti naquele dia é a dor de se sentir fracassada, insignificante e não conseguir mais enxergar a luz no fim do túnel.



CODEPENDÊNCIA

No fundo, sou como um vaso quebrado que foi colado, a trinca que ficou, fruto do "conserto", é a marca da frustração que jamais se apagará. Eu testo meus limites na tentativa apagar essa marca, mas ela não vai se apagar e a necessidade de provar para mim mesma que eu consigo é o meu maior teste de autocontrole, de recuperação. Porque não importe o quanto passe o tempo, não importa o quanto eu seja amada, o quanto eu seja forte, o quanto eu esteja no controle da minha vida, talvez nunca será o bastante, talvez eu terei que constantemente estar renovando tais sentimentos, provando para mim mesma sem querer provar para o mundo que eu consigo. [Blogue Livro Valeu a Pena]

Assim, passou mais uma semana, até que o domingo chegou e eu e a

minha mãe fomos novamente visitá-lo, antes, passamos em um mercado, compramos bolachas, salgadinhos e refrigerante, já tinham nos avisado na clínica que nas visitas era permitido levar comidas e coisas que os internos gostavam, assim como, para os que fumassem, era necessário que os familiares levassem os cigarros também.

Ele era um fumante. Eu tinha que me acostumar a isso também, pode parecer um fato minúsculo diante de tudo o que eu estava passando, mas a verdade é que o fato de saber que ele fumava me incomodava de tal forma que me fazia sentir raiva, talvez porque eu já sabia sobre o passado dele em relação às drogas, mas eu não sabia em relação ao cigarro, era como se eu realmente estivesse me sentindo traída. Era um dos sintomas da codependência, eu praticamente havia aberto mão da possibilidade de ser feliz, escolhendo ficar ao lado dele, eu já estava vivendo em função dele me anulando e a recuperação dele havia se tornado meu propósito de vida, mas seria mentir se eu disser que fazia tudo isso somente por ele e sem esperar nada em troca, a verdade é que eu precisava sim que ele retribuísse, que ele demonstrasse vontade em se curar por mim também, embora eu constantemente dissesse a ele que ele precisava se curar por ele e mais ninguém.

A minha autoestima já estava baixa demais e eu já havia totalmente assumido o sentimento de culpa e parecia que a minha vida só tinha sentido quando eu estava empenhada em alguma coisa em relação ao Gabriel e sua recuperação, por isso, comprar cigarros para levar para ele na clínica, foi para mim uma das piores experiências, foi frustrante não conseguir fazê-lo parar de fumar em nome do nosso relacionamento.

Foram quase duas horas até chegar à clínica. Quando eu o vi, ele parecia estar no mesmo lugar que na primeira vez, sentado no banco, olhando para o nada. Ele sorriu como uma criança quando mostrei para ele que tínhamos levado comida, meu coração se encheu ao vê-lo sorrindo, depois, se entristeceu quando ouvi ele dizer que lá, os internos faziam trocas entre eles, tanto de comida quanto de cigarro, e que ele havia passado a semana sem ter o que trocar ou oferecer. Me senti culpada novamente por eu ter o que quisesse de comer em casa e ele ali, passando vontade.

Depois que conversamos um pouco, ele segurou em minhas mãos, seu olhar parado no meu, procurando as palavras certas para dizer que ele queria fumar. Ele sabia o quanto doía em mim e estava tentando me manter a vontade com aquela nova situação. Eu consenti, olhando para baixo, não

querendo vê-lo acender aquele maldito cigarro e então ele soltou as minhas mãos e se levantou, indo acender e fumar o seu cigarro um pouco mais longe de mim, minha mãe se levantou e o acompanhou, eu fiquei ali, entregue àquela imersa de sentimentos escuros, sendo dominada pelo sentimento de que eu o havia perdido, de que eu havia sido trocada pelas drogas e agora pelo cigarro.

Conversamos sobre a recuperação dele, sobre as crises que ele ainda tinha, sobre as palestras que ele havia assistido na clínica e inclusive sobre os cultos que haviam lá, em um galpão ao fundo do terreno. Os donos da clínica eram evangélicos e então eles tentavam fazer com que os internos participassem das reuniões com o pastor, como já se sabe, muitos dos ex-viciados, se curaram com a ajuda de alguma religião além do tratamento convencional.

Na hora de ir embora, eu parecia mais abalada do que ele, não que ele não estivesse sofrendo em me ver ir, mas eu já não sabia mais distinguir se a tristeza dele era por não poder ir também, de não ser livre ou por não me ter por perto.

Eu estava doente, estava visivelmente dependente dele e de seus sentimentos em relação a mim, eu estava carregando a minha própria nuvem de chuva, eu estava concentrada na minha carência e não mais na recuperação dele, eu já havia me tornado obcecada a controlar os sentimentos e o comportamento do Gabriel, por isso, é que havia tido a sensação de vazio nos dias em que tudo parecia estar calmo novamente, a sensação que eu havia experimentado era a de que eu havia me tornado inútil à vida dele.

No dia seguinte, resolvi conhecer o NA da minha cidade, eu nunca contei a ninguém, nem mesmo à minha mãe e à Fabiana que eu havia ido, provavelmente, elas saberão agora.

Entrei timidamente, um rapaz se apresentou e logo perguntou por qual motivo eu havia ido procurá-los, eu senti-me segura em dizer, então contei brevemente tudo o que pude e senti uma grande paz com as palavras dele, me dizendo que eu estava no lugar certo. Comecei a frequentar as reuniões na parte da tarde, e foi lá que realmente aprendi sobre a codependência, me reconheci de imediato em todos os quesitos, eu já não me preocupava mais com o Gabriel, eu estava obcecada por ele, eu não sentia mais compaixão por ele, eu havia alimentado um sentimento de posse, eu dizia a mim mesma que não iria tolerar mais certas atitudes dele, mas a cada situação nova eu relevava e consentia, eu andava deprimida e com problemas para dormir, não

tinha vontade de me arrumar, havia emagrecido mais de dez quilos, chegando a pesar trinta e seis quilos eu havia definhado lentamente.

Foi participando sigilosamente das reuniões do NA que vim a descobrir que eu não estava mais ajudando o Gabriel como eu acreditava ajudar, que meus sutis desequilíbrios psicológicos podiam até mesmo atrapalhar a situação dele, eu me feria emocionalmente a cada ato não correspondido, eu não era capaz de enxergar que ele não podia mais corresponder às minhas exigências e solicitações, uma vez que, ele não estava em condições de pensar em mais ninguém, ele não pensava nem em si próprio. Eu não havia notado, mas eu me sentia como se eu fosse a grande salvadora e não me importava em carregar àquela cruz. Eu estava com o meu emocional congelado, onde nada mais me importava e nem fazia sentido se não fosse em relação ao Gabriel.



ANJOS

Além das amizades que havia feito na faculdade, a Bia, a Jú, a Má e a Shirley, a quem sou muito grata por me ajudarem quando mais precisei e que foram como anjos em minha vida, me apoiando e incentivando com os estudos, eu também havia feito algumas boas amizades no ônibus fretado que me levava para a faculdade, para alguns, eu cheguei até a contar parte do meu sofrimento pessoal, ainda mais porque muitos me perguntavam se estava tudo bem comigo devido às minhas constantes faltas.

Há mais ou menos um mês atrás, antes dessa internação, havia entrado no ônibus um garoto novo, seu nome é João Paulo e não demorou muito para fazermos amizade, em pouco tempo, eu já havia contado tudo a ele e recebera dele todo o apoio que eu precisava para não desistir. Ele foi mais um anjo que passou pela minha vida, foi uma amizade verdadeira, sem segundas intenções, sem cobranças, nós íamos para a faculdade e voltávamos

juntos, conversando sobre o meu inferno pessoal, e durante os finais de semana nos falávamos por e-mail ou por telefone. Ele se tornou meu amigo de verdade, como se ele tivesse sido enviado por Deus para me ajudar.

Aos domingos, nos falávamos por telefone, às vezes ele me ligava antes de eu ir para a clínica ou eu ligava para ele, somente para ouvi-lo me dar forças e na maioria das vezes, nos falávamos depois que eu saía de lá, no caminho de volta para casa, era quando eu desabava em um grande choro e ele me ouvia e me aconselhava.

A minha vida de certa forma estava mudando, eu continuava a visitar o Gabriel todos os domingos, sempre antes de ir, passava no mercado para comprar as coisas que ele mais gostava e o cigarro, às vezes, comprava uma muda de roupa nova também. Em toda visita ele me perguntava o que eu andava fazendo nos finais de semana, e eu apenas dizia que estudava e nada mais, mas a verdade é que eu havia começado a sair de casa com a Fabiana, a minha eterna anja, ela e o João haviam conseguido me convencer a começar a seguir a minha vida, a sair de casa para me divertir, mas ainda era difícil para mim, me divertir não era mais uma coisa tão simples, por muito tempo, a alegria que eu sentia era geralmente seguida de perto pelo sentimento de culpa, um sentimento de que eu não deveria estar me divertindo enquanto ele estivesse internado em uma clínica.

Já havíamos passado do meio do ano, eu tive sorte em conseguir ir bem nas provas de final de semestre, porque, embora eu estivesse realizando um sonho por estar na faculdade, eu não tinha muito ânimo para estudar, então me concentrava o quanto podia nas aulas para garantir que eu iria conseguir fazer as provas.

Às vezes, eu ia com o Renato, a Flávia e a mãe dela visitar o Gabriel, eles me deram muito apoio, muito mais do que eu possa exemplificar aqui, foram importantes tanto na minha vida quanto na do Gabriel. Foram anjos também.

As férias haviam chegado, então eu tinha menos coisa para ocupar a minha mente, me sobrando tempo para pensar nele e para me culpar por ter voltado a sair de casa com minhas amigas. No meu aniversário, no meio do mês, resolvi fazer uma singela reunião em minha casa, com apenas alguns amigos, amigos que já sabiam de tudo e me apoiavam também, amigos que estão comigo até hoje, que frequentam a minha casa e eu às deles, inclusive o João Paulo, ele fez questão de vir, mesmo com viagem marcada para o dia seguinte cedinho, ele havia se mostrado um amigo essencial para a minha

vida naquele momento.

No domingo posterior à minha festa de aniversário eu não fui visitá-lo, eu estava sem coragem para ir, mesmo tendo me divertido, ainda sim eu havia pensado nele o final de semana todo e eu estava com vergonha de mim mesma por ter dado uma pequena festa sem a presença dele, ainda éramos namorados, afinal, ninguém havia dito para o outro o contrário.

Passou mais uma semana, na sexta-feira saí de casa novamente com a Fabiana, mesmo que me divertir ainda era algo que eu não me permitia, eu ainda sim comecei a sair, mesmo não vendo graça em nada e não conseguindo nem ao menos tolerar as cantadas idiotas que vez ou outra eu levava, ainda sim eu comecei a sair, porque a verdade é que eu só ia por uma motivação maior, normalmente íamos para o tal clube onde conheci o Gabriel, então eu sabia que lá eu estaria segura dos meus próprios pensamentos, lá eu podia dançar e esquecer de tudo, o som irritantemente alto não permitia que eu escutasse os meus pensamentos que vinham me atormentado cada vez com mais frequência, somente para me mostrar que havia algo errado em nosso relacionamento.

No domingo daquela semana também não fui visitá-lo e no meio da semana o Renato veio até a minha casa para contar que ele tinha ido, que o Gabriel estava bem, mas que ele tinha sentido a minha falta.

Era tudo o que eu precisava ouvir, pude sentir meus olhos brilharem e a minha cara de paisagem quando o Renato disse aquilo, definitivamente, eu só podia estar doente, era uma alegria mórbida saber que ele sentia a minha falta.

Me arrastei até o próximo domingo, fiz compras e fui sozinha visitá-lo, no longo caminho, entre descer de um ônibus e pegar outro e fazer tudo novamente, eu me sentia mais feliz, eu me sentia curiosamente mais alegre. Ele me recebeu com o forte abraço e depois me cumprimentou pelo meu aniversário atrasado. Eu derreti, ele havia se lembrado! Era como se eu estivesse me apaixonando novamente, mas estava muito longe de ser isso, era o efeito da minha dependência por ele.

Ele parecia estar indo bem, se controlando, me confessou que às vezes sentia falta, às vezes sentia vontade de sair de lá, sempre aproveitando para fazer suas queixas quanto ao local, que eu nunca vim a saber se eram reais ou não.

Diferente dos outros dias, eu saí de lá um pouco mais leve, é horrível admitir, mas me fazia bem saber que ele ficaria lá, “preso”, essa era a

verdade, eu o queria seguro, enquanto ele estivesse lá, eu ainda seria a sua namorada, aquela quem ele sentiria falta e eu teria sossego e paz na minha vida “real”. Naquele dia, eu não liguei para o João Paulo para contar como havia sido, porque naquele dia eu não havia saído de lá com o sentimento de que eu não fosse mais importante, com a sensação de que eu havia me tornado um vaso vazio e sem fundo na vida do Gabriel.

As aulas começaram, eu andava visivelmente mais animada, já havia até engordado um pouco e estava saindo de casa com mais frequência, o João Paulo mudou de faculdade no início das aulas, era mais uma prova de que ele havia sido enviado por Deus para me ajudar, ainda assim, nos falávamos com certa frequência.

Houve um domingo do mês de setembro que eu não o visitei, nem foi porque eu não quis, mas eu andava bem ocupada com as minhas baladas e meus estudos.

Depois disso, ele fugiu.

Ele estava indo tão bem que nem pude acreditar quando recebi a notícia pelo Renato ao telefone, ele havia fugido novamente e ninguém o vira já faziam dois dias. Eu estava apavorada, não queria sair de casa para nada, eu andava nas ruas com medo, não com medo dele, porque esse sentimento eu jamais tive, mas com medo de vê-lo e não saber o que fazer. O meu porto seguro havia desmoronado, eu só estava conseguindo lentamente voltar a ser normal porque eu sabia que ele estava lá, internado, se tratando por nós dois, essa era mais uma mentira que a minha doença havia me feito acreditar.

Desde o dia em que ele havia me jogado no chão para pegar a minha bolsa, a minha mãe decidiu contratar a guardinha que fazia a vigilância noturna para me acompanhar do ponto de ônibus de onde eu descia da faculdade até em casa, e isso havia se tornado rotina, mesmo com o Gabriel internado, era somente por esse motivo que tive coragem de continuar a ir para a faculdade, porque realmente eu estava com medo.

Passamos quatro dias sem notícias dele, eu ia à aula, mas não conseguia acompanhar os professores, lembro-me do professor de Fisiologia, como eu adorava aquela aula, eu adorava participar e responder às suas perguntas, eu já havia contado a ele sobre o que eu estava passando, quando uma vez, após a aula, ele me perguntou se estava tudo bem comigo, porque eu não participava mais dos debates dele e foi nesse dia que o coloquei no “hall” dos melhores professores que já tive.

Era uma sexta-feira, eu não havia ido bem na primeira prova dele,

então ele dera a chance para mim e alguns outros alunos de fazerem novamente, como eu me lembro daquela cena, ele percebeu que eu não estava bem, eu não estava mais aguentando a falta de notícias do Gabriel. Ele puxou a minha carteira colada à mesa dele e se encostou nela, lendo lentamente as perguntas da prova para mim, é uma imagem que jamais esquecerei, ele sabia o que era ser um professor, a cada pergunta, ele me fitava e dizia para eu pensar, que eu sabia a resposta, que eu já havia respondido antes na sala de aula, nas aulas anteriores. Ele estava certo, eu realmente sabia as respostas, só precisava de alguém para me dizer que eu devia me concentrar em mim e em mais nada.

Após um final de semana agonizante, eu recebi a notícia pela mãe da Flávia de que o Gabriel havia se internado novamente, e que por conta de sua fuga, ele ficaria um tempo sem poder receber visitas.

Eu suportei, dia após dia, a dor crescer dentro de mim, ainda tinha dificuldades para dormir, ainda sentia calafrios quando o telefone tocava e ainda andava nas ruas com medo de algo que nem eu sabia o que era. O desespero e a agonia ainda me acompanhavam, eu momentaneamente, às vezes, conseguia esquecer que eu não tinha uma vida normal e era nos momentos em que eu saía com a Bia, somente nesses momentos, porque onde quer que fôssemos, ninguém sabia da minha história, ninguém sabia que eu havia sido trocada por drogas

Aos poucos, tão lentamente quanto a um passeio de barco, a dor fora diminuindo, eu a sentia com menos intensidade, eu já tinha ânimo de me arrumar até mesmo para ir para a faculdade, eu já não sentia tanta repulsa quando algum rapaz me perguntava o meu nome a fim de me conhecer, o único sentimento que ainda vivia dentro de mim, forte como uma chama acesa, era o sentimento do abandono, eu havia embutido na minha mente, em meu subconsciente que ele cruelmente havia me trocado pelas drogas e que então eu não devia ser tão boa assim quanto eu pensava em ser, que eu não devia ser tão especial quanto eu achava que era, quanto ele ilusoriamente me fazia sentir, entre todos os sentimentos que eu experimentei, esse fora o pior de todos, infinitamente o pior, porque ajudá-lo, sofrer por ele era fácil em comparação ao sentimento que eu havia embutido dentro de mim, porque eram sentimentos e experiências externas, mas o sentimento de que eu não era assim tão importante para ele a ponto de fazê-lo largar o vício era doloroso demais para mim.



A DESPEDIDA

Não sei ao certo quanto tempo se passou sem eu ir visitá-lo até que o Renato e a Flávia surgiram em um sábado à tarde na minha casa pedindo para que eu fosse com eles no dia seguinte, eu aceitei, eu devia isso a eles, eu devia isso ao Gabriel.

Passei a noite em claro, me preparando para o encontro, fiquei ensaiando algumas respostas para suas possíveis perguntas, abri um álbum de fotografias nossas apenas para me lembrar das coisas boas, rezei e por fim chorei, chorei como há algum tempo não chorava, as lágrimas estavam sufocadas em minha garganta, eu estava com medo de vê-lo. Eu adormeci com medo de acordar.

As ruas pareciam serem feitas de borracha porque por onde o carro passava, eu tinha a impressão de estar afundando, na verdade, eu é quem estava afundando, eu estava entorpecida com a ideia de vê-lo após um longo

tempo.

Passamos pelo jardim que, como sempre estava propositalmente bem trado, o Renato abriu o portão, entrando ele na frente, a Flávia e sua mãe em seguida e por fim, lentamente eu dei um passo para dentro.

Como uma explosão em meus ouvidos, ele gritou:

- Deus existe, Deus existe!

Ele havia me visto entrar, todos pararam, até mesmo os familiares dos outros internos pararam para vê-lo e ouvi-lo gritar com os seus pulmões cheios a ponto de explodirem.

Atrás dele, uma paisagem se confundia com a grama e o céu, ao redor, apenas vultos e borrões coloridos.

Ele veio correndo em minha direção, com os braços abertos, tão abertos quanto ao Cristo Redentor em cima do Corcovado.

De onde eu estava, paralisada e totalmente atônita, pude ver que as lágrimas rolavam pelo seu rosto como as Cataratas da Foz do Iguaçu, meus pés pareciam estar pregados ao chão, tudo ficou em câmera lenta, ele continuava a correr e a gritar cada vez mais alto a frase de que Deus existia, porque Ele havia atendido ao pedido dele em ter me feito ir visitá-lo.

Mesmo com a sua pressa visível, tudo ainda parecia estar em câmera lenta.

Foi a dor mais insuportável que eu já havia sentido, ela era de uma cor vermelho amarronzada, pesada e assustadora, sufocante, de tirar o ar e fazer sentir-me fraca, com meus joelhos vacilantes, minha garganta estava seca, e a saliva que por ela descia, mais pareciam pedras rasgando-a por inteiro.

Tudo parecia não ter mais sentido, eu quis gritar e por um momento sair de lá correndo, voltar para trás, me esconder e me trancar dentro do carro, eu comecei a suspeitar que eu estivesse tendo algum tipo de alucinação, todas àquelas pessoas paradas, com seus olhos voltados somente para o Gabriel e eu, como se fossemos os atores principais de uma peça teatral de Shakespeare, como se fossemos Romeu e Julieta.

Ele se aproximou mais lentamente, sem tirar os olhos de mim, ainda falando quase que como um sussurro que Deus existia, soluçando, com seus pés descalços sobre a grama, olhando fixamente em meus olhos, chorando, chorando como eu nunca o tinha visto chorar, soluçando como uma criança que estava perdida e acabara de encontrar os seus pais. Assim ficou gravado em minha mente aquele dia.

Eu o abracei fortemente a ponto de sentir minhas costelas estalarem e

meus ossos doerem. Ele encostou sua cabeça sobre o meu ombro e sutilmente disse. – Obrigada!

Aquilo era muito para mim, muito mais do que eu merecia ouvir, eu praticamente o havia abandonado lá, enquanto eu lentamente estava voltando à minha vida normal, ele estivera lá sofrendo horrores, passando pelas piores experiências e eu só me preocupava com os sentimentos dele em relação a mim e mais nada, eu era egoísta, eu fui egoísta, em me preocupar mais com que tipo de sentimento ele ainda tinha por mim do que com tudo o que pudesse estar passando lá dentro, eu precisava de ajuda tanto quanto ele.

Olhei lentamente ao nosso redor, nós não éramos os únicos que estavam chorando, a emoção havia tomado conta de todos que ali estavam, como uma espécie de feitiço, ao meu lado a Flávia e o Renato pareciam estar tão comovidos quanto nós. O Gabriel tirou os braços lentamente que estavam pendurados ao meu redor e se virou para o Renato, para agradecê-lo, ainda com os olhos vermelhos e cheios de lágrimas.

A imagem dele gritando e correndo de braços abertos em minha direção, jamais se apagará da minha memória, a voz dele ainda ecoa em meus ouvidos, a voz de desespero e ao mesmo tempo alívio, ele parecia estar vendo à salvação da sua vida na sua frente quando na verdade, era apenas eu, com meus defeitos e qualidades que ele sempre aceitara.

Passamos uma tarde maravilhosa juntos, rimos, brincamos, conversamos e choramos. Sou grata por Deus ter me dado aquele dia de presente, por eu ter tido a oportunidade de pedir desculpas a ele pelas minhas fraquezas, por eu ter ouvido dele também o pedido de desculpas mais sincero que eu já tinha ouvido.

Na hora de embora, nos abraçamos fortemente e sem muitas palavras nos despedimos. Sem promessas, sem cobranças, sem lamentações.

Havia ainda um longo caminho a ser percorrido, um caminho que só ele poderia percorrer e acho que ambos nos demos conta disso naquele dia.

Eu descobri que eu não poderia mais caminhar com ele, ele tinha que seguir seu próprio destino, ele tinha que descobrir a sua força de vontade dentro de si e não a buscar fora, no caso em mim.

Aquele foi o último dia em que fui visitá-lo. Um dia para jamais ser esquecido, a intensidade daquele dia ainda é tão quente em minha mente quanto ao próprio dia, como se meu cérebro tivesse gravado em DVD cada momento, cada minuto, cada segundo daquela experiência.

Eu não o visitei mais, não porque eu havia perdido a fé nele ou na

recuperação dele, mas sim porque eu havia perdido a fé em mim e em quanto tempo mais eu aguentaria.

Eu saí da clínica em estado de transe, eu desmoronei no longo caminho de volta para minha casa, eu simplesmente não podia mais aguentar, eu estava farta e havia chegado a hora de admitir para mim mesma que eu não tinha mais o controle da situação.

Eu queria lutar, mas eu não conseguia mais. Eu não estava fugindo, não estava abandonando-o, estava tentando deixá-lo livre para seguir o seu percurso, para que ele pudesse tomar as suas decisões e aprender a arcar com as consequências que elas poderiam trazer. Eu sabia que eu estava matando-o por dentro, mas se eu não fizesse isso, seria tarde demais para mim, seria tarde demais para ele, tarde demais para nós.

Era uma situação limite, eu já tinha ouvido por diversas vezes que o dependente só se recupera quando ele chega no fundo do poço, que é quando ele está se afogando, quase ficando sem ar, que ele dá um impulso no fundo da piscina e volta à superfície em busca de ar. Eu não tive escolha, havia chegado o momento de ele buscar seu próprio ar.

A parte mais difícil do final, é recomeçar novamente e no meu coração ficou a memória de tudo o que foi bom, somente do que foi bom e em minha mente, deixei por conta o fardo de deletar tudo o que não me fazia bem lembrar.

Às vezes a gente acha que as feridas nunca vão se cicatrizar, a gente acha que nem o tempo será capaz de apagar as dores da vida e é aí que somos surpreendidos com a Graça Divina.



VIDA QUE SEGUE

Eu deixei de ser a sombra de mim mesma e voltei a ser a minha própria luz. [Blogue Livro Valeu A Pena]

Durante um bom tempo, eu ainda sofri com o toque do telefone me causando arrepios entre à espinha, sofri com problemas para dormir, com medo de andar na rua, com medo de passar em lugares escuros. Durante um bom tempo, eu ainda sentia o vazio em meu peito e a dor em minha garganta.

Tive que aprender a conviver com meus próprios fantasmas, eles vinham me atormentar, me julgar e me culpar. Como julgadores da humanidade, os meus fantasmas me acusavam de tê-lo abandonado, de eu ter sido fraca quando eu não podia, de eu ter sido egoísta. Esses fantasmas me diziam em pensamento que eu não podia ter escolhido a mim ao invés dele,

que eu provei o quanto fraca eu fui em não voltar mais na clínica para visitá-lo, que eu havia sido trocada por drogas, que todo o meu sentimento de nada valia, que sensação de prazer que a maldita drogava causava nele era muito maior do que os nossos sentimentos.

Por um longo tempo, eu ainda me via na posição de fracassada, de desistente. Eu ainda estava adoecida pela doença chamada codependência.

Passaram –se alguns meses, no começo, eu ainda ia saber notícias dele através do Renato e da Flávia, me alegrava em saber que ele continuava internado, me trazia a sensação de que eu havia tomado a decisão certa, a notícia de que a família dele também estava aos poucos voltando a manter contato com ele, me trouxera a paz de espírito que eu precisava para seguir em frente.

E eu segui, com a ajuda da minha amiga Fabiana, que me ensinou a viver novamente e com a ajuda da minha mãe, a pessoa mais importante nessa história toda, porque foi ela quem me deu coragem quando me faltava, me deu força quando eu já estava fraca, porque ela simplesmente é mais do que especial para mim, ela é iluminada.

Mais dias se passaram, talvez meses, veio o Natal e não poderia ser diferente, eu não passei pelo aquele dia, eu simplesmente sobrevivi, naquela noite em que a lua de prata brilhava no céu em uma noite quente, tão contrária da noite do Natal do ano anterior eu apenas me deixei ser levada pelas emoções. Eu lembrei dele e orei por ele, naquela linda e triste noite em que passei com minha mãe, somente eu e ela.

A data do dia vinte e quatro de dezembro ficará marcada em minha memória para sempre, mas hoje eu sei curtir esse dia e adorá-lo, porque eu voltei a ser feliz.

Mais alguns meses se passaram, eu já não tinha mais notícias dele, não via e nem falava mais com aquele casal de anjos que tanto me ajudaram, eu já não fazia mais parte daquele mundo.

Conheci o meu marido, começamos a namorar algum tempo depois, é a ele a quem eu devo a minha recuperação, ele me trouxe à realidade, foi ele quem me estendeu a mão e me mostrou que eu poderia ser feliz novamente, ele me mostrou o caminho para que eu me encontrasse novamente. Ele me deu uma filha, o nosso bem maior. Ele esteve e está ao meu lado me mostrando o caminho a seguir, ele me fez ver a verdade escondida por de trás de meus medos, ele transformou meus sonhos em realidade.

Depois de um tempo, fiquei sabendo pela minha mãe que durante a

minha gravidez, o Gabriel havia me escrito. Ele havia escrito uma carta para mim de dentro de uma penitenciária, ela e meu marido não me mostraram a carta na época para me poupar e eles tinham motivos para isso, com certeza eu não iria suportar a dor se instalando em meu coração novamente.

Eu nunca cheguei a ver a carta, eu nunca tive coragem para isso, mas sei que nela, ele contava que havia sido preso, que fora pego roubando para comprar crack, após ter fugido da clínica, após meses em recuperação.

A minha mãe retornou à carta dele, com palavras de motivação, com carinho e compaixão por ele, depois disso, ele escreveu novamente para a minha mãe pedindo que ela escrevesse mais, que o companheiro de cela dele havia ficado emocionado com as palavras dela, porque ele não tinha ninguém para fazer isso por ele.

Meu coração se rasgou ao ouvir minha mãe relatar esse episódio, mas, eu nada mais podia fazer, a não ser seguir em frente.

Pouco antes de eu terminar esse livro, na verdade quase um mês antes, faltando duas semanas para o Natal, eu encontrei a Flávia e o Renato, após mais de seis anos sem vê-los, eu os encontrei na rua, eu estava em um mercado junto com meu marido. A notícia que tive deles sobre o Gabriel não foi a notícia que eu esperava ter, eles também não tinham mais contato, a última notícia que tiveram era a de que ele havia sido solto e que estava morando com o pai, mas que nem a mãe sabia mais onde ele estava realmente, ele ainda não havia conseguido encontrar o seu caminho, ainda andava pelas ruas atrás do alívio para o seu vício, em busca da ilusão.

Com o livro, nasceu o blogue e posso afirmar que ele foi a consolidação da minha recuperação. Através dele, conheci e me tornei amiga de várias outras codependentes, criamos uma rede de blogues onde cada uma relatava a sua rotina de recuperação ao lado – ou não – do “seu” dependente químico. Eu recebia e-mails diários de relatos e pedido de ajuda e chorava com cada um deles. A minha história virou matéria de vários jornais, como O Estado de São Paulo e também canal de TV, eu percebi que escrever sobre a minha recuperação, era uma forma de ajudar, de minimizar o estrago que a droga causa, eu estava ajudando a tornar fortes as mulheres que sofriam como eu sofri.

Tive muitos momentos de fraqueza, registrados quase que semanalmente em meu blogue, mas eu precisava conhecer essas fraquezas para superá-las, foi uma escrita de autoconhecimento, sem dúvida alguma.

Hoje, eu apenas me polio para que os “sintomas” da codependência

não ditem as regras da minha vida.



VALEU A PENA

Mesmo após tudo isso, para mim, ele sempre foi e será um anjo, uma pessoa especial, porque eu conheci a sua essência e em nenhum momento serei capaz de julgá-lo por tudo. Não se trata de amor, porque hoje tenho ao meu lado meu verdadeiro amor que é o meu marido a quem devo muito por ter tido a paciência que teve em aguentar as minhas crises de baixa autoestima que me perseguiram durante um bom tempo como sequelas do meu passado.

Se trata de algo que vai além do meu entendimento. Espero que tenhamos resgatado tudo o que tínhamos que resgatar durante esses longos dois anos. Que eu tenha partido não por fraqueza, por não aguentar mais e sim porque realmente a minha missão com ele, Gabriel, o anjo caído, havia chegado ao fim.

Não acredito em acasos, acredito em destino, acredito na ordem

natural das coisas, é o que dá sentido a tudo, acredito em Algo superior, em uma força Divina e foi essa mesma força que me fez ser forte, que me manteve lutando bravamente por quanto foi necessário.

Vários anjos passaram por minha vida durante esses dois anos, fui protegida e abençoada com a presença deles por várias vezes, esses anjos são os meus amigos, alguns de longa data, algumas amizades que nasceram justamente por eu estar na situação em que eu estava, mas nada se compara ao Anjo caído que foi colocado em meu caminho, olhos brilhantes e sorriso angelical, pele branca como a neve, inocência nas palavras e meiguice em seus atos. Eu rezo para que esse anjo encontre o seu caminho, assim como eu encontrei o meu.

“Porque aos seus anjos

dará ordem ao teu respeito,

para te guardarem em

todos os teus caminhos”

SL 91:11



SOBRE O LIVRO

Aceitar a dor é reconhecer os motivos que causaram ela e nesse pacote todo, vem a culpa, remorso, medo, frustração e eu tive que enfrentar cada um desses sentimentos, tive que me livrar de cada um desses sentimentos em um mergulho profundo dentro de mim mesma, onde encontrei uma mulher de baixa autoestima, medrosa, com suas emoções em frangalhos e eu tive que encarar essa mulher para aceitá-la e então mudá-la. [Blogue Livro Valeu a Pena]

Eu levei sete anos para me perdoar pelos erros que cometi como codependente, para aceitar que eu fiz tudo o que eu podia ter feito e que a recuperação dele não estava nas minhas mãos, que eu também estava adoecida, precisando de ajuda e por esse motivo eu tive que tomar uma decisão, a minha saúde ou a doença dele e eu decidi viver a minha vida sem

ele. Eu desejei ter forças para continuar, mas, eu já estava vivendo em um estado de torpor, onde eu não pensava nem em desistir e nem em lutar, eu só estava esperando o fim chegar e ele chegou. Foram longos sete anos, em que muitas vezes fugi do assunto, muitas vezes fingi não ter acontecido, mas, foi o tempo necessário para que eu renascesse das cinzas, assim como a ave Fenix, que renasce após ter tido o seu corpo todo consumido pelo fogo, e tempos depois ressurgue tão forte quanto antes, eu renasci e dessa experiência entre vida e morte ainda em vida me veio a necessidade de voltar a escrever, coisa que eu já não fazia há mais de quinze anos.

E então o meu livro nasceu.

Para escrevê-lo, eu precisei superar meus fantasmas que me assombravam, eu precisei entender que eu desisti não porque eu não tinha mais coragem para lutar, eu desisti porque eu não tinha mais condições de sofrer e perceber isso, levou tempo, exigiu de mim flexibilidade comigo mesma, hoje eu sei que até para desistir é preciso ter coragem. E desistir dele foi o ato mais corajoso que tive nessa jornada, foi o ato mais dolorido e crucial de todos, porém, fiz o que tinha que ser feito.

Escrever o livro, me rendeu lágrimas que estavam presas, eu revivi cenas que meu cérebro havia feito questão de esquecer e pude sentir um pouco daquele sentimento, de anos atrás.

A escolha do nome do livro veio antes mesmo dele estar pronto e representa de fato o meu sentimento em relação a tudo o que passei "VALEU A PENA" SIM, com toda certeza, mesmo com as lágrimas e dor, porque eu não conheci um dependente químico, eu conheci um jovem rapaz de pele pálida e olhos tristes que se tornou um dependente químico e hoje em minha memória, guardo somente o que foi bom e nada mais, do resto, aprendi o que tinha que aprender, mas, ao olhar para trás, eu sorrio pelos bons momentos que tive, é isso o que importa.

Foram dois anos ao lado do Gabriel, após um sofrimento que parecia ser infundável, após ter sentido a dor em sua forma mais cruel, após ter perdido até mesmo a habilidade de chorar, porque as lágrimas já não escorriam mais pela a minha face, após ter tido a minha fé testada e ter sentido o peso do mundo sob as minhas costas, eu percebi que eu estava tão adoecida quanto ele. Ele estava doente porque estava dependente das drogas e eu adoeci por me tornar codependente dele, eu havia assumido para a minha vida a responsabilidade pela a vida dele, onde eu passei a respirar conforme os movimentos dos pulmões dele, passei a comer conforme o apetite dele e a

dormir o sono dele.

Eu coloquei em suspenso todos os meus sentimentos, minhas vontades, minhas carências e meus sonhos e passei a viver o sonho e o pesadelo dele. É a chamada ilusória sensação de força que nós codependentes sentimos, eu me coloquei na posição de forte, porque ele precisava de que eu fosse de fato forte, eu não podia chorar, não na frente dele, eu não podia me dar o luxo de desabar porque eu, naquele momento era o chão dele.

A cada racaída dele, uma batalha era travada dentro de mim, onde parte de mim queria desistir de tudo e outra parte me dizia que eu não podia fazer aquilo, dizia que eu precisava permanecer ali, ao lado dele, lutando com ele e muitas vezes até lutando contra ele.



E O QUE VEIO DEPOIS?

Eu o amei com todo o meu coração, ele foi o meu mundo durante o tempo em que juntos ficamos e eu sei que fui o mundo dele também e por isso é tão importante para mim ter feito a escolha de deixá-lo na hora certa, é por isso que consigo viver com as boas lembranças dele mesmo em meio às lembranças dolorosas, porque não há um céu cinza de lembranças escuras sobre a minha cabeça, há somente tempestades pela qual eu passei. [Blogue livro Valeu a Pena]

No ano de 2012, ao digitar o nome dele no Google, algo que já havia se tornado um hábito, eu descobri que ele estava preso por roubar uma residência, claro que era para poder comprar droga. Ler aquilo me destruiu,

mas eu não podia fazer mais nada por ele, eu já havia estudado o suficiente para entender que o dependente só se recupera quando ele quer se recuperar, por isso, fiz o que estava ao meu alcance, que era rezar.

Em setembro do mesmo ano, a irmã dele, através do Facebook, me contatou para dizer que ele havia sido internado, lembro-me da alegria que senti ao receber a notícia. Não era sobre um ex-namorado, era sobre um ser humano, uma pessoa que eu conhecia o suficiente para afirmar que tinha uma das almas mais puras que já conheci, naquele dia, eu chorei.

No mês seguinte, após a primeira visita, ela me contatou novamente e meu mundo ficou mais colorido quando ela contou que ele disse que era pai de um garoto de dois anos, chamado GABRIEL e que havia sido por ele que ele havia decidido se tratar.

A criança era fruto de uma namorada que ele teve em São Paulo, ele não deu muitos detalhes a respeito, e os psicólogos na época acharam melhor não forçá-lo, mas só aquela notícia já era o suficiente para acalmar o meu coração.

Em dezembro do mesmo ano, ele desistiu do tratamento, não suportou continuar internado, o desespero pelo crack venceu e não havia nada o que a família dele pudesse fazer, sabemos que não se pode controlar a recuperação de ninguém e assim, ele voltou para São Paulo. Para as ruas.

Em Julho de 2013, a família soube que ele havia se internado novamente, que já estava há quarenta e cinco dias internado, por vontade própria. Ele havia procurado um CAPS (Centro de Apoio Psicológico e Social) e decidido recomeçar.

Foi no meu mês de aniversário. Foi o meu presente.

Seis meses depois, ele desistiu novamente.

E eu nunca mais obtive notícias dele. Pelo menos não até o dia 04/03/17, quando o meu mundo parou por alguns segundos.

Essa foi a minha última postagem em meu blogue, feita em 06/03/2017:



VOE EM PAZ, ANJO GABRIEL

"Viva intensamente cada instante. Logo ele vai ser. E, seja dor ou riqueza, não voltará outra vez em idêntico disfarce" Gwendolyn Brooks

Como será viver em um mundo em que você não existe mais?

Eu sempre me fiz essa pergunta quando ainda não tinha notícias suas. Agora eu sei como é.

E eu posso dizer que é pior do que eu imaginava.

Dói pra cacete! Dói porque eu não sei como foi a sua partida, não sei se ainda estava sofrendo antes de ir e se ela foi a sua libertação, não sei se estava sozinho ou se alguém pelo menos lhe deu consolo nos últimos momentos. Dói porque eu sei o quanto o mundo foi cruel com você e o quanto você mesmo foi, você não soube jogar o jogo, não soube lidar com as frustrações que a vida causa, se perdeu e nunca mais se encontrou.

E como rezei para que se encontrasse. Como desejei que você

encontrasse a tão esperada luz no fim do túnel. Como esperei para que você chegasse ao seu fundo do poço e tivesse forças para dar um impulso e então, retornasse à superfície.

Você já tinha conseguido uma vez. Eu tinha esperanças que conseguisse de novo.

Mas não aconteceu. Você se afogou.

Quer saber? O mundo é que não estava preparado para a sua ingenuidade e sensibilidade, eu conheci o seu melhor e o seu pior e é por isso que tenho tanta certeza de que você foi e sempre será alguém especial, o anjo de pele pálida e sorriso triste que me ensinou a amar.

Você me fez ser forte, me mostrou o quanto eu podia aguentar, mesmo quando eu acreditava que não.

Você me ensinou a ter fé. E mesmo agora que você não está mais aqui, eu me apego à essa fé porque preciso dela para acreditar que se ainda não está em um lugar melhor, um dia, em breve, estará.

Da pior maneira possível, você me ensinou uma das lições mais importantes da minha vida: a apreciar o hoje, a viver o só por hoje. Era o que acontecia nos dias em que você vencias as drogas ao invés delas vencerem você.

Eu só queria ter podido dizer que eu jamais me arrependi. Que apesar de toda dor, apesar de todo sofrimento, ter conhecido alguém com uma alma tão pura, foi uma honra.

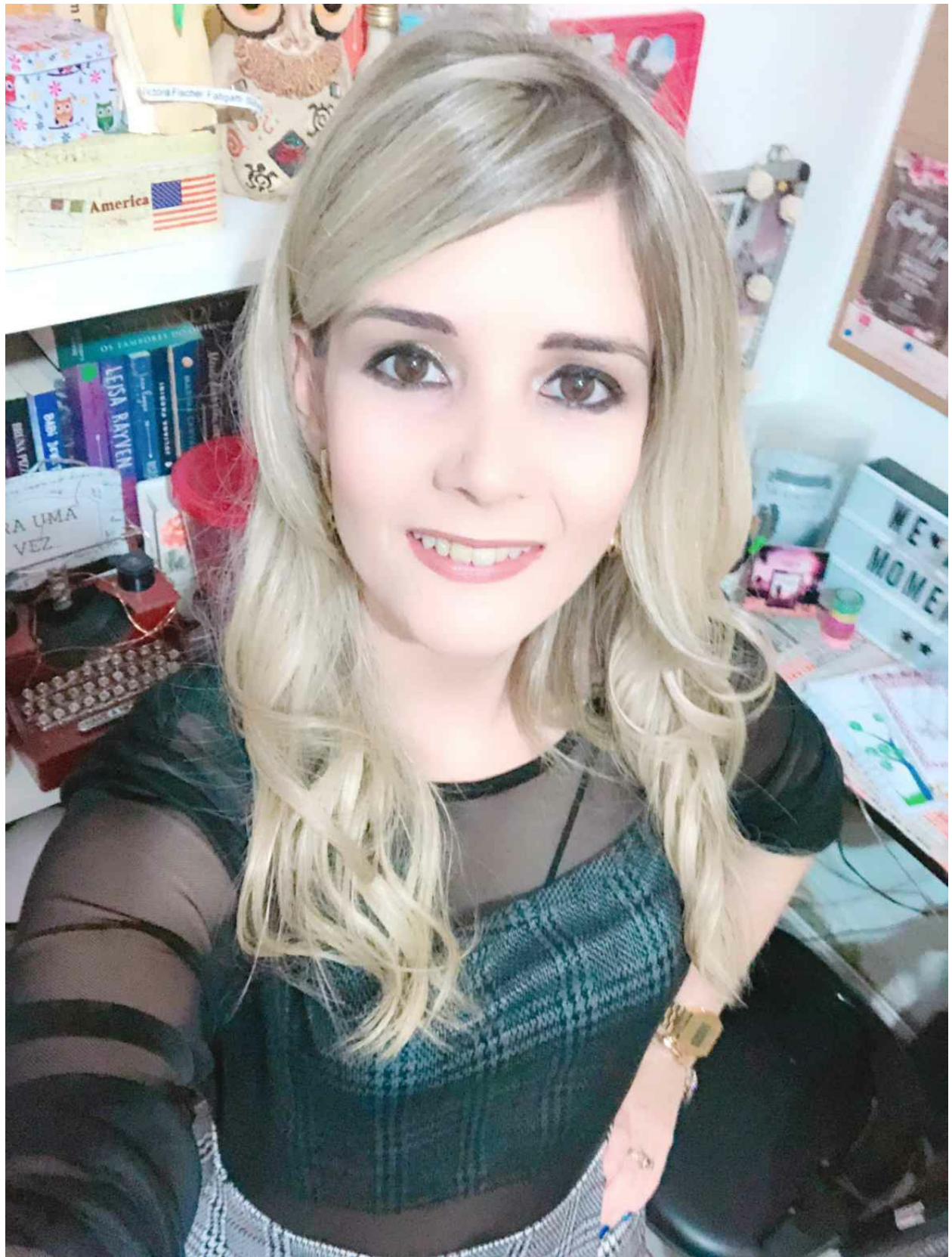
Descanse em paz, anjo Gabriel. Que o Poder Superior o perdoe pelas suas fraquezas e o receba de braços abertos.

Que você me perdoe por eu não ter tido forças suficientes para continuar e saiba que não há nada que eu precise perdoar em você.

Eu conheci um anjo, e só por isso, digo que Valeu A Pena.

SOBRE A AUTORA

Giulliana Fischer Fatigatti



Nascida em 16 de julho de 1984, considera-se a própria manifestação da palavra romântica, ama chocolates, livros, música e seu cachorro Hero. Sente saudades do seu cachorro Yoshi e de várias pessoas que já partiram.

Casada há quinze anos e mãe de uma garota de treze, brinca, dizendo que vive em vários mundos, o da imaginação é um deles. Acredita nas “leis” da Causa e Efeito e Ação e Reação e defende a ideia de que isso é uma questão de lógica, pura física e não só esotérica, como muitos pensam.

Romântica ao extremo. Dramática por natureza e, também por opção.

Amante das palavras, com suas vírgulas, exclamações, interrogações, pontos finais e principalmente, as reticências.

Autora também do romance Momento Errado, publicado pela editora Callenda.

Redes Sociais

Facebook:

[www.facebook.com\giullianafischerfatigatti](http://www.facebook.com/giullianafischerfatigatti)

Fanpage Facebook:

@livrovaleuapena

Instagram:

@giulli_escritora